



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação

Gabriel Oliveira de Carvalho

**Consultoria Colaborativa em Educação Financeira para professores das
séries iniciais do Ensino Fundamental**

Rio de Janeiro

2024

Gabriel Oliveira de Carvalho

**Consultoria colaborativa em Educação Financeira para professores das
séries iniciais do Ensino Fundamental**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador (a) (es): Prof.^a Dra. Cláudia Hernandez Barreiros Sonco

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

C331	<p>Carvalho, Gabriel Oliveira de</p> <p>Consultoria colaborativa em Educação Financeira para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. / Gabriel Oliveira de Carvalho - 2024.</p> <p>125 f.</p> <p>Orientadora: Cláudia Hernandez Barreiros Sonco.</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAp/UERJ.</p> <p>1. Ensino Fundamental - Teses. 2. Educação financeira - Teses. 3. Formação de professores. I. Sonco, Cláudia Hernandez Barreiros. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAp/ UERJ. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 373:51</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabriel Oliveira de Carvalho

Consultoria colaborativa em Educação Financeira para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 10 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cláudia Hernandez Barreiros Sonco (Orientador)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira — UERJ

Prof.^a Dra. Gabriela Félix Brião (Avaliadora Interna)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira — UERJ

Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida (Avaliador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba — UEPB

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Com profunda gratidão, dedico esta tese a Deus, cuja orientação e inspiração foram a força motriz por trás de cada passo deste percurso. Sua presença constante e Sua graça generosa foram a luz que iluminou meu caminho e sustentou minha jornada. Que este trabalho seja uma expressão do meu reconhecimento pela Sua infinita bondade e sabedoria. A Ele, que é digno de toda honra e louvor, dedico este trabalho com humildade e reverência. Que Seu nome seja exaltado agora e para sempre. Amém.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, manifesto minha profunda gratidão a Deus pela oportunidade concedida de ingressar no curso de mestrado em uma renomada instituição pública no estado do Rio de Janeiro. Não posso deixar de reconhecer o apoio inestimável de meus familiares ao longo dos anos, cujo suporte tem sido fundamental para o meu progresso acadêmico. À minha esposa, Tatiana dos Santos, expresso minha sincera gratidão por seu constante apoio, suporte incondicional e por ser minha companheira e amiga nesta jornada desafiadora. Agradeço profundamente a Ana Maria, cuja compreensão e generosidade foram exemplares ao permitir minha ausência no horário de trabalho para frequentar as disciplinas do mestrado. Não poderia deixar de mencionar a gratidão que sinto por Ana Luzia, que, muitas vezes, cuidou carinhosamente de minha filha, Sophia, enquanto eu me dedicava aos estudos. A todas as demais pessoas que contribuíram de alguma forma para meu crescimento e sucesso, meu mais sincero agradecimento. Seus apoios foram cruciais para minha jornada acadêmica. Além disso, sou imensamente grato à minha orientadora, Prof.^a Dra. Cláudia Hernandez Barreiros Sonco, cujas orientações e suporte foram imprescindíveis ao longo deste percurso. Sem sua orientação e insights, nada disso seria possível.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

RESUMO

OLIVEIRA de CARVALHO, Gabriel. **Consultoria colaborativa em Educação Financeira para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2024. 125 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Nosso estudo busca capacitar professores das séries iniciais do Ensino Fundamental conscientizando-os acerca da importância da Educação Financeira para os alunos das séries iniciais. Com a implementação da Base Nacional Curricular Comum – BNCC a Educação Financeira passou a fazer parte do currículo nacional. Na formação de professores não é trabalhado nada a respeito da Educação Financeira e com isso, os profissionais da área não se sentem seguros em abordar o tema em suas aulas. Essa pesquisa, de natureza qualitativa, contou com a participação de cinco professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, todos concursados na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que se inscreveram através de link do Google forms publicado nas redes sociais. Inicialmente fizemos uma entrevista com esses profissionais para saber o seu envolvimento com a Educação Financeira e pudemos constatar que mesmo sem ter tido contato com esse tema em sua formação, alguns professores interessados no assunto em algum momento de sua carreira tinham participado de formações ou buscaram por conta própria este conhecimento. Esta pesquisa, se deu no formato de consultorias colaborativas através de videoconferência pelo Google Meet e foram abordados os seguintes temas nas consultorias; Consultoria colaborativa e Educação Financeira, Interdisciplinaridade e Educação Financeira, Educação Financeira e Sustentabilidade, A casa da gente, assim como nosso país precisa de orçamento e Educação Financeira ao ir ao mercado. O desdobramento da pesquisa resultou na construção de um produto educacional que foi a criação de um canal na plataforma YouTube, visando aprimorar a compreensão e aplicação dos conceitos financeiros. Temos como propósito oferecer suporte aos educadores, capacitando-os a interagir de forma eficiente a Educação Financeira em sua prática pedagógica. Dessa forma, destacamos a importância da Educação Financeira desde cedo e a necessidade da implementação da mesma no ambiente escolar para que os alunos desenvolvam um pensamento crítico e reflexivo sobre o uso do dinheiro.

Palavras-chaves: Educação Financeira. Ensino Fundamental. Formação de Professores.

ABSTRACT

OLIVEIRA de CARVALHO, Gabriel. **Collaborative consulting in Financial Education for elementary school Early Grades teachers**. 2024. 125 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Our study aims to empower teachers in the early grades of elementary education by raising their awareness about the importance of financial education for early-grade students. With the implementation of the Common National Curricular Base (BNCC), financial education has become part of the national curriculum. However, in teacher training, there is no focus on financial education, leaving educators feeling uncertain about addressing the topic in their classes. This qualitative research involved five elementary school teachers, all civil servants in the City of Rio de Janeiro, who signed up through a Google Forms link posted on social media. Initially, we conducted interviews with these professionals to gauge their involvement with financial education. We found that even though they had not been exposed to this topic in their training, some teachers, interested in the subject at some point in their careers, had attended workshops or sought this knowledge on their own. The research took the form of collaborative consultations via video conferencing through Google Meet. The consultations covered various topics including Collaborative Consulting and Financial Education, Interdisciplinarity and Financial Education, Financial Education and Sustainability, Household Budgeting, and Financial Education in Market Transactions. The outcome of the research led to the development of an educational product, which was the creation of a channel on the YouTube platform, aiming to enhance understanding and application of financial concepts. Our purpose is to provide support to educators, equipping them to effectively integrate financial education into their pedagogical practice. Thus, we emphasize the importance of financial education from an early age and the necessity of its implementation in the school environment so that students develop a critical and reflective understanding of money management.

Keywords: Financial Education. Elementary Education. Teacher Training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modelo de Consultoria colaborativa.....	46
Figura 2. Visão geral do processo de consultoria colaborativa.....	47
Figura 3. Círculo de Roqueplo e a estrutura interdisciplinar.....	53
Figura 4 . Dados Estratégia Nacional de Educação Financeira.....	56
Figura 5. Educação Financeira e Sustentabilidade.....	59
Figura 6. Compras mensais.....	76
Figura 7. Compras semanais.....	76
Figura 8. Etapas do Estudo de Caso.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de planilha de orçamento familiar.....	66
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CBV	Comissão da Bolsa de Valores
CONEF	Comissão Nacional de Educação Financeira
COREMEC	Comissão de Regulação e Supervisão de Mercados, Capital, Seguros, Planos de Previsão Financeira e Capitalização
CNC	Conselho Nacional do Comércio
CNE	Conselho Nacional de Educação
EAD	Ensino a distância
ENEAF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEF	Instituto de Estudos Financeiros
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
PPGEB	Programa de Pós-Graduação de Educação Básica
RJ	Rio de Janeiro
SUSEP	Superintendência de Seguros Privados
TCTs	Temas Transversais Contemporâneos
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo geral.....	14
2.2 Objetivos específicos	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 A Educação Financeira	16
3.2 Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	18
3.3 O que a educação financeira deve abranger	24
3.4 Importância e efeitos do ensino da educação financeira no contexto escolar	28
3.5 Formação dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental	32
4 METODOLOGIA	41
4.1 Primeira Consultoria	42
4.1.1 Consultoria colaborativa e educação financeira	42
4.1.1.1 Consultoria colaborativa - definição	43
4.1.1.2 Relevância da consultoria colaborativa em educação financeira para professores das séries iniciais	48
4.2 Segunda Consultoria	50
4.2.1 Educação financeira e interdisciplinaridade	50
4.2.1.1 Interdisciplinaridade	50
4.2.1.2 Educação financeira de forma interdisciplinar	53
4.3 Terceira Consultoria	58
4.3.1 Educação financeira e sustentabilidade	58
4.4 Quarta Consultoria	62
4.4.1 A casa da gente, assim como nosso país precisa de orçamento	62
4.4.2 Receitas	68
4.4.3 Despesas	70
4.5 Quinta Consultoria	74
4.5.1 Educação financeira ao ir ao mercado	74
4.5.1.1 Relevância e dicas de educação financeira no supermercado	74
4.5.2 A importância da construção de um mercado na sala de aula para alunos das séries iniciais	78
4.5.3 Trabalhando com os alunos a educação financeira ao ir ao mercado	78
4.6 Caracterização da Pesquisa	80

4.6.2 Problema	80
4.6.1 Hipótese	81
4.6.2 Justificativa	81
4.7 Tipo de Pesquisa	83
4.8 Produto	88
5. RESULTADOS	90
6. DISCUSSÃO	92
6.1 Primeira consultoria colaborativa	92
6.2 Segunda consultoria colaborativa	99
6.3 Terceira consultoria colaborativa	102
6.4 Quarta consultoria colaborativa	108
6.5 Quinta consultoria colaborativa	113
7. CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	119

1. INTRODUÇÃO

A educação financeira tornou-se uma competência essencial para a formação integral dos indivíduos, especialmente em um cenário econômico global marcado por crises frequentes e mudanças rápidas. No Brasil, a inclusão da educação financeira no currículo escolar emerge como uma necessidade urgente para capacitar futuros cidadãos a tomar decisões econômicas conscientes e responsáveis. Nesse contexto, a formação de professores das séries iniciais desempenha um papel crucial, pois são esses educadores que introduzem os primeiros conceitos financeiros às crianças.

Este estudo investiga a eficácia da consultoria colaborativa como uma estratégia para capacitar professores das séries iniciais em educação financeira. A consultoria colaborativa, caracterizada pelo trabalho conjunto entre consultores e educadores para o desenvolvimento de competências específicas, oferece um modelo promissor para a formação continuada de professores. Diferentemente das abordagens tradicionais, essa metodologia promove a troca de experiências, a construção conjunta do conhecimento e a aplicação prática dos conceitos aprendidos.

A relevância deste estudo está em sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento profissional dos professores, oferecendo uma abordagem inovadora e eficaz para a formação em educação financeira. Além disso, ao melhorar a qualidade da educação financeira nas séries iniciais, espera-se que os alunos adquiram desde cedo habilidades essenciais para a gestão de suas finanças pessoais, com reflexos positivos a longo prazo.

A metodologia adotada para este estudo será qualitativa, utilizando consultorias colaborativas, e análise documental como principais métodos de coleta de dados. A análise será realizada através da técnica de análise de conteúdo, buscando identificar padrões relevantes sobre a prática da consultoria colaborativa.

A tese está organizada em oito capítulos. No primeiro capítulo, será apresentada a fundamentação teórica sobre educação financeira. O segundo capítulo abordará o que a educação financeira abrange, a Base Nacional Comum (BNCC), a importância e os efeitos da educação financeira no contexto escolar, fundamentação teórica sobre consultoria colaborativa, com os temas consultoria colaborativa e educação financeira, consultoria colaborativa e interdisciplinaridade. No terceiro capítulo, consultoria colaborativa e sustentabilidade, consultoria colaborativa a casa da gente, assim como nosso país precisa de orçamento, consultoria colaborativa educação financeira ao ir no mercado, relevância e dicas

de educação financeira no supermercado. No quarto capítulo descreverá a metodologia da pesquisa, caracterização da pesquisa, o problema, a hipótese e a justificativa. O quinto apresentará os objetivos geral e específicos, tipo de pesquisa, coleta e análise dos dados e apresentação do produto. No sexto serão discutidos os resultados obtidos, seguidos de uma análise detalhada. O sétimo a discussão e a transcrição das falas dos professores nas consultorias realizadas. O oitavo e último capítulo apresentará as conclusões e recomendações para futuras pesquisas e práticas educacionais.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a importância do ensino e aprendizagem escolar de educação financeira para professores e alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar os conceitos de Educação Financeira.
- Discutir o que a educação financeira deve abranger.
- Compreender de que forma o ensino e aprendizado de educação financeira pode trazer benefícios para a sociedade no contexto atual.
- Criar um canal no *youtube* falando sobre a Educação Financeira.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As finanças pessoais existem há vários séculos, quase desde que o dinheiro existe, mas não foram definidas como tal e, desde então, foram aplicadas inadvertidamente pela população em geral, uma vez que todos temos a ver com dinheiro no país. dia a dia. Com o tempo, as finanças pessoais foram definidas de várias maneiras, como conceito, ferramenta, arte, ciência e, recentemente, como disciplina ou profissão, que se refere à maneira como o indivíduo se relaciona ao dinheiro, receitas e despesas. No entanto, apesar de sua importância, estes não foram estruturados como uma parte importante nos campos educacionais, nem no nível de textos e publicações relacionados. A incorporação desse conhecimento foi deixada ao acaso e foi adquirida empiricamente pela maioria da população.

Sua importância não foi considerada decisiva, pois os resultados não eram tão evidentes e pouco importantes; mas essa importância foi exaltada ciclicamente, e principalmente nos últimos anos: no final do século passado e até agora este ano, o interesse por elas aumentou.

Recentemente, a tendência na literatura revisada mostra que as finanças pessoais se tornaram uma profissão interdisciplinar, que merece ser incluída em todos os níveis do ensino básico e superior. Esse interesse foi dado como resultado de avanços tecnológicos, globalização, gerenciamento de informações em tempo real, complexidade contínua que aparece no cenário de gerenciamento financeiro para os diferentes produtos aos quais o acesso está disponível e, é claro, De uma maneira muito importante, como resultado das crises vivenciadas nas últimas décadas, onde é evidente como uma parte muito importante do problema tem sido a ignorância financeira e a imprudência de investidores individuais, no gerenciamento de produtos de risco.

Tudo isso levou as diferentes entidades governamentais, educacionais, reguladoras e os Estados a considerar seriamente sua implementação em contextos educacionais e em diferentes níveis, não apenas na universidade, mas também no ensino médio e básico, bem como na população em geral, para quais estratégias orientadas para esse fim foram elaboradas. Com isso, pretende-se proteger não apenas o investidor, mas também a economia global, de novas crises, como as que foram vistas recentemente, e melhorar o desempenho macroeconômico dos países e das diferentes economias mundiais. É por isso que a tendência encontrada nos documentos revisados é considerar que as finanças pessoais são a pedra angular não apenas do crescimento econômico individual, mas também do crescimento,

estabilização e proteção da economia mundial. Assim, neste capítulo, se revisa a educação financeira escolar no contexto brasileiro.

3.1 A Educação Financeira

As finanças, definidas como a arte e a ciência da administração do dinheiro, e o ser humano, enquadrado como uma pessoa economicamente ativa que coleta dinheiro e gasta ou investe, têm uma relação direta e independente de seus desejos, dado que é inerente à evolução diária da atividade normal, uma vez que o indivíduo trabalha, ganha dinheiro, come, compra, precisa de roupas, saúde, serviços etc., e deseja seu bem-estar e felicidade (WISNIEWSKI, 2011).

Cenci, Pereira e Barichello (2015) definem educação financeira como o processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, atitudes, padrões, normas e comportamentos que contribuem para a construção da capacidade financeira e do bem-estar da pessoa e de sua família, que constituem um processo que continua ao longo dos diferentes períodos da vida da pessoa; isto é, durante o seu ciclo de vida. Atualmente, os fornecedores dessas informações são algumas entidades educacionais, financeiras, governos, empresas, revistas especializadas, jornais e consultores financeiros, entre outros.

Também, conforme a OCDE, a educação financeira pode ser considerada como processo segundo o qual o consumidor ou o investidor financeiro podem melhorar seu entendimento sobre produtos e conceitos financeiros e, através de informações, instruções ou conselhos objetivos, são capazes de desenvolver habilidades e confiança que são importantes para que se tornem mais conscientes dos riscos e das oportunidades financeiras, de forma a fazer escolhas informadas, saber para onde procurar ajuda e tomar outras ações eficazes para melhorar seu bem-estar financeiro. Onde (CENCI PEREIRA; BARICHELO, 2015; OCDE, 2005):

- As informações envolvem fornecer aos consumidores fatos, dados e conhecimentos específicos para conscientizá-los das oportunidades, escolhas e consequências financeiras;
- A instrução envolve garantir que os indivíduos adquiram as habilidades e a capacidade de entender termos e conceitos financeiros, através do fornecimento de treinamento e orientação; e

- O aconselhamento envolve o aconselhamento dos consumidores sobre questões e produtos financeiros genéricos, para que eles possam fazer o melhor uso possível das informações e instruções financeiras recebidas.

A educação financeira também precisa ser diferenciada da proteção do consumidor, embora exista alguma sobreposição entre os dois. A proteção do consumidor e a educação financeira compartilham muitos dos mesmos objetivos, mas cada um adota uma abordagem um pouco diferente. Tanto a educação financeira quanto a proteção do consumidor têm como objetivos garantir o bem-estar dos consumidores e protegê-los de danos. O fornecimento de informações sobre questões financeiras é comum a ambos. No entanto, a educação financeira complementa essas informações com o fornecimento de instruções e conselhos, enquanto a proteção do consumidor enfatiza a legislação e a regulamentação projetadas para impor padrões mínimos, exige que as instituições financeiras forneçam aos clientes informações apropriadas, fortaleçam a proteção legal dos consumidores quando algo der errado e forneçam para sistemas de reparação (GRAVINA, SILVA, 2011; CENCI; PEREIRA; BARICHELLO, 2015).

A educação financeira e a proteção do consumidor não são substitutas, mas complementos. Este último fornece uma rede de segurança para os consumidores que não podem ou não desejam melhorar sua alfabetização financeira. É importante para o bem-estar do consumidor e para o funcionamento eficaz dos mercados financeiros que os consumidores tenham pleno conhecimento da gama de produtos disponíveis e de vários direitos e obrigações contratuais (KRÜGER, 2014).

Alguns consumidores podem adquirir esse conhecimento por meio de programas de educação financeira. No entanto, como mencionado, outros podem ser incapazes ou pouco dispostos a fazê-lo e, para esses indivíduos, a proteção do consumidor é importante. Além disso, como a adequação ou a inadequação de produtos financeiros pode não ser conhecida há anos, a proteção do consumidor pode beneficiar todos os consumidores, garantindo que eles não apenas saibam o que estão recebendo quando compram um produto financeiro, mas também que é um produto adequado para suas necessidades (WISNIEWSKI, 2011).

A educação financeira beneficia indivíduos em todas as fases da vida, independentemente do nível de renda. Faz as crianças entenderem o valor do dinheiro e da poupança; prepara os jovens para viverem de forma independente amanhã e ajuda os adultos a planejarem decisões básicas, como comprar uma casa, manter uma família, financiar os estudos de seus filhos ou se preparar para a aposentadoria (KRÜGER, 2014).

Também ajuda famílias e indivíduos a ajustarem suas decisões de investimento e consumo de produtos financeiros relacionados ao seu perfil de risco, suas necessidades e expectativas, o que favorece a confiança e a estabilidade do sistema financeiro. E educação financeira tem a capacidade de promover o desenvolvimento de novos produtos e serviços de alta qualidade, a concorrência entre mercados e fornecedores e a inovação financeira. E, finalmente, favorece a poupança, o que adiciona liquidez adicional ao mercado de capitais, um aspecto fundamental para promover o crescimento, o emprego e o bem-estar social. (KRÜGER, 2014; OCDE, 2005).

3.2 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) surgiu preliminarmente em 26 de setembro de 2015, visando nortear o currículo do ensino básico brasileiro, em meio a um cenário conflituoso derivada de um esforço conjunto em buscar uma uniformização das intenções de ensino. A Base Nacional Curricular Comum tem o objetivo de estabelecer uma norma curricular comum em todo o território brasileiro, definindo os saberes base para os anos iniciais, ensino fundamental e médio. Visando expor quais são as competências gerais, bem como a sequência de ensinamentos previstos. A BNCC é considerada essencial para diminuir as desigualdades existentes no Brasil, pois é sabido que países mais desenvolvidos já organizaram o ensino através das bases nacionais (PERTUZATTI; DICKMANN, 2019).

A proposta preliminar, o que ocorreu em setembro de 2015, foi feita por uma comissão de 116 especialistas de 37 universidades de todas as partes de nosso país, porém criou polêmicas, esta proposta ficou disponível para envio por parte de professores, gestores de instituições e o público em geral até março do ano seguinte; na versão posterior objetivou determinar os conteúdos mínimos que os alunos do país terão que aprender a cada etapa vencida da educação básica. Esta pesquisa irá se concentrar na terceira proposta da Base que foi lançada foi lançada no mês de abril de 2017. As primeiras versões passaram por uma série de etapas visando aperfeiçoar o conteúdo da base em construção, reformulações geraram o terceiro documento que foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e após a

avaliação do CNE a BNCC será encaminhada para o MEC para a homologação (FREITAS; SILVA; LEITE, 2018).

A Base Nacional Curricular Comum tem o objetivo de estabelecer uma norma curricular comum em todo o território brasileiro, definindo os saberes base para os anos iniciais, ensino fundamental e médio. Visando expor quais são as competências gerais, bem como a sequência de ensinamentos previstos para a educação básica. Essa iniciativa governamental conta com a elaboração em conjunto de profissionais da educação de diversas áreas de conhecimento, entidades representativas, escolas, universidades, ONGs e comunidade em geral. Segundo o Ministério da Educação tal multiplicidade de profissionais e pontos de vistas, seguindo um critério científico e democrático possibilita a construção de uma BNCC que atenda às necessidades e preencha as lacunas que existem na educação básica brasileira. A Base não expõe uma listagem de conteúdos que devem ser ensinados e sim uma descrição das intenções educativas (PERTUZATTI; DICKMANN, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. (BRASIL, 1996, p. 7).

A primeira proposta preliminar da BNCC foi disponibilizada de setembro de 2015; A segunda versão foi disponibilizada em maio de 2016 e a terceira foi lançada no mês de abril de 2017. As primeiras versões passaram por uma série de etapas visando aperfeiçoar o conteúdo da base em construção, reformulações geraram o terceiro documento que foi encaminhado ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e após a avaliação do CNE a BNCC será encaminhada para o MEC para a homologação. A previsão é de que a BNCC passe a ser aplicada a partir de 2019 (SOUZA et al., 2019).

Segundo o MEC haverá uma capacitação dos profissionais da educação afim de habilitar para que possam efetivar os ajustes necessários para a aplicação da Base no cotidiano escolar. No que se refere ao campo das Ciências Humanas, na qual a disciplina de história está inserida existe na BNCC uma descrição que abrange dos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Expondo objetivos de aprendizagem para cada etapa, aspectos como conhecimentos históricos e linguagens e procedimentos de pesquisa são debatidos ao longo de texto.

A elaboração da BNCC é cercada por conflitos de interesses antagônicos, pois antes mesmo da Base ser escrita e desenvolvida em conjunto, “O Movimento o movimento pela

Base Nacional Comum” foi elaborado em 2013 por instituições mantidas pela iniciativa privada. Órgãos públicos afirmando o sucesso da formulação de Bases Nacionais em outros países como por exemplo o Chile e EUA e países da Europa. Não é inédito no Brasil o desejo de formular uma Base Comum (FREITAS; SILVA; LEITE, 2018).

Faz-se de extrema importância esclarecer que a formulação de uma BNCC não representa uma iniciativa do governo, uma vez que esta é uma exigência prevista pela Lei de Diretrizes e Base em seu artigo 26 que assim prevê:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, 1996, p. 11)

O Plano Nacional de Educação também cita a BNCC ao estabelecer que como estratégias:

pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5º do art. 7º desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino fundamental; (BRASIL, 2014, p. 4)

Bem como,

estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local; (BRASIL, 2014, p. 8)

Ressalva-se ainda que as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica, o qual indica em seu texto o seguinte:

estão reunidas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. São estas diretrizes que estabelecem a base nacional comum, responsável por orientar a organização, articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras. (BRASIL, 2013, p. 4)

É o mesmo que afirmar, que a formulação desse documento consiste em uma discussão imprescindível, tendo como base legal que em sua versão final tenha como compromisso apontar os “Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento que devem orientar a elaboração de currículos para as diferentes etapas de escolarização” (BRASIL, 2016, p. 24).

Aproximando-se mais do cotidiano da escola e em especial do trabalho docente, de forma bastante pragmática, pode-se destacar que um documento como a BNCC tem por

objetivo “apontar aquilo que qualquer estudante em todo território brasileiro precisa aprender desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio” (BRASIL, 2015). A formação focada na formação cidadã é o que norteia a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A BNCC determina que os conteúdos aprendidos na escola estejam conectados com as necessidades da sociedade, de modo que a formação escolar deve instrumentalizar os indivíduos para o exercício de sua cidadania. Por esse motivo, o documento aborda em diferentes áreas do conhecimento a necessidade de uma formação pautada na defesa dos direitos humanos.

Os direitos humanos são os direitos que temos simplesmente porque existimos como seres humanos; eles não são conferidos por nenhum estado. Esses direitos universais são inerentes a todos nós, independentemente de nossa nacionalidade, sexo, nacionalidade ou origem étnica, cor, religião, idioma ou qualquer outro status. Vão desde os mais básicos, como o direito à vida, até aqueles que fazem nossa vida valer a pena, como o direito à alimentação, educação, trabalho, saúde e liberdade.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, foi o primeiro documento legal destinado a proteger universalmente os direitos humanos básicos. Nota-se que a educação está entre os direitos humanos. Sendo assim, a BNCC, em seus princípios orientadores, indica que existem direitos de aprendizagem, todos eles relacionados ao aprendizado integrado ao contexto cultural e na formação psicossocial. Entre os direitos de aprendizagem, estão elencados conviver com outras crianças e adultos, brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, participar ativamente, explorar, expressar e conhecer-se. Esses direitos se relacionam com os direitos humanos na medida em que indicam a necessidade de uma educação baseada no respeito as necessidades de desenvolvimento infantis e na construção de um relacionamento crítico e ativo entre a criança e a sociedade.

A BNCC é um documento pautado em aspectos relacionados ao desenvolvimento humano e social, buscando indicar possibilidades de formação de cidadãos conscientes e instrumentalizados para uma ação no mundo. Por esse motivo, a responsabilidade ambiental também está expressa no documento, por meio do estímulo a ações focadas na preservação e conscientização a respeito dos problemas relacionados a natureza, em consonância com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Segundo Teixeira, Silva e Lima (2020), o chamado currículo real é constituído tendo por base uma série de processos e significados que envolvem a cultura escolar. Isso nos lembra que o processo de formação dos sujeitos e a relação entre docentes e discentes é demasiado complexa, dependendo de diversos fatores, de uma rede de impressões e

informações que não podem ser quantificadas. Visto que a cultura não é apenas um reflexo da infraestrutura, sendo na verdade algo presente em toda a sociedade não é possível dissociar a cultura do ambiente escolar. Assumir essa ligação não significa que a escola e os licenciados percam o seu caráter científico, mas sim estreita o conhecimento histórico com a prática bem como os acontecimentos sociais.

A abordagem da integração do currículo (bem como o de interdisciplinaridade) para a Educação Básica, foi fortalecido na cena educacional brasileira, na década de 90, com a publicação dos PCN (BRASIL, 1998). Nesse documento, os conteúdos disciplinares começaram a ter uma visão como meios para que se tornassem competências e valores, e não como objetivos de ensino em si mesmos, em que as seguintes áreas do conhecimento elementos centrais da organização curricular: Linguagens Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.

A legitimidade do saber docente e do desenvolvimento profissional é permeada pelas experiências, saberes científicos e pedagógicos que constituem o professor. Neste curso devemos destacar “os desafios impostos pela multiplicação das tecnologias e da cultura digital dos últimos tempos que têm a juventude como seus principais protagonistas, trazendo desafios enfrentados pelos professores para se apropriarem desses recursos” (BRASIL, 2018, p. 61).

Com base nessa assertiva sobre os desafios da formação de professores, esta seção tem como aspecto fundamental tratar da formação de professores a partir das diretrizes do BNCC, relacionando-a com o saber docente, especialmente o uso de recursos tecnológicos e processos de ensino e aprendizagem. Partimos do pressuposto de que a formação de professores deve valorizar o conhecimento da experiência, pois, por meio dela, o sujeito tem a possibilidade de refletir sobre sua prática docente. A interdisciplinaridade contribuirá de forma efetiva para a formação da identidade profissional do professor, conforme se manifesta nas proposições do BNCC. Costa (2020) destaca que é necessário haver uma articulação entre as bases teóricas que sustentam o ensino de línguas e o desenvolvimento de competências que permitam a análise e a escolha de contextos de intervenção para o ensino.

De acordo com a BNCC, os estudantes devem ter a educação norteada por itinerários formativos capazes de integrar os conhecimentos curriculares as suas necessidades profissionais e de conhecimentos necessários para a atuação na sociedade. Tais itinerários são formados pelos eixos estruturantes investigação científica, mediação e intervenção sociocultural, processos criativos e empreendedorismo (CERICATO; CERICATO, 2018).

Em relação a matemática e suas tecnologias, propõe-se que, no ensino fundamental e médio, sejam integrados conteúdos relacionados a educação financeira, por meio da investigação científica a respeito do consumo e seus efeitos da sociedade contemporânea, da construção de modos de comportamento financeiro consciente e na discussão sobre como o consumo consciente pode contribuir com uma sociedade mais sustentável. Com o tema educação financeira, é possível desenvolver uma atividade de gestão do orçamento escolar na qual todos os alunos participem (TEIXEIRA; SILVA; LIMA, 2020).

No que se refere a linguagem e suas tecnologias, é importante que os alunos consigam produzir investigações a respeito de como as tecnologias mediam e interferem nos processos de comunicação e produção da linguagem na contemporaneidade, sendo capazes não somente de compreenderem os diferentes modos de comunicação existentes, como também agirem de maneira ativa na produção de conteúdo, buscando a autonomia em relação a linguagem e novas formas de expressão. Com o tema linguagem e tecnologias nas redes sociais, por exemplo, é possível propor uma atividade na qual os alunos produzam conteúdo para redes sociais nos quais falam a respeito de um problema de suas comunidades (CERICATO; CERICATO, 2018).

Em relação as ciências humanas e sociais aplicadas, é importante que os alunos consigam, por exemplo, compreender como o voto é importante para a construção de uma sociedade democrática. Por esse motivo, os estudos em ciências sociais devem alinhar a pesquisa a respeito da construção da democracia com atividades que permitam aos alunos compreenderem o papel da democracia em nossa vida social. Com o tema democracia, é possível desenvolver um processo de gestão democrática no qual os alunos participem das decisões escolares, por meio da constituição de representantes de turma, grêmios estudantis e da participação na tomada de decisões (COSTA, 2020).

As 10 competências da BNCC são: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; e responsabilidade e cidadania. Documentos oficiais norteadores das práticas pedagógicas como a BNCC apresentam conteúdos e competências esperadas para determinadas etapas da educação. Isso não significa que esses conteúdos tenham que ser trabalhados nos modelos propostos (MARCHELLI, 2017).

Existem especificidades regionais e culturais para as quais os conteúdos curriculares devem ser adaptados. Esse processo ocorre por meio da flexibilização e da adaptação curriculares. A flexibilização diz respeito a necessidade de adequação do currículo a tempos,

espaços e modos de aprender distintos. Se para uma criança matriculada em uma escola regular a idade na qual se espera que ela esteja no processo de alfabetização é aos 6 anos, na escola indígena é aos 10 anos, em algumas comunidades. Crianças que estão sendo alfabetizada em áreas urbanas não terão os mesmos interesses que aquelas que estudam em áreas rurais (TEIXEIRA; SILVA; LIMA, 2020).

3.3 O que a educação financeira deve abranger

O Conselho da OCDE aprovou em julho de 2005 uma resolução recomendando aos países membros a promoção da educação financeira para seus cidadãos, para a qual indica uma série de princípios e boas práticas. Em suas recomendações, a OCDE reconhece a necessidade de promover programas de educação financeira voltados para todos os cidadãos, começando pela escola, adaptados às necessidades e características de cada grupo populacional. Em seu conteúdo, devem cobrir aspectos essenciais, como planejamento financeiro, poupança, endividamento, seguros e pensões (OCDE, 2005).

No Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira começou como uma iniciativa dos reguladores financeiros. Posteriormente, outras agências governamentais e organizações do setor privado foram convidadas a participar (WISNIEWSKI, 2011).

Começou em 2007 como uma iniciativa da Comissão de Regulação e Supervisão de Mercados, Capital, Seguros, Planos de Previsão Financeira e Capitalização (COREMEC), um comitê que reúne os quatro reguladores financeiros do país: o Banco Central, a Comissão da Bolsa de Valores (CBV), da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) e da Superintendência Nacional de Fundos de Pensão (PREVIC). O COREMEC criou um grupo de trabalho coordenado pela CBV para elaborar políticas públicas e, em 2009, outro grupo coordenado pela SUSEP foi estabelecido para implementar a proposta apresentada pelo primeiro grupo de trabalho. Os Ministérios da Educação, Justiça, Finanças e Assuntos Sociais fizeram parte desta tarefa, assim como muitos órgãos de autorregulação no setor financeiro, associações de participantes e investidores no mercado de ações e outros representantes da sociedade civil (CENCI; PEREIRA; BARICHELLO, 2015).

Uma das iniciativas foi um programa para escolas coordenado pela CBV. A Estratégia também planejou programas transversais (por exemplo, um projeto de educação financeira

para adultos coordenado pelo Banco Central) e iniciativas em diferentes mercados (por exemplo, planejamento financeiro, investimentos, seguros, planos de aposentadoria) coordenados por cada regulador financeiro (WISNIEWSKI, 2011).

Um programa de educação social e financeira bem executado e equilibrado pode melhorar a autoestima das crianças e adolescentes e torná-los mais conscientes de seu papel único e importante na sociedade. O empoderamento de crianças e jovens, conscientizando seus direitos e responsabilidades e melhorando sua alfabetização financeira, habilidades e conhecimento empresarial, os capacita a se beneficiar da inclusão financeira oficial e de oportunidades econômicas, aumentando, por fim, suas chances de obter meios sustentáveis de ganhar a vida e sair da pobreza (CAMPOS, 2013).

O programa de educação financeira familiar inserido nas escolas consiste em três componentes principais: habilidades práticas para a vida, educação financeira e meios de ganhar a vida. Juntos, os componentes visam aumentar as habilidades práticas da vida, mudar comportamentos financeiros, estimular a atividade empreendedora e aumentar a capacidade e a capacidade financeira (PICCINI; PINZETTA, 2014).

A educação prática da vida aborda um amplo espectro de áreas de conteúdo. Ele incorpora habilidades práticas genéricas da vida e habilidades específicas através de um arco contínuo que varia da preparação para emergências ao desenvolvimento sustentável. Pode, por exemplo, abordar apoio psicossocial e aprendizagem social e emocional, redução de riscos e promoção da saúde, direitos humanos, cidadania e coesão social, redução de riscos de desastres e mitigação e adaptação a mudança climática (SANTOS; SILVA, 2014).

No mundo de hoje, onde as transações diárias tendem a ser monetárias e onde os produtos e processos financeiros são cada vez mais complexos, é cada vez mais importante obter habilidades que ajudem os jovens a serem competentes e confiantes na obtenção de resultados em a extensão de suas capacidades. Portanto, capacidade financeira e meios de subsistência são aspectos da educação prática em habilidades para a vida (COSTA; MIRANDA; 2013).

Segundo Campos (2013), o planejamento financeiro deve conter os seguintes pontos-chave: posição financeira, proteção de patrimônio, planejamento de investimentos, planejamento tributário, planejamento de aposentadoria e planejamento testamentário. Da mesma forma, eles não apenas dividem as despesas em três elementos básicos, que são: despesas pessoais, compra de bens e serviços e investimentos, mas também indicam que, em relação ao orçamento, é ideal considerar:

- Renda familiar.

- Despesas fixas.
- Subtrair despesas fixas da receita para encontrar excedentes para despesas variáveis.
- Gerenciamento de despesas fixas, para reduzi-las.

Por outro lado, é importante desenvolver um plano de ação, tendo em vista que ele será flexível, avaliará os investimentos para que sejam líquidos, contemple imprevistos e gerencie a redução de impostos usando ferramentas financeiras. Além disso, esses orçamentos precisam ser realistas e baseados em objetivos alcançáveis; da mesma forma, é necessário ter uma estratégia para avaliar a consecução dos objetivos, para que, com base na flexibilidade, seja possível modificar as estratégias e, assim, atingir os objetivos (SANTOS, SILVA, 2014).

Se as finanças pessoais são desagregadas, pode-se ver como esse conceito inclui, entre outros, avaliar a situação financeira do momento zero, calcular as necessidades em diferentes termos: curto, médio e longo prazo. Posteriormente, um plano deve ser estruturado para atender às metas e às necessidades, de acordo com as limitações financeiras individuais, deixando claro que cada caso é particular e que se baseia na renda de cada indivíduo, no padrão de vida, em objetivos e desejos individuais. Por sua vez, será realizada uma revisão do orçamento, para determinar se ele se desviou das previsões feitas ou do nível de gasto esperado, observando também as diferenças entre o déficit ou superávit real e o esperado (PICCINI, PINZETTA, 2014).

É necessário que a educação financeira abranja o conceito de renda, que se refere a todas as entradas de dinheiro que ocorrem na família ou na unidade pessoal, em um horizonte de tempo determinado, que o orçamento cobre. Essa renda pode ter origem em salários, negócios, pensões, subsídios, ordens de pagamento de terceiros. No caso do orçamento anual, prêmios, retornos financeiros, dividendos de ações e reembolso de impostos serão levados em consideração. São todas as entradas de dinheiro, família, onde todos os rendimentos dos membros da família ou pessoais são adicionados e divididos em vários tipos (CAMPOS, 2013):

- Renda ativa, que é aquela que consome nosso tempo para gerá-la.
- Renda passiva, que é aquela que não requer esforço ou tempo para gerá-la.
- Renda fixa, aquela na qual o mesmo valor entra no mesmo período.
- Variáveis, que são, como o nome indica, são variáveis em quantidade e andamento.

A renda para atingir as metas pode ser gerada adicionalmente, renda extra, proveniente de atividades extra trabalhistas ou derivada de um investimento.

O conceito de despesa é definido da seguinte forma: Despesas são todas as saídas de dinheiro, que ocorrem durante o período coberto pelo orçamento feito por qualquer membro da unidade familiar. Eles são classificados em (SALEH, SALEH, 2013):

- Linhas fixas obrigatórias: são essenciais para manter o bem-estar e a segurança da unidade familiar. Estes são inegociáveis e imutáveis, são uma prioridade e não podem ser adiados.
- Variáveis necessárias: são aquelas que respondem à substituição de necessidades básicas, mas são suscetíveis de modificação, fazendo mudanças nos hábitos de consumo, negociando com fornecedores ou otimizando recursos.
- Variáveis gastáveis: aquelas que proporcionam valor agregado ou bem-estar, mas que, se necessário, podem ser dispensadas e continuar a ter uma vida útil satisfatória.
- Despesas ocasionais: pontuais e geralmente permitem seu planejamento e alocação de recursos, geralmente de economia.

As compras compulsórias são citadas entre as despesas, o que leva a gastos desnecessários. São compras devido a impulsos irresistíveis para comprar itens considerados desnecessários. Os autores de seu estudo relacionam esse comportamento a esse tópico de gastos em finanças pessoais e falam de atitudes inadequadas em relação a questões financeiras e dinheiro, como controle de impulsos, organização e planejamento, bem como ansiedade sobre dinheiro e atitude negativa em relação à poupança. Os gastos são um dos principais tópicos a serem gerenciados no planejamento de estratégias destinadas a melhorar as finanças pessoais (SANTOS; SILVA, 2014).

Poupar é pegar uma parte da renda não destinada ao consumo e mantê-la em qualquer entidade econômica, comercial ou pessoal a ser usada no futuro. O produto de economia pode ser classificado em várias categorias (SALEH; SALEH, 2013):

- despesas ocasionais.
- fundo de emergência.
- economia para o futuro.

Essa economia não pode estar nas contas que movimentam diariamente, mas nas contas que geram maior lucratividade; no entanto, ele observa que, se você deseja retornos mais altos, também está exposto a um risco maior. Entre os produtos de poupança estão definidos: contas de poupança, certificados de depósito, fundos de investimento no mercado monetário e títulos (SALEH; SALEH, 2013).

3.4 Importância e efeitos do ensino da educação financeira no contexto escolar

O comportamento da família deve ser baseado em uma análise realista das necessidades a serem atendidas, do grau de aversão ao risco e das oportunidades oferecidas pelo ambiente financeiro. A cultura financeira é assim concebida como o elo entre necessidades e decisões (SALEH; SALEH, 2013).

O desconhecimento e desinformação geral da população brasileira sobre questões básicas de economia e finanças limitam a capacidade dos cidadãos de tomar decisões informadas e consistentes nesse aspecto básico da vida contemporânea. Da mesma forma, a falta de desenvolvimento de competências relacionadas a essas questões impede as pessoas de participar ativa e responsabilmente em processos econômicos muito importantes, que, a médio prazo, influenciam negativamente o bem-estar individual e familiar e atrasam o avanço da sociedade como um todo (PICCINI; PINZETTA, 2014).

Se olhar globalmente, também poderia explicar a crise imobiliária, onde os investidores e o mercado em geral sofreram as consequências do superendividamento imprudente. É por isso que se pode considerar que os países nos quais a educação financeira é implementada podem ter vantagens mais competitivas na perspectiva do mercado global de longo prazo do que aqueles que não o fazem. Em muitas ocasiões, profissionais de diferentes áreas, mestres e estudantes, enfrentam o dilema do que fazer com dinheiro e, mesmo em muitas ocasiões, são muito eficientes no gerenciamento do dinheiro de outras pessoas, mas não por conta própria (CAMPOS, 2013).

Krüger (2014) indica que a educação financeira suaviza o funcionamento dos mercados financeiros, na medida em que as melhores decisões financeiras dos cidadãos como um todo reduzem incidentes de crise e favorecem a estabilidade do sistema; além disso, que os cidadãos mais instruídos nesse assunto adotem melhores posições diante das políticas econômicas e sociais dos governos.

No nível nacional, no Brasil, no relatório sobre a estratégia nacional de educação econômico-financeira, conceitua-se que a falta de informação e o desconhecimento sobre questões de finanças e economia limitam a capacidade de tomar decisões adequadas e consistentes sobre essas questões básicas da vida contemporânea. No entanto, vale a pena perguntar se os maus resultados relacionados às finanças estão relacionados à subvalorização que grande parte da população dá à necessidade de adquirir conhecimento sobre finanças pessoais e à supervalorização que eles dão ao seu conhecimento empírico sobre o assunto.

Isso, por sua vez, explicaria o fato de que, quanto mais educação, maior o desejo de adquirir esse conhecimento e melhores resultados e avaliação de sua importância (PICCINI; PINZETTA, 2014).

Da mesma forma, a educação financeira e a incorporação de conhecimento a esse respeito também estão relacionadas às experiências pessoais de cada indivíduo, o que determina o interesse em aprender, a análise do conhecimento adquirido, as estratégias e objetivos a curto e longo prazo. e, em geral, os resultados dessa educação, prevendo que aqueles que tiveram mais privações e falta de socialização da questão financeira em suas famílias são os que devem se esforçar mais para alcançar os bons resultados e que exigem mais dedicação dos educadores. em finanças pessoais (SALEH; SALEH, 2013).

Todas as pessoas poderiam viver mais relaxadas com relação à economia se tivessem acesso à educação financeira, pois a maioria sabe quanto ganha, mas não sabe quanto e enquanto dinheiro é gasto; E, no entanto, esse conhecimento é subvalorizado em nossa sociedade globalizada. As finanças pessoais ajudam uma pessoa ou família a criar hábitos de consumo e poupança adequados que lhes permitam criar sua riqueza e, posteriormente, através do gerenciamento adequado, podem atingir objetivos pessoais ou familiares. Eles também lhes permitem tomar as decisões corretas ao usar o conhecimento, como obter descontos por pagamento imediato, escolher as melhores taxas de mercado para empréstimos, sem emprestar demais, economizar para o futuro, planejar seu crescimento e velhice (COSTA; MIRANDA, 2013).

Em relação as finanças familiares, a aposentadoria é definida como o estado em que uma pessoa passa de uma situação de trabalho ativo para uma de cessação da atividade laboral, na qual continua a receber renda perpetuamente após ter cumprido as condições pré-requisitos para atingir esse estado, seja por idade, tempo de trabalho ou incapacidade permanente (PICCOLI; DA SILVA, 2015).

Quando se trata de aposentadoria, não se limita à aposentadoria. Também inclui outros aspectos, como decidir onde morar, como morar, com que idade você se aposentará e como se aposentará financeiramente. Nesse sentido, considera-se que os aposentados devem estabelecer uma meta de receber entre dois terços e três quartos (66,66 e 75%) da renda anterior à aposentadoria, para continuar com o mesmo padrão de vida que ela trouxe; além disso, deve-se levar em consideração quais serão as fontes de receita adicionais, se houver, quais despesas serão incorridas no programa de economia e no gerenciamento dos ativos disponíveis (SANTOS; SILVA, 2014).

Uma parte importante do planejamento financeiro é pensar no futuro. A expectativa de vida aumentou graças aos avanços da medicina e da ciência e, por esse motivo, é necessário que exista um plano que permita viver pacificamente na velhice ou após a aposentadoria (COSTA; MIRANDA, 2013).

As finanças pessoais podem ser equiparadas às finanças corporativas, no sentido de que o indivíduo é uma entidade econômica que recebe renda e precisa gerenciá-la, além de gerar despesas, investimentos, provisões, dívidas, orçamentos etc. No entanto, uma diferença muito importante é o horizonte de vida da empresa, que no caso da empresa pessoal e basicamente falando do indivíduo como uma PME, é limitado ao horizonte de vida do ser. Outra diferença é a possibilidade de transferência de propriedade ou de ações, que em finanças corporativas têm um horizonte ilimitado; Além disso, as características do ambiente em finanças pessoais envolvem fatores pessoais e familiares que também tornam impossível se encaixar em um modelo organizacional ideal, como uma organização tradicional (PICCOLI; DA SILVA, 2015).

O paradigma clássico das finanças assume, teoricamente, que o investidor opera em um mercado sem atritos e toma decisões racionais com base em informações corretas e completas; No entanto, existem evidências abundantes de que isso não é verdade para indivíduos nos mercados financeiros e que, às vezes, apesar de ter as informações, não se sabe como aproveitá-las devido à falta de educação financeira. Quem se dedica às finanças pessoais gerenciará as finanças de você ou das pessoas a quem você aconselha. No caso de finanças corporativas, os recursos de uma empresa são alocados e gerenciados, e os fundos são obtidos quando necessário (COSTA; MIRANDA, 2013).

A globalização e a modernização mudaram o cenário da ação financeira e não apenas permitem maior acesso à informação, mas também tornam necessária ou promove uma maior necessidade de educação para que se possa atuar nesses tempos modernos. Embora as finanças pessoais tenham sido relegadas até recentemente e recebidas menor importância, nos últimos tempos elas foram consideradas parte integrante do desempenho macroeconômico. As teorias econômicas, com suas deficiências, determinaram o surgimento da educação financeira baseada em múltiplas disciplinas, como sociologia, antropologia, psicologia e economia (SALEH; SALEH, 2013).

Outros aspectos que devem ser levados em consideração são a maior complexidade na gestão dos assuntos financeiros, nas decisões e nos documentos financeiros, e um ambiente social focado na gratificação imediata do consumidor. Tudo isso requer preparação em finanças pessoais. Isso é complementado pelo consumismo, o aumento do endividamento

pessoal, a percepção de dinheiro barato nos bancos, a crise financeira, a tendência ao imediatismo do consumo e as falências pessoais recentemente aumentadas com as crises (FERNANDES; CANDIDO, 2014).

Na literatura revisada, é dada importância relevante à educação financeira familiar, uma vez que se encontra na maioria dos escritos como uma estratégia que permite à pessoa se apropriar dos conceitos, o que está de acordo com as considerações das entidades encarregadas de fornecer informações e elaborar estratégias para educar, como governos, entidades econômicas em todo o mundo e, recentemente, instituições educacionais, que dão crescente importância ao assunto, a fim de alcançar transformação social e proteção das pessoas diante de decisões financeiras (SALEH; SALEH, 2013; SANTOS; SILVA, 2014; FERNANDES; CANDIDO, 2014; COSTA; MIRANDA, 2013; CENCI; PEREIRA; BARICHELLO, 2015).

Embora a educação financeira tenha efeitos protetores mencionados nos artigos de revisão, não está claro até que ponto isso é verdade, uma vez que, em um estudo referenciado, verificou-se que, quando a pessoa enfrenta a tomada de decisão, ela pode prevalecer mais fatores emocionais financeiros, mesmo em pessoas com muito boa bagagem na área financeira, pois são estudantes de finanças; No entanto, e em relação às consequências da inculturação financeira, a literatura revisada enfatiza o efeito sistêmico e global da inculturação financeira, gerando más decisões que podem comprometer grandes setores da população. Mesmo um dos estudos mostra como as empresas que fornecem educação financeira a seus funcionários veem melhores resultados na produção quando seus funcionários se apropriam desses conceitos (SANTOS; SILVA, 2014; FERNANDES; CANDIDO, 2014).

Isso sugere que a falta de educação financeira pode ser a causa de muitas das crises econômicas globais e chama a atenção para a necessidade de priorizar esse tipo de educação em todos os níveis. No que diz respeito à educação financeira nos diferentes países, o Brasil mostra dados decepcionantes, em contraste com outros países nos quais é necessária em programas de educação, e por esse motivo o programa nacional de educação econômica e financeira foi recentemente institucionalizado, desde a implementação deste. Esse tipo de programa traz não apenas benefícios para a população, mas também gera vantagens competitivas para os países (SALEH; SALEH, 2013).

Um dos aspectos mais importantes relacionados ao ressurgimento do interesse em finanças pessoais talvez seja o que vem ocorrendo desde o início deste documento e que esteja relacionado à associação entre crises financeiras e a falta financeira de cultura da população,

que determinou que políticas educacionais sejam estabelecidas em muitos países e em diferentes níveis, a fim de combater o risco de novas crises financeiras, uma vez que se considerou que elas seriam evitadas ao intervir com base no desenvolvimento de eventos financeiros, que é a população comum, que às vezes, com suas decisões arriscadas e desaconselháveis, gera mudanças em massa na direção das finanças mundiais (PICCOLI; DA SILVA, 2015).

As finanças pessoais tiveram um interesse renovado, que se baseia, entre outros, na necessidade de educar a população em geral, a fim de evitar crises financeiras globais. Esse conceito é encontrado como uma tendência na literatura revisada. A isso se acrescentam outras razões de interesse, como maior longevidade, o que significa que é necessário um maior planejamento da economia pessoal para se preparar para o futuro; também inclui a globalização e o acesso a novos produtos financeiros que não eram facilmente acessíveis no passado e exigem educação, para que possam ser usados adequadamente (SANTOS; SILVA, 2014).

Embora a discussão sobre que tipo de disciplina, chamada de finanças pessoais esteja apenas começando, tudo parece ir na direção de ser uma profissão interdisciplinar, pois, já existem várias profissões dela derivadas, assim como o planejador financeiro, consultor e educador, todos aceitos legalmente.

3.5 Formação dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental

É muito importante que o educador perceba o aluno como um ser pensante, cheio de capacidade e portador de ideias multiculturais, que se apresentam espontaneamente, em uma conversação simples e em suas críticas aos fatos do dia a dia. Tem muito a contribuir para o processo de ensino aprendizagem, traz uma pluralidade não só por ser um trabalhador, mas pelo conjunto de ações que exerce na família e na sociedade.

Segundo Saviani (2009), a questão do preparo de professores no Brasil emerge explicitamente após a independência, momento em que se cogita da organização da instrução popular. Nesta perspectiva, o autor distingue os seguintes períodos na história da formação de professores no Brasil:

1. Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estendesse até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais. 2.

Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo. 3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933. 4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971). 5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971- 1996). 6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006). (SAVIANI, 2009, p. 143-144).

Conforme Saviani (2009) apresenta, a preocupação para com a formação de professores apareceu com a promulgação da Lei das Escolas de Primeiras Letras, embora voltada apenas para o preparo didático e à custa do próprio professor. Somente após a promulgação do Ato adicional de 1834 que a instrução primária passou a ser de responsabilidade das províncias, as quais iniciaram o processo de instauração das Escolas Normais.

O estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais ocorrido a partir de 1980, traz a necessidade de desenvolver na formação o trabalho prático do professor, além do enriquecimento dos conteúdos curriculares que já vinham sendo trabalhados. “Os reformadores estavam assumindo o entendimento de que, sem assegurar de forma deliberada e sistemática por meio da organização curricular e preparação pedagógico-didática, não se estaria, em sentido próprio, formando professores.” (SAVIANI, 2009, p. 145).

Atualmente, diante das constantes transformações econômicas, política social, tecnológica e cultural da sociedade, a escola tem se “auto” pressionado a uma adequação às exigências do mundo do trabalho, influenciando a educação. A partir dessas mudanças surgem novos desafios, e a escolarização passa a ser exigida no mundo do trabalho e consequentemente, aumentando a demanda da formação de professores na sociedade.

Com a Lei n. 9394 (BRASIL, 1996), em seu artigo 38, determina que, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e Médio, a idade seja entre 15 e 18 anos. A faixa etária atual, ainda em processo de discussão, exige várias alterações frente a essas mudanças, passando a exigir também um ensino voltado para o campo da pesquisa e ao trabalho criativo com esses grupos. O que dizer, então da formação de professores e das exigências de uma formação continuada de qualidade. As exigências de hoje para a atuação docente preveem uma sólida formação científica, técnica e política e ainda uma prática crítica e consciente.

Esta afirmativa nos remete ao educador Paulo Freire não só em sua opção pela alfabetização de Jovens e Adultos, mas em nos remeter aos enfrentamentos necessários em relação à formação dos professores e aos saberes da prática pedagógica, ou seja, um processo

de formação como uma possibilidade e tentativa de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada em nossos dias.

Ao dizer que "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática" (FREIRE, 2007, p. 58) nos convida ao enfrentamento político e crítico das condições de trabalho e ser colaborador no processo da identidade docente.

Para o autor, a formação é uma conquista da maturidade, da consciência de cada um ser, e é de fundamental importância que tanto o educando como os educadores estejam presentes em sala de aula de corpo e alma em uma troca constante de conhecimento, pois não existe aprendizagem sem simplicidade, isto leva a pensar a respeito das circunstâncias criadas pelos docentes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, tanto para o ensino como para a aprendizagem, e a necessidade das situações de ensino estar voltadas para a emergência do processo de aprender, lembrando que a pedagogia das certezas e dos saberes pré-determinados ser substituída pela pedagogia das dúvidas temporárias como características de uma pedagogia complexa ou de uma eco pedagogia, ou seja, o pensar ecossistêmico coloca como sendo inseparavelmente associados indivíduo e meio, ordem e desordem, sujeito e objeto e todos os fios que tecem os acontecimentos, as interações, as ações que constroem a nossa realidade e tecem a própria trama da vida (MORAES, 2004, p. 220)

Com isto se percebe que tanto a pedagogia quanto a realidade estarão sempre envolvidas com aprendizagem do mundo como relata este autor [...] pedagogia que promove o sentido das coisas a partir do dia-a-dia do sujeito. É no cotidiano que se expressam as formas de viver/conviver e é aí que devemos criar formas de ser e estar no mundo, a partir de reflexões significativas sobre as realizações do aprendiz (MORAES, 2004, p. 319).

Quando a reflexão permear a prática, docente e de vida, a formação será exigência para fazer do homem atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade. Ao refletir sobre a formação do docente para atuar na Educação atual do Brasil, é importante pensar que este docente está inserido em uma realidade específica, onde os educandos trazem consigo contribuições de suas experiências que devem auxiliar e facilitar o trabalho do educador.

Acredita-se que o desenvolvimento de uma ação voltada para uma prática transformadora possibilita que os alunos, particularmente em sua vida cotidiana, exerçam seus direitos e responsabilidades, resolvendo, além dos conteúdos atitudinais, identificando, criticando e repudiando as atitudes de discriminação e de injustiça que favorece a reprodução

da pobreza e da desigualdade, desenvolvendo práticas que permitam o desenvolvimento de atitudes de respeito, de solidariedade e cooperação (MORAES, 2004).

Corroborando com este entendimento à compreensão das implicações nos conceitos na educação que são atribuídos ou estão relacionados ao pensamento complexo, Pinto (2007) destaca a dialogicidade, a complexidade, a interação, a transdisciplinaridade, a auto-organização, a circularidade, a recursividade, a flexibilidade e a autonomia, para que se possa melhor compreender as diferentes dimensões envolvidas no processo de aprender, ou seja:

O educador deve ser o portador da consciência mais avançada do seu meio (conjuntamente com o filósofo, o sociólogo). Necessita possuir antes de tudo a noção de seu papel, isto é, refletir sobre o significado de sua missão profissional, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam, e sobre as finalidades de sua ação (PINTO, 2007, p. 48)

Da mesma forma, e confirmando com este autor, Bannel (2001, p.122) nos leva à reflexão de que “cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamentos, etc., uma diversidade que está refletida na sala de aula”. Assim, a diversidade, a realidade desses educandos, deve também, nortear a prática do professor.

Neste sentido, a educação se alicerça numa reflexão crítica sobre o capital cultural dos oprimidos como destaca Candau (2000). Ela se torna um veículo pelo qual os oprimidos são equiparados com instrumentos necessários para reapropriar-se de sua história, de sua cultura e de suas práticas linguísticas. É, pois, um modo de tornar os oprimidos capazes de reivindicar aquelas experiências que são desvalorizadas na vida cotidiana pela cultura dominante, a fim de que sejam, não só válidas, mas também compreendidas criticamente (CANDAUI, 2000, p. 97).

E assim, podemos apresentar as diretrizes curriculares para a formação de professores no Brasil ao sustentarem que cabe aos professores evidenciar possíveis mudanças que apontem para uma nova relação entre ciência, trabalho e cultura, “por meio de uma base sólida de formação científica e histórica que ajude os educandos no seu desenvolvimento [...] Assim, conhecer significa a possibilidade de interferir socialmente (BRASIL, 2002, p. 29).

Quanto à formação, é importante dizer ainda que se faz necessário uma qualificação dos profissionais de ensino e é fundamental que a equipe docente esteja bem-preparada, por este motivo é extremamente importante que, além da formação inicial seja oportunizado também a formação continuada, onde todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática.

Pois, a formação continuada é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional da atualidade.

Vale frisar que a prática pedagógica é uma prática social, uma prática política, pois não se pode conceber a educação sem um vínculo sócio-histórico, tendo o professor como agente de transformação. De acordo com Aranha (1996), a educação não pode ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto, sendo a prática social o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica. Ou seja, [...] A educação é uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica. A prática pedagógica está articulada com uma pedagogia, que nada mais é que uma concepção filosófica da educação. Tal concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional (LUCKESI, 1994, p. 21).

Para garantir a qualidade de ensino, a Educação terá que incorporar os mais recentes resultados sobre aprendizagem e assumir a função de propiciar oportunidades para que seus aprendizes possam gerar e não somente consumir conhecimento, desenvolvendo, assim, competências e habilidades para poder continuar a aprender ao longo da vida.

Desta maneira, conforme este autor entende-se que o papel do educador consiste em mediar a aprendizagem, priorizando nesse processo, a bagagem de conhecimento trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o “conhecimento letrado”, ajudando-os no processo de aquisição de conhecimentos, tornando-os sujeitos de sua história e não um objeto.

Pode-se perceber que quando nos referimos a formação tradicional de professores vemos o professor ligado ao didatismo e ao conteudismo, com isso, é preciso que seja ampliada a competência deste professor. É notório que o professor precisa ter domínio dos assuntos educacionais pedagógicos e é muito importante que ele entenda muito bem de avaliação, currículo e entender principalmente destas como ferramentas que irão determinar o processo educativo e a relação de estudantes na e com a escola.

Vale salientar, que quando trabalhamos no contexto social atual, não basta reproduzir apenas o currículo como se trata na primeira etapa da educação regular, assim como acontece no ensino fundamental I, no ensino fundamental II e no ensino médio, e o mais importante para este público popular é a compreensão da sua realidade não do que vai ser ensinado para ele. É preciso compreender acima de tudo os aspectos sociais e culturais relacionados e inerentes ao público que está sendo ensinado, onde destacamos a vivência, o trabalho as histórias relacionadas a sua estrutura familiar e da herança cultural são como um pacote de informações que trazem com eles e que devemos respeitá-los.

Dessa forma, pensar na formação do professor, no atual contexto socioeconômico, político e cultural, exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses educadores, principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos estudantes atualmente, para uma educação para todos. Desta feita, olhando a realidade nacional, encontramos em Souza (1998) reflexões em torno da inexistência de instâncias que pensam a formação de educadores, principalmente do professor de jovens para educação inclusiva, neste país onde a maioria das experiências acontece de forma pontual através de seminários, de cursos que são até significativos, no entanto, a questão da formação não poderá acontecer de forma meramente pontual.

O mundo contemporâneo para alguns autores denominado de sociedade pós-moderna, pós-industrial ou pós-mercantil, ou ainda modernidade tardia traz elementos desafiadores para a formação e a atuação do professor. Vivemos num período que exige a redefinição de alguns papéis em nossa sociedade, entre eles o do professor. O mundo contemporâneo está marcado por mudanças a cada dia colocando a profissão do professor em constantes desafios, questionando sua identidade no cenário atual, ora rompendo modelos ora impondo novas demandas. Dentre os elementos que marcam a contemporaneidade e trazem consequências para a profissão docente, destacamos: globalização e neoliberalismo, novas tecnologias de comunicação e informação, reestruturação produtiva e diversidade cultural.

Segundo Frigotto (1996, *apud* Libâneo, 1998), são identificadas algumas características da realidade contemporânea sob a ótica do capitalismo, são elas: no plano socioeconômico as consequências da globalização excluindo os direitos básicos de moradia, trabalho, saúde e educação. No plano cultural e ético-político o neoliberalismo e o individualismo trazendo exclusão social. No plano educacional, o dualismo educacional diferenciando uma escola para ricos e uma escola para pobres, afetando a qualidade da educação.

Veiga destaca consequências para educação, trazidas pelas mudanças no campo do conhecimento:

No campo da educação, destacam-se as propostas de mudanças nos paradigmas do conhecimento e nos produtos de pensamento, a cultura e a arte. Neste mundo complexo e de profundas transformações, também ficam mais complexas as práticas educativas e torna-se inquestionável uma nova forma de organização do trabalho das instituições e dos processos de formação inicial e continuada de professores, bem como um novo posicionamento de todos os que trabalham na educação (VEIGA, 2009, p. 14).

Vivemos num mundo rápido e veloz, as informações voam num segundo, em grandes quantidades. Muitos professores sentem-se preocupados quando utilizam as tecnologias

digitais em sala de aula, outros sentem medo de perder o emprego em face aos meios de comunicação, outros ficam desconcertados quando os alunos sabem manusear o computador. O desenvolvimento das tecnologias da informação e das comunicações tem trazido questionamentos para escola e para o professor.

Aprofundando essa reflexão, Libâneo (1998) assevera que a escola tem seu papel, sua função dentro desta realidade no mundo contemporâneo, ela não deve ser apenas um lugar de transmissão de conteúdo. A escola não é dona do saber, para isso, ela deve propiciar elementos para que os alunos aprendam a buscar a informação em diferentes fontes, oferecendo meios para ser analisada criticamente dando significado à aprendizagem.

Para o autor, a escola tem um papel específico, ressaltando seu lugar no mundo contemporâneo:

A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação (LIBÂNEO, 1998, p.26).

Os meios de comunicação devem ser utilizados como ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem. O professor e a escola têm seu papel na educação que não devem ser substituídos pelas tecnologias digitais, é importante destacar que a aproximação entre docentes e discentes favorece o contato não somente pelo aspecto cognitivo, mas também afetivo baseado na troca de experiências possibilitando a aprendizagem do aluno. Segundo Libâneo, o mundo das tecnologias digitais necessita que os estudantes desenvolvam uma base cognitiva para uma interação consciente com as informações.

Outra característica marcante do mundo contemporâneo é a diversidade cultural que se opõe aos modelos estabelecidos. A diversidade está presente em nosso dia a dia, e, muitas vezes, o convívio com o diferente exige respeito e tolerância para aceitar o outro. O homem contemporâneo nesse sentido, precisa ver o diferente sem a pretensão de imaginar que todos devam ser iguais ou que seus costumes são melhores ou superiores aos outros. A globalização nos coloca em contato com outras culturas, é fundamental que saibamos compreender que o outro tem sua forma de pensar que é diferente do nosso pensamento.

As consequências do mundo multicultural para a profissão docente orientam no sentido da formação de um professor cuja prática pedagógica contribua para o convívio, o respeito e a inclusão dos alunos independente de orientação sexual, de religião, raça ou origem socioeconômica.

Segundo Passos (2007), o mundo contemporâneo exige um professor que seja um profissional crítico-reflexivo de sua realidade e da realidade de seus alunos, que repense seu papel na formação do educando, que dê significado à sua ação, que não seja apenas reprodutor do conhecimento em sala de aula, mas que seja capaz de transformar a realidade de sua aula perante os desafios do mundo contemporâneo, estabelecendo uma aproximação entre a teoria e a prática como elemento constituinte de uma aprendizagem de qualidade. Para tanto, torna-se indispensável uma formação docente coerente com os desafios do mundo atual, assim como a valorização do professor e melhores condições de trabalho nas instituições de ensino.

Diante das emergências do mundo contemporâneo, Libâneo (1998) propõe novas atitudes docentes, que destacam: o professor como mediador que dialogue com o aluno; trabalhe o ensino para além da verbalização dos conteúdos centrada na palavra do professor; que valorize o conhecimento e as experiências dos alunos; a interdisciplinaridade segundo a qual as diferentes áreas do conhecimento interagem e trabalham em conjunto superando a fragmentação do ensino que em geral apresenta-se isoladas; desenvolvimento da autonomia do aluno criando estratégias de ensino para que o aluno desenvolva suas próprias aprendizagens; perspectiva crítica dos conteúdos que possibilita o acesso ao conhecimento, estabelecendo pontes, nexos, confrontando com a realidade, permitindo que o aluno pense e não somente memorize os conteúdos; desenvolvimento da capacidade comunicativa; uso pedagógico das tecnologias digitais na sala de aula como ferramentas e recursos educacionais; atendimento à diversidade, não padronizando o ensino, diversificando os procedimentos, estratégias e técnicas respeitando as diferenças; a formação continuada com vistas à constante atualização da formação em sua área, desenvolvendo atitude de reflexão pedagógica e dentro do contexto social para melhor estabelecer uma relação dos conteúdos com as questões contemporâneas; integração da dimensão afetiva à prática pedagógica criando um clima favorável à aprendizagem que exige disciplina, esforço e empenho; compreensão da dimensão ética com integrante da ação docente e favorecimento à criação de estratégias que contribuam para os estudantes se posicionarem diante das questões e problemáticas do mundo atual.

Tudo o que foi discutido anteriormente obriga a repensar as funções da profissão docente. Mais do que uma nova reforma de maquiagem para estabelecer o treinamento e perfis, funções ou competências da profissão, deve-se definir uma real re-profissionalização, repensar a profissão e enquadrá-la no contexto descrito acima.

Nota-se que, ao contrário de outros tempos, a mudança se tornou um paradigma. A mudança é constante e vertiginosa e não é tão fácil se preparar para assumir mudanças constantes. Mudanças que ocorrem em contextos multiculturais, multilíngues e multiétnicos.

Mudanças epistemológicas em diferentes campos do conhecimento, mudanças nas formas de ensinar e aprender, mudanças tecnológicas, tudo isso implica uma nova socialização profissional e para isso temos que reconstruir muitas coisas (formação, estruturas, incentivos, situações de trabalho, novas profissões educacionais etc.) (BALADELI; BARROS; ALTOÉ, 2012).

Talvez um dos aspectos importantes a considerar para poder compreender toda essa complexidade seja desenvolver na profissão docente uma maior capacidade de relacionamento, comunicação, colaboração, transmitir emoções e atitudes, compartilhar com os colegas os problemas originados o que acontece e o que acontece comigo Aspecto que mais tarde destacaremos como um dos elementos fundamentais da mudança na profissão docente. Essa comunicação e esse aprendizado em conjunto com os colegas devem ajudar a quebrar o isolamento das células do professor. A estrutura arquitetônica pode não ajudar, mas o isolamento histórico do professor não só prejudica o desenvolvimento da profissão, mas os próprios professores quando a situação educacional se torna mais conflituosa. O isolamento muitas vezes causa doenças porque não há ninguém para ajudar ou ouvir o que acontece com o outro (BALADELI; BARROS, ALTOÉ, 2012).

Outra questão que pode ajudar na profissão é abrir as portas das instituições de ensino ao contexto, à comunidade, que se tornou muito mais influente e poderosa, e estabelecer alianças com seus agentes para defender os mesmos valores educacionais. A alternativa de um projeto educacional comunitário é vista como uma das melhores alternativas para os tempos atuais. Compartilhar critérios, cumplicidades, alianças e defender os mesmos valores com a comunidade será cada vez mais essencial para evitar a exclusão social de algumas camadas da população. Tudo isso envolve uma demanda para a profissão por um maior número de funções e competências. Analisando o que é dito e o que está escrito (oficialmente e academicamente), encontra-se um professor com grandes dificuldades para atingir essas competências na realidade da educação atual e na estrutura dos sistemas educacionais.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi iniciada com a identificação do tema, o qual foi cuidadosamente selecionado dentro do âmbito de estudo. Em seguida, procedemos com a formulação do problema de pesquisa, delimitando a área de interesse e refletindo sobre as questões pertinentes ao tema. Posteriormente, conduzimos uma revisão bibliográfica abrangente, explorando a literatura existente relacionada ao assunto. Durante essa etapa, identificamos as principais teorias, estudos anteriores e debates relevantes no campo da educação financeira. Com base nessa revisão, definimos os objetivos e, quando aplicável, formulamos hipóteses para guiar nossa pesquisa.

Inicialmente, nossa intenção era realizar a pesquisa em uma escola municipal vinculada à prefeitura do Rio de Janeiro. Entretanto, devido aos impactos da pandemia de 2019, que causaram atrasos no desenvolvimento do estudo, e à falta de tempo para concluir os trâmites necessários junto à Secretaria Municipal de Educação para obter autorização para realizar a pesquisa nesse contexto específico, foi sugerido, durante a fase de qualificação, que a pesquisa se concentrasse exclusivamente nos professores das séries iniciais, em vez de envolver diretamente uma instituição escolar.

É relevante ressaltar que a pesquisa seria conduzida por meio de 10 consultorias colaborativas direcionadas aos professores das séries iniciais, abordando os seguintes temas:

1. Consultoria Colaborativa: Entrevista com os professores.
2. Consultoria Colaborativa: A importância da Educação Financeira.
3. Consultoria Colaborativa: O ensino colaborativo na sala de aula.
4. Consultoria Colaborativa: Orçamento familiar.
5. Consultoria Colaborativa: Construção de um mercadinho em sala de aula.
6. Consultoria Colaborativa: Aula passeio.
7. Consultoria Colaborativa: Análise da aula passeio.
8. Consultoria Colaborativa: Educação Financeira e sustentabilidade.
9. Consultoria Colaborativa: O uso do cartão de crédito.
10. Consultoria Colaborativa: Situações-problema e avaliação do curso.

Devido ao tempo necessário para conduzir as 10 consultorias originalmente planejadas, durante a qualificação, foi recomendado que fossem realizadas apenas 5 consultorias. Essa decisão foi tomada em função da limitação de tempo disponível para a realização completa das 10 consultorias. Foi acordado que as consultorias abordariam os seguintes temas:

1. Consultoria colaborativa e educação financeira.
2. Interdisciplinaridade e educação financeira.
3. Educação financeira e sustentabilidade.
4. A casa da gente, assim como nosso país precisa de orçamento.
5. Educação financeira ao ir no mercado.

Essa seleção de temas visava atender aos objetivos estabelecidos para as consultorias, otimizando o tempo e os recursos disponíveis para a pesquisa.

As consultorias foram realizadas de forma semanal, ocorrendo entre os meses de março e abril. Antes de cada encontro, os professores receberam o texto correspondente com antecedência, possibilitando-lhes a leitura prévia e preparação para participação ativa nas discussões. O material apresentado aos professores consistiu na própria tese em elaboração, selecionada a partir de sua estrutura em construção. Optei por compartilhar meu próprio texto para garantir que os professores estivessem familiarizados com os temas a serem abordados. Essas cinco consultorias foram conduzidas via videoconferência na plataforma Google Meet, facilitando nosso encontro virtual. Dessa forma, as consultorias foram conduzidas de maneira eficaz e acessível aos participantes, proporcionando um ambiente de interação e aprendizado online.

4.1 Primeira Consultoria

4.1.1 Consultoria colaborativa e educação financeira

A literatura internacional mostra que a colaboração entre professores do ensino regular e especial não só permite o desenvolvimento profissional centrado no foco da própria escola, mas também se reflete nas práticas de ensino e melhora o foco da educação especial direcionada nas salas de aula regulares. melhor atender os alunos foram ampliados (CAPPELLINI, 2008).

A parceria educacional entre o ensino regular e o ensino especial é denominada colaboração e pode assumir dois modelos distintos:

- a) consultoria colaborativa onde professores/profissionais de educação especial prestam apoio aos docentes do ensino regular e prestam serviços indiretos aos alunos.
- b) O co-ensino, onde os professores especialistas trabalham com os docentes do ensino regular, prestando serviços de forma direta na sala comum (WEISS; LLOYD, 2020).

A consultoria colaborativa consiste, portanto, em um modelo de apoio baseado na colaboração entre profissionais especializados (e.g., psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos) e educadores do ensino geral (MENDES, 2021).

Neste contexto, os tópicos seguintes discutem algumas diferenças em relação aos processos de cooperação existentes e a importância da cooperação. A colaboração existe num processo de consulta colaborativa que contribui e é consistente com a construção de escolas eficazes e integradas.

4.1.1.1 Consultoria colaborativa - definição

A primeira definição de colaboração vem da palavra latina “labor” (do verbo “*labour*”), que significa “trabalhar juntos”. Porém, existem conceitos errados quanto às conotações de bom senso entre os termos colaboração e cooperação. Por questões didáticas e para compreender o processo colaborativo escolhido para desenvolver este estudo (IDOL, 2000), essas diferenças são explicadas a seguir.

Em Idol (2000), a cooperação é um processo social e psicológico que impõe aos membros de um grupo uma intenção de concordar em cooperar para o seu sucesso, enquanto cada membro tem responsabilidade individual e autônoma pelo programa. É entendida como uma estrutura estrutural.

Contudo, a situação é diferente quando se trata de colaboração. Porque mesmo sendo uma colaboração, existe uma intenção comum. Isto significa que todos estão trabalhando em prol do mesmo objetivo, talvez adicionando valor em diversas áreas de atividade. A consultoria colaborativa é conduzida a partir dessa perspectiva colaborativa.

A consulta conjunta consiste em um modelo com diversas vantagens preventivas. Porque esses benefícios acontecem em todas as esferas do processo. Primeiro, todos os componentes de um grupo consultivo colaborativo possuem saberes específicos e agregam valor uns aos outros. De acordo com os conselheiros (membros que aplicam os conselhos ao contexto), pratique e mantenha uma comunicação que ajude a fortalecer as conexões entre os membros do conselho. Terceiro, a partilha de conselhos facilita, promove e fortalece as ligações entre a escola e as famílias dos estudantes. Por último, a assessoria colaborativa também simplifica o desenvolvimento de serviços relacionados ao desempenho acadêmico e social dos estudantes incluídos (KAMPWIRTH, 2019).

A colaboração é, portanto, um modelo para a definição de planos, sendo recomendado que os planos sejam pensados e apoiados por todos os envolvidos no processo (MENDES, 2021). Este estudo centra-se no papel dos especialistas na área da educação especial e defende a consulta colaborativa em ambientes escolares.

Argüeles, Huges e Shumm (2000) destacam que a colaboração pode reduzir diferenças nos papéis desempenhados pelos especialistas e ajudar a definir tais papéis, contribuindo assim para o bom funcionamento das equipes envolvidas. H. A colaboração requer o envolvimento de professores, administradores escolares, escolas, sistemas escolares e comunidades.

Normalmente, esta colaboração implica dois especialistas envolvidos no âmbito escolar, um do setor do ensino regular e outro de uma área específica, e o seu acordo é feito dentro de um período fixo, a estratégia irá variar dependendo dos requisitos e necessidades da escola. O currículo varia de acordo com as particularidades do aluno (BAUWENS; HOURCADE; FRIEND, 1989).

A colaboração é essencial para implementar e monitorar processos. Os alunos são fundamentais para planejar e determinar mudanças futuras. Durante a implementação, todos os envolvidos devem compreender o seu papel: alunos, turmas, professores, pais e orientadores. Também é importante que os consultores compreendam o nível de habilidade dessas pessoas para implementar adequadamente e com sucesso o plano.

Portanto, para Argüeles, Huges e Shumm (2000), a colaboração emergiu como a estratégia moderna mais importante para promover a inovação e desenvolver e prover programas educacionais eficazes. Dado que é difícil para os educadores compreenderem eficazmente as necessidades de todos os estudantes, os autores orientam docentes e profissionais especializados em estratégias de ensino, abordagens de aprendizagem colaborativa, comportamentos problemáticos e práticas de avaliação, entre outros. e escolas inclusivas, combinando os nossos conhecimentos e competências.

A consultoria colaborativa caracteriza-se por um processo colaborativo em que tanto o consultor (o especialista) quanto o consultado (o professor regular) trocam conhecimentos para desenvolver soluções no ambiente escolar. Talvez recursos como o aconselhamento colaborativo só sejam plenamente compreendidos no futuro, quando as filosofias mudarem, quando as dificuldades de aprendizagem e comportamentais forem tidas em conta, quando os paradigmas forem diferentes e quando os recursos e o apoio promoverem a inclusão. Certifique-se de incluí-lo em sua educação regular. Mas, a menos que isso aconteça, as

crianças e os jovens poderão continuar a ver negados os seus direitos à educação, ao desenvolvimento saudável, à igualdade de oportunidades e à coexistência social.

A função do conselheiro é ajudar os professores a desenvolverem estratégias e avaliar o potencial dos alunos para que eles possam crescer de forma eficaz academicamente. A consultoria colaborativa é uma proposta em que especialistas pensam juntos para resolver problemas em sala de aula e trabalham juntos para ministrar aulas.

Tanto o orientador quanto o entrevistado devem ser capazes de fornecer informações e contribuir para melhorar a situação do aluno. Kampwirth (2019) explica que o modelo colaborativo exige evitar dependências entre respondentes e consultores, que podem ser facilmente estabelecidas. Os autores também propõem uma lista de características para um modelo colaborativo, como ajuste de prazos, envolvimento dos respondentes em todo o processo e direito de aceitar ou rejeitar estratégias, uma vez que a consulta é voluntária.

O consultor e consultado devem trabalhar precisam trabalhar juntos como uma equipe durante todo o projeto para resolver problemas e avançar metas. As tentativas de eliminar a resistência são essenciais e devem ser estabelecidas normas de cooperação. De acordo com os estudos de Kampwirth (2019), a consulta colaborativa deve ser sugerida e criada em fases, com destaque para:

- I. O encaminhamento, isto é, o apoio do aluno deverá ser feito junto ao professor necessitado. Para este efeito, o conselheiro deve rever o formulário de informação (para compreender o contexto do caso).
- II. Primeira conversa com o docente.
- III. Observação de aula. Porque resolver problemas de aprendizagem e comportamentais demanda mais tempo de observação e atenção aos aspectos relacionados à dinâmica comportamental e à verificação do processo de ensino e aprendizagem. Os consultores devem ter bom senso para refletir, verificar e captar dados importantes.
- IV. Ao reunir-se com os pais, esta dinâmica enfatiza a necessidade de ligar para os pais antes do começo do aconselhamento, porém o conselheiro deve ter amplo conhecimento da dinâmica do problema.
- V. Avaliação e encaminhamento dos alunos.
- VI. Plano de intervenção. Neste tocante, o conselheiro deve considerar todas as outras recomendações. Conversas com professores e pais. Oportunidades para observar as crianças e as aulas e discutir com outras pessoas envolvidas no processo. Uma vez desenvolvido um plano e concluídas todas as considerações, sugere-se que seja

realizada uma abordagem colaborativa com a pessoa consultada para desenvolver um plano de intervenção.

- VII. Monitorar as intervenções porque as avaliações precisam ser formativas e cumulativas. Deve basear-se em um processo que defina os objetivos da consulta.

Figura 1: Modelo de Consultoria colaborativa.



Fonte: Jordan (1994).

Nesse sentido, as pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos têm apoiado processos de consulta colaborativa e utilizado diversas abordagens metodológicas. Por exemplo, Peck, Killen e Baumgart (1989) realizaram uma pesquisa utilizando um desenho de tema único e uma linha de base para demonstrar alguns efeitos de generalização do processo de consulta no campo da educação especial pré-escolar. Ademais, os autores aplicaram o método qualitativo para investigar interações colaborativas entre professores e alunos do ensino fundamental e descobriram que as reflexões dos docentes sobre os processos de tomada de decisão informaram o desenvolvimento de intervenções para estudantes com necessidades especiais.

Melchiori et al. (2000) fizeram uso de uma abordagem qualitativa para avaliar os agentes que influem a relação entre pais e coordenadores escolares no processo de consulta. Gersten, Darch, Davis e George (1991) realizaram uma pesquisa naturalística cujo objetivo foi comparar as atividades de educadores que participaram e não participaram da atividade de consulta. Já Johnson e Pugach (1991) concluíram um estudo que comparava docentes do ensino fundamental e médio que utilizaram um processo colaborativo de consulta entre pares com a finalidade de determinar com eficácia e resolver os problemas com mais eficiência.

No Brasil, os achados de Alpino (2008) confirmam a proposta de integração do apoio profissional/fisioterapêutico aos professores de alunos com paralisia cerebral no contexto escolar regular. Este estudo teve como objetivo revisar o aconselhamento colaborativo facilitado por fisioterapeutas e crianças com deficiência moderada ou grave que frequentam o ensino fundamental em salas de aula compartilhadas em escolas públicas, na perspectiva da inclusão escolar. Este resultado foi significativo do ponto de vista das partes interessadas, concluindo que os fisioterapeutas contribuíram para o processo de transferência escolar destes alunos através de consultas colaborativas.

No estudo de Machado et al. (2018), observaram que os professores do ensino fundamental não tinham conhecimento da proposta de consulta conjunta, mas consideravam novas propostas que auxiliassem seu trabalho em sala de aula e fornecessem novos subsídios e estratégias. que O valor para o contexto educacional é muito importante. Atenda às necessidades específicas de cada aluno. Este estudo, portanto, apoia esforços colaborativos no campo da educação, pois identifica a importância de proporcionar segurança e apoio aos professores de acordo com sua prática contínua em sala de aula, a fim de maximizar o potencial de cada criança. Isso orienta a construção de novas pesquisas sobre consultando. Respondemos à diversidade de necessidades.

Seguindo estas afirmações, devemos, portanto, esforçar-nos por encontrar perspectivas complementares que possam fornecer uma visão da globalidade dos envolvidos no processo. Isto só é possível se essas visões tiverem perspectivas diferentes e incluam a sua própria família. Precisamos de saber como as dificuldades de um aluno afetam o seu desenvolvimento e oportunidades de aprendizagem, mas também como o aluno interage, reage e resolve problemas na escola e noutras situações. Todo esse conhecimento não pode ser compartilhado sem colaboração. Os membros que participam de consultas conjuntas recebem, portanto, uma visão geral de quando e como podem ajudar no processo (BASSEDAS, 2022).

Figura 2. Visão geral do processo de consultoria colaborativa.



Fonte: Miguel (2012).

Portanto, construir uma estrutura é o primeiro passo a ser considerado, “proporcionando uma estrutura e organização que possa planejar, propor e solucionar as dificuldades associadas às tarefas a serem executadas” (BASSEDAS, 2022, p. 38).

4.1.1.2 Relevância da consultoria colaborativa em educação financeira para professores das séries iniciais

Nas séries iniciais, o modelo de consultoria colaborativa, sobressai ao priorizar esta abordagem de prática orientada a serviços. Especificamente, a consulta colaborativa é uma estratégia que visa resolver problemas educacionais relacionados aos processos de integração escolar. O estudo envolve a participação conjunta de profissionais especializados (terapeutas ocupacionais, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, assistentes sociais etc.) e professores do ensino regular (MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2021). Nas relações entre estes especialistas, a igualdade de papéis deve ser evidente e em nenhuma circunstância o conhecimento deve ser concentrado numa parte dos especialistas envolvidos no processo de colaboração.

Este conjunto de serviços não só proporciona oportunidades iguais para o grupo-alvo de alunos do ensino inicial, mas também proporciona uma oportunidade de desenvolver competências profissionais para todos os envolvidos. Mesmo que o aconselhamento colaborativo seja principalmente uma forma de prestação de serviços, também proporciona uma oportunidade para melhorar a formação em serviço para a inclusão escolar.

Na consultoria colaborativa, busca-se soluções para as demandas educacionais de forma ágil e criativa. Logo, a consultoria colaborativa pode auxiliar na busca de atividades e meios de ensino junto com os professores que vislumbrem a educação financeira para estudantes das séries iniciais (BASSEDAS, 2022).

A consultoria colaborativa tem foco na resolução de problemas reais da escola, com tal entendimento, o professor pode inserir em novas propostas de intervenção pedagógica, assim como a educação financeira no meio escolar, especialmente nas séries iniciais com vistas à qualidade do processo de aprendizagem. Dessa forma, os professores podem deixar de trabalhar sozinhos e, se necessário, trabalhar em equipes de profissionais especializados visando o apoio compartilhado e a responsabilidade compartilhada (MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2021).

No meio escolar, concernente ao trabalho do professor, a consultoria colaborativa faz-se pelo suporte na busca de soluções de questões. Para os professores, a consulta colaborativa em educação financeira é relevante pois representa um processo de resolução de problemas que leva um determinado período e, como já mencionado, passa por determinadas etapas. Neste processo, o professor irá sugerir problemas atuais através de aconselhamento baseado na observação do aluno, e sugerir diferenças na participação e interação com os mesmos numa relação igualitária e amigável. Esta última liberdade permite-lhes submeter ou rejeitar resoluções recomendadas durante as deliberações (MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2021).

Desse modo, através da Consultoria Colaborativa Escolar o professor pode trabalhar a educação financeira:

[...] por meio de grupos de pessoas, com habilidades e conhecimento diversos, capazes de produzir soluções criativas para problemas definidos mutuamente. Um dos objetivos gerais no modelo de Consultoria Colaborativa é melhorar e manter as competências de todos os envolvidos (Idol, Nevin; Paolucci-Whitcomb, 2000).

Embora a Consultoria Colaborativa se revele como uma modelo viável para o trabalho de professores em séries iniciais e a educação financeira, são raros os estudos no Brasil sobre essa temática. Ressalta-se que a alfabetização financeira já é ensinada em algumas escolas do Brasil, e há necessidade de formação de professores para incorporar a alfabetização financeira em seus contextos pessoais e comportamentais. No entanto, para concretizar essa aprendizagem, os professores precisam de estar equipados, na sua formação, com os requisitos mínimos para iniciar a literacia financeira através de aconselhamento colaborativo, e que eles próprios tenham o conhecimento e o conhecimento necessários para apoiar o

desenvolvimento da literacia financeira. sobre o desafio de trazer aplicação para o treinamento. O conhecimento impulsiona práticas financeiras conscientes (OLIVEIRA, 2014).

4.2 Segunda Consultoria

4.2.1 Educação financeira e interdisciplinaridade

4.2.1.1 *Interdisciplinaridade*

O que é interdisciplinaridade? Como os esforços interdisciplinares podem ser possíveis nas escolas? Qual a contribuição das interações interdisciplinares para a construção efetiva da autonomia dos alunos? Streck (2005, p. 33) levanta outras questões e oferece algumas respostas.

Antes de se indicar as contribuições mútuas é importante que se reflita brevemente sobre a ideia da interdisciplinaridade. A complexidade da questão só nos é revelada quando começamos a perguntar se existe uma pedagogia ou se existem pedagogias, se existe uma teologia ou teologias; se ambas as disciplinas podem ser consideradas ciências numa compreensão mais estreita do termo etc.

O modelo heurístico, representando a nova estruturação do conhecimento, mostra de um lado a materialidade e, do outro, a imaterialidade. Em termos o Dicionário Houaiss aponta que “interdisciplinaridade” está relacionada com “caráter interdisciplinar”, isto é, “estabelecer relação entre duas ou mais disciplinas ou entre campos do conhecimento comuns a duas ou mais disciplinas”. Mas será que a interdisciplinaridade existe realmente no nosso sistema educativo?

Parece que verdadeiramente interdisciplinaridade seria impossível no contexto da modernidade. O que se observa são sinais, tentativas, direções. Streck (2005, p. 34 ss.) cita alguns pontos, sintetizados abaixo:

1. Estabelecer a própria vida e as questões que dela decorrem como plataforma de diálogo;
2. Busca de confluências transitórias;
3. A interdisciplinaridade começa quando se sente os limites da própria disciplina;
4. O trabalho integrado constitui um problema no contexto educacional brasileiro, cuja formação está mais voltada para o problema educacional em que a participação na interdisciplinaridade pode ser considerada um luxo

5. Você deve saber que ingressar em outra disciplina significa ingressar em outro discurso. É importante definir previamente o papel de cada interlocutor. Isto requer compromisso e paciência;
6. É de fundamental importância selecionar as questões sociais mais relevantes que se deseja tratar de forma interdisciplinar;
7. Necessita haver um diálogo (OLGIN; SILVA, 2021).

Haverá dificuldades de compreensão, o que faz parte do processo. Aqui podemos nos beneficiar do fortalecimento da independência dos alunos neste diálogo que inclui áreas de conhecimento, professores e alunos.

Escolas e professores brasileiros que atuam de forma interdisciplinar estão desenvolvendo ideias e possibilidades para a construção da educação por meio dessa ferramenta. Precisamos ouvir quem trabalha desta forma e encontrar formas de nos adaptarmos às realidades acadêmicas e sociais em que nós, como professores, estamos inseridos (OLGIN; SILVA, 2021).

Esforços interdisciplinares parecem essenciais nas escolas. Como diz Lück (2002, p. 25), a sociedade e a vida modernas são constantemente contraditórias.

[...] ao ligar a TV, enquanto telespectadora, a pessoa recebe a mensagem de que fumar o cigarro da marca X lhe atribui status, charme e até mesmo atração sexual, para em seguida ser informado de que faz mal à saúde. Da mesma forma que, num minuto recebe a estimulação para que compre um produto, no outro, recebe o apelo para economizar, depositando na caderneta de poupança.

As mudanças nos recursos e nos métodos são muitas e rápidas. “A dor e a alienação estão, portanto, presentes no nosso cotidiano” (Lück, 2002, p. 27). Quando as pessoas evitam a dor, elas se tornam alienadas. Para escapar da alienação é preciso buscar a reflexão. Este é um desafio que a educação precisa enfrentar e a ferramenta para superá-lo é o trabalho interdisciplinar que promova e estimule o diálogo. Busca respostas nas experiências dos envolvidos no processo e avança por meio da troca de ideias e experiências

Na busca de aprofundamento da definição de interdisciplinaridade, Lück (2002, p. 32ss.) aponta que:

É importante, para tanto, cultivar uma perspectiva e atitude voltadas para a superação de visões de qualquer ordem, sem encobrir ambigüidades e escamotear diferenças. Torna-se necessário, sobretudo, superar a problemática clássica do ensino, qual seja, a de concretização de idéias em ação. [...] Torna-se necessário e possível, nesse quadro da realidade, trabalhar a interdisciplinaridade como um processo que leva em consideração a cultura vigente e a sua transformação, como condição fundamental para que promova os princípios interdisciplinares. [...] Emerge, nesse processo, o desenvolvimento de atitude e consciência de que

trabalhando dentro de um sistema de interdisciplinaridade o professor produz conhecimento útil, portanto, interligando teoria e prática, estabelecendo relações entre o conteúdo do ensino e realidade social escolar.

A própria definição de interdisciplinaridade ainda está em desenvolvimento, assim como a educação que as escolas esperam alcançar e promover utilizando esta ferramenta de trabalho. Mas é claro que há definitivamente muito que precisa ser falado, entre áreas de conhecimento, entre professores, entre alunos e entre alunos e professores. Todos têm responsabilidade neste processo de mudança que a educação atravessa. A educação financeira serve então para conectar diferentes campos do conhecimento, fazendo-os trabalhar em conjunto e formando conceitos na epistemologia dos alunos que se tornam fundamentais na construção de sua autonomia (VALERO, 2020).

Seguindo no propósito de elucidar o que vem a ser interdisciplinaridade, Fazenda (2002, p. 38), ressalta que:

A relação mais antiga ao tema em questão me sugere a volta à velha Grécia, mais especificamente, à Paidéia e, com ela, a possibilidade de revermos uma situação: a de preceptor e discípulo. O preceptor [...] é aquele que ajuda o discípulo a fazer uma leitura das coisas próprias do conhecimento em geral. O discípulo é aquele que gradativamente é indicado a ampliar essa leitura. Preceptor e discípulo trazem consigo conhecimentos próprios de um e de outro que, ampliados, sintetizam uma proposta eterna de e primeira da educação: Paidéia – hoje posso simplificá-la ou reduzi-la a uma palavra pertencente ao meu universo atual de discurso teórico: parceria.

A troca de conhecimentos é de fundamental importância e é a única forma pela qual a educação pode progredir, desenvolver-se e construir-se no sentido da interdisciplinaridade. É uma parceria entre alguém que não sabe nada do mundo e alguém que já existe há muito tempo. Através da troca de experiências entre os participantes desta parceria, ambas as partes aprendem e crescem (OLGIN; SILVA, 2021).

Neste seguimento, também indica Kleiman (2003, p. 27):

A fragmentação da formação do cidadão preocupa educadores há algum tempo. Recentes apelos para reforma educacional focalizam a necessidade de se desenvolverem currículos que enfatizem a aprendizagem conceitual e a prática social. [...] Partiram da convicção de que experiências educacionais são mais autênticas e de maior valor para os alunos quando os currículos refletem a vida real, que é multifacetada – em lugar de ser organizada em pacotes de assuntos arrumados. A instrução interdisciplinar aproveita-se de conexões naturais e lógicas que cruzam as áreas de conteúdos e organiza-se ao redor de perguntas, temas, problemas ou projetos, em lugar dos conteúdos restritos aos limites das disciplinas tradicionais.

Fica muito claro que o principal objetivo da interdisciplinaridade é pegar o conhecimento que os alunos já possuem e utilizá-lo como ponto de partida para construir novos conhecimentos a partir daquilo que já conhecem bem. Isso definitivamente permitirá

que um aluno que nunca ouviu nada antes salte mais longe do que se começasse a aprender algo novo. Isso nos permite construir autonomia de forma mais confiável e eficiente. Kleiman (2003, p. 27) também afirma:

Um enfoque nas relações entre disciplinas deverá encorajar a solução criativa de problemas e a tomada de decisões porque traz para os alunos as perspectivas, conhecimento e a habilidade de coletar dados de todas as disciplinas. Tal processo instrucional também deverá encorajar os alunos a interagirem com seus colegas num grupo de aprendizagem onde a diversidade de pensamento e de cultura é valorizada.

Novamente, trata-se de tomada de decisão. E é exatamente aí que queremos chegar. Trata-se de trocar ideias e experiências e permitir que os alunos construam gradativamente sua independência. É interdisciplinaridade na atividade. Portanto, esse processo de construção de autonomia precisa ser um processo de aprendizagem contínua que deve acompanhar o aluno durante toda a sua vida, e não apenas durante o estudo em uma instituição de ensino (VALERO, 2020).

4.2.1.2 Educação financeira de forma interdisciplinar

Hoje, dadas as mudanças na sociedade, é importante compreender a pedagogia para além das diferentes tecnologias, mas precisamos nos concentrar na busca por práticas pedagógicas que promovam uma educação situada e interdisciplinar.

Dentro das disciplinas, cada professor pode adequar o conteúdo às necessidades de sua disciplina. Porém, ao discutir abordagens interdisciplinares, é necessário que os conhecimentos sejam integrados e interligados para que a troca de conhecimentos seja recíproca e a fragmentação do conhecimento e da prática educativa possa ser eliminada. A educação financeira e as tentativas de adoção de uma abordagem interdisciplinar visam, portanto, adquirir conhecimento e dar-lhe sentido, indo além dos componentes curriculares (BOSIO et al., 2023).

Deve ficar claro que existem diversas formas de trabalhar interdisciplinarmente. Estes formatos podem ser praticados por indivíduos ou equipas, isoladamente ou em conjunto com instituições, e podem ser implementados em duas ou mais disciplinas. No que diz respeito aos campos do conhecimento, a interdisciplinaridade se encontra nos campos teórico e prático, nos campos epistemológico e metodológico, na didática, na pedagogia, no ensino, na pesquisa e na aplicação.

Figura 3. Círculo de Roqueplo e a estrutura interdisciplinar.
1ª Imagem do diálogo disciplinar



Fonte: <https://www.scielo.br/j/ci/a/Gkn8TVBvX9xz9hW5mGK3V6Q/#>

O círculo de produção locacional tem o potencial de destacar e possibilitar a prática da interdisciplinaridade entre a ciência da informação e a disciplina, pois fornece duas estruturas possíveis de diálogo e duas formas de demonstrar a interdisciplinaridade do campo. Uma ciência que lida com problemas a partir de uma perspectiva comum a todos; lida com eles em situações específicas. Essas duas estruturas de diálogo conceitual foram utilizadas para representar a pesquisa de uma dissertação de doutorado em ciência da informação. A partir dos conceitos dados, criamos duas imagens para visualizar o diálogo proposto a partir dos nomes das disciplinas. O primeiro diálogo se revela através do círculo central, que o autor chama de anel central. A segunda caixa de diálogo, o círculo externo, é chamada de arco externo ensino (VALERO, 2020).

Estabelecer um diálogo necessário com as ciências naturais, a história e a geografia a partir de uma perspectiva abrangente que leve em conta a interdisciplinaridade dos conteúdos de educação financeira e a natureza transversal da matemática, e construir uma base sólida para conteúdo de educação financeira que garantam a sustentabilidade. O aspecto para uma compreensão satisfatória do conteúdo possível é possibilitado pela representação do contexto de vida real do aluno.

As escolas devem ajudar os indivíduos a se engajarem na educação financeira. Porque além de abordar a matemática, a educação financeira traz interdisciplinaridade e consciência situacional para a sala de aula e torna os alunos cidadãos. Com as alterações na Base Nacional

Comum Curricular (BNCC), a incorporação obrigatória de Temas Transversais Contemporâneos (TCTs) nos currículos escolares proporciona novas oportunidades para a discussão e implementação de abordagens interdisciplinares. Entre os quinze TCTs, destaca-se a educação financeira, juntamente com a educação profissional e a educação fiscal. Tais temas formam a macro área da economia (BOSIO et al., 2023).

Embora a BNCC trate a educação financeira como um tema interdisciplinar, ela inclui explicitamente apenas uma base matemática. A redação também propõe pesquisa colaborativa com a disciplina de história e inclui “o dinheiro e suas funções na sociedade, a relação entre dinheiro e tempo, impostos em diversas sociedades e estratégias de marketing atuais em vários pontos da história”. estudar o consumo. No entanto, a Base de história não faz menção a esse esforço. Cabe então à escola desenvolver uma estratégia para garantir que a matéria seja abordada em quatro das cinco áreas do conhecimento: português, artes, inglês, matemática, geografia e história”, você pode usar aulas que abordam temas relacionados à biologia e ecologia usando animais retratados em notas reais realizadas em escolas de ciências. Nas disciplinas de português, ler e compreender faturas, faturas e folhetos de forma independente é uma das competências ensinadas (TOMAZ; DAVID, 2020).

A educação financeira não é uma disciplina única, são questões que permeiam a sala de aula. Os professores de matemática calculam os juros dos empréstimos, os professores de geografia pedem aos alunos que estimem o preço de uma viagem, cidades, distâncias, podemos falar sobre moedas, taxas de câmbio, orçamentos para viajar e como fazer atividades de lazer nas aulas de arte ou ginástica sem gastar uma fortuna, destaca Tomaz e David (2020).

Tentar ensinar apenas matemática financeira e ignorar outros aspectos do problema é reducionista e pode tornar este conhecimento menos relevante para os alunos. Deste ponto de vista, faz sentido considerar uma abordagem interdisciplinar.

Segundo Tomaz e David (2020), esta sugestão é a seguinte:

[...] ajudaria a construir novos instrumentos cognitivos e novos significados, extraindo da interdisciplinaridade um conteúdo constituído do cruzamento de saberes que traduziria os diálogos, as divergências e confluências e as fronteiras das diferentes disciplinas. Supõe-se que construiríamos, assim, novos saberes escolares, pela interação entre as disciplinas. (TOMAZ e DAVID, 2020, p. 17).

Esta proposta leva em conta o conceito de interdisciplinaridade de Fazenda (2008). O autor recomenda que primeiro consideremos o significado desta palavra.

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação da grade. Porém, se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que

envolvem a cultura do lugar onde se formam os professores. (FAZENDA, 2008, p. 21).

Nossa geração de educadores foi treinada para discutir projetos. Contudo, existem vários obstáculos à aplicação desta proposta, o primeiro dos quais, como nos lembra Fazenda (2008), é delinear o problema a ser estudado.

A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto, porém é necessário criar uma situação problema no sentido de Freire (1974), onde a ideia nasce da consciência comum, da fé dos investigadores no reconhecimento da complexidade do mesmo e na disponibilidade destes em redefinir o projeto a cada dúvida ou a cada resposta encontrada. Nesse caso, convergir não no sentido de uma resposta final, mas para a pesquisa do sentido da pergunta inicialmente enunciada. (FAZENDA, 2008, p. 27).

Diante do contexto apresentado, o Projeto de Lei 628/2017 é responsável por estabelecer um programa de educação financeira infantil dentro da rede de ensino do município. Seu objetivo é fornecer conteúdos práticos, lúdicos e interativos que forneçam os fundamentos da boa gestão, da conscientização no atendimento das necessidades básicas, da programação para planejar e atingir metas e da importância da conscientização do consumidor. O objetivo é ensinar conceitos básicos de educação financeira para alunos do ensino fundamental para o futuro e por toda a economia deste país.

A partir de dezembro de 2019, todas as escolas do Brasil deverão cumprir integralmente as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta lei foi elaborada em 2015 em colaboração com o Ministério da Educação (MEC) e leva em conta a diversidade de aplicação nas escolas, com a oferta de educação financeira em creches e escolas primárias e o direito de ser abordado agora em todas as escolas.

O Documento da BNCC Brasil (2018) propõe que as abordagens da educação financeira sejam transversais e integradas, para que cada escola possa adotar formas de articular esse tema em seu currículo. Vale ressaltar que esse conteúdo vai além da inclusão de juros, descontos e percentuais e deve ser abordado de forma que estimule a reflexão consciente sobre as atitudes em relação ao dinheiro. Os professores devem abordá-lo de forma interdisciplinar e transversal. É preciso deixar claro para os alunos que poupar e economizar é mais do que usar um cofrinho. É importante que surja uma visão da importância do planejamento financeiro sustentável no futuro.

Esta estratégia constituiu-se como uma política nacional permanente e tem como principais características a garantia de gratuidade e equidade comercial das iniciativas que

desenvolve ou apoia. A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) é uma mobilização multissetorial para promover atividades de educação financeira no Brasil (ENEF, 2019).

A seguir, na figura 4, estão relacionadas as iniciativas de Educação Financeira aplicadas no Brasil junto com a ENEF:

Figura 4. Dados Estratégia Nacional de Educação Financeira.

Recorte Dados Gerais	
15656	Iniciativas com SEMANA ENEF
304	Iniciativas com SELO ENEF
622	Escolas Projetos Intinerante
711	Iniciativas no Mapeamento Nacional
4	Universidades nos POLOS EDUCACIONAIS
209	Programa de Adultos
6367	Professores em EAD
9	Artigos

Fonte: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/> (2019).

A finalidade da ENEF, criada pelo Decreto Federal 7.397/2010, é contribuir para o fortalecimento dos direitos de cidadania, disponibilizando e apoiando medidas que ajudem os cidadãos a tomar decisões econômicas mais autônomas e conscientes. A estratégia foi desenvolvida por meio da coordenação de nove secretarias e órgãos governamentais e quatro organizações da sociedade civil que fazer parte da Comissão Nacional de Educação Financeira (CONEF) (ENEF, 2019).

Para Figueiredo e Begosso (2020), incorporar a educação financeira ao currículo é um aspecto fundamental para que os alunos entendam a melhor forma de administrar suas finanças pessoais e tomem decisões financeiras mais conscientes. Porém, os resultados relatados por Souza et al. (2019) mostram que em algumas escolas primárias a integração interdisciplinar ou profissional da educação financeira no currículo é negligenciada, e que esta realidade ainda existe na maioria das escolas públicas do Brasil.

A educação financeira, que aparece repetidamente nos conteúdos de matemática, também pode ser abordada de forma interdisciplinar pelos professores do ensino fundamental e médio, inclusive das disciplinas de humanidades. Por exemplo, numa aula de geografia, os tópicos podem ser ensinados utilizando os conceitos de zonas econômicas, importações e

exportações, IDH (índice de desenvolvimento humano), PIB (produto interno bruto), crescimento econômico e desemprego estrutural.

Nas aulas de história, os professores podem trabalhar na contextualização da função do dinheiro na sociedade. Biologia: Reflexões sobre sustentabilidade, desenvolvimento econômico e impacto ambiental. A sociologia pode abranger o conceito de espaço público. A educação financeira não precisa ser uma disciplina. Pode ser desenvolvido em sala de aula por professores de todas as disciplinas.

4.3 Terceira Consultoria

4.3.1 Educação financeira e sustentabilidade.

Segundo Mello (2022), nos últimos anos tem havido um interesse crescente em repensar comportamentos para uma vida mais saudável, ou seja, os tipos e quantidades de produtos consumidos e descartados. São conceitos relacionados à poupança, ao reaproveitamento e ao consumo consciente. Juntos, esses temas visam o bem-estar, o cuidado e a preservação das comunidades locais, a fim de alcançar coisas melhores no futuro. Portanto, nem é preciso dizer que entender a sua relação com o dinheiro é necessário para uma vida financeira saudável.

A implementação do Plano Real, que levou à estabilização da moeda brasileira, permitiu que grande parte da população planejasse e economizasse dinheiro. Contudo, parece que o aumento da dívida da população pode ser justificado “pela falta de conhecimento das pessoas sobre gestão financeira e práticas de rendimento sustentáveis” (MELLO, 2022, P. 35).

Mudar os seus hábitos de consumo também tornará o seu comportamento mais amigo do ambiente. No entanto, tanto a literacia financeira como a proteção ambiental devem ser mais exploradas para mostrar como pequenas ações podem fazer uma grande diferença, uma vez que a adoção de práticas ambientais simples beneficia tanto o planeta como o setor financeiro. Tema (SENNÁ, 2019).

Ressalta-se que a educação no sentido mais amplo tem uma função vital no desenvolvimento da sociedade, pois tem por finalidade preparar as pessoas para a vida. Isto realça a importância de educar cidadãos globais que sejam capazes de reconhecer, refletir, compreender, criticar e agir no mundo diversificado que os rodeia. Esteja atento aos diferentes

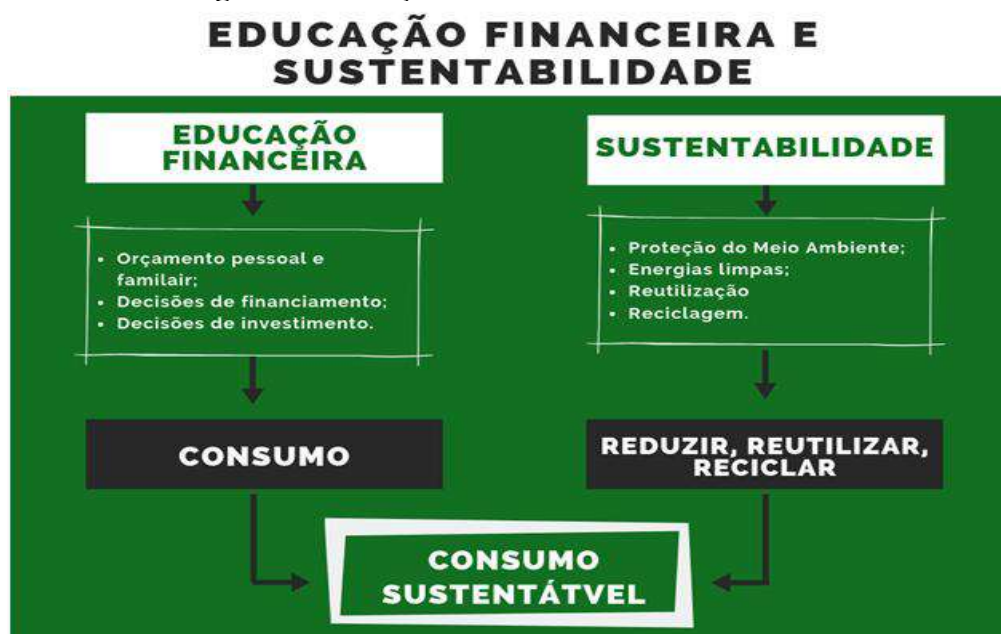
cenários que o cercam, incluindo o social, o político, o econômico, o ambiental e o cultural (ROSSETO et al., 2020).

A socialização da educação financeira com foco na sustentabilidade tem o potencial de inculcar nas pessoas conhecimentos fundamentais para suas vidas hoje, sem descuidar de sua capacidade crítica de discutir e transformar o ambiente que os cerca. Segundo Rosseto et al (2020), esse fato faz parte do desenvolvimento sustentável, a menos que haja consenso. Nesse sentido, será possível aliar os objetivos da educação financeira aos objetivos da sustentabilidade. Isto significa refletir e explorar o mundo, responder às necessidades e lutar pelo bem-estar da geração atual sem comprometer as capacidades das gerações futuras.

Através de medidas relacionadas com a literacia financeira, como gerir o dinheiro com sabedoria, reduzir os impulsos de consumo e reutilizar produtos, as pessoas também adotam comportamentos amigos do ambiente. Nesse sentido, a educação financeira representa qualquer processo pelo qual as pessoas adquirem uma compreensão mais profunda da sua relação com o dinheiro. Pessoas que recebem educação financeira desde cedo conseguirão construir relacionamentos autônomos e gerar renda, ao invés de serem controladas pelo dinheiro (MELLO, 2022).

Uma sociedade sustentável significa utilizar recursos não renováveis (como o petróleo) de forma equilibrada e reduzir o seu esgotamento. Isto pode ser alcançado através de práticas que protejam o ambiente e regenerem e reutilizem os recursos naturais da Terra. Embora educação financeira e sustentabilidade sejam diferentes, contribuem de forma integrada para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. O diagrama abaixo mostra a convergência e semelhanças entre os dois tópicos (MELLO, 2022).

Figura 5: Educação Financeira e Sustentabilidade.



Fonte: <https://ufabcdivulgaciencia.proec.ufabc.edu.br/2019/>

Além disso, a educação financeira é um dos temas propostos para a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um documento normativo que visa definir um conjunto orgânico e progressivo de conteúdos básicos de aprendizagem que todos os alunos adquiram por meio de etapas e métodos de ensino. Precisamos desenvolver a educação. Educação básica. Seu objetivo é orientar a educação brasileira para a formação humana holística e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018).

Neste sentido, a abordagem de questões atuais como os direitos das crianças e dos jovens, a educação nos transportes, a educação ambiental, a educação financeira etc. depende da capacidade de todos os sistemas educativos e de todas as escolas abordarem as componentes curriculares de uma forma específica ao contexto. Será incluído. Dependendo de suas respectivas características (BRASIL, 2018). Portanto, para garantir o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos e contribuir para a melhoria do nível de cidadania dos alunos, a educação financeira deve ser incluída nas políticas públicas, incluindo-a como um dos temas atuais da BNCC.

O conteúdo da educação financeira, juntamente com o conteúdo da sustentabilidade, é fundamental para esta discussão sobre o desenvolvimento nacional, especialmente dada a situação atual em que a sociedade é obrigada a reconsiderar os seus hábitos de consumo e avaliar o seu impacto ambiental. E a população é toda uma. Essas questões estão diretamente relacionadas à sua relação com o dinheiro. O cenário atual evidencia, portanto, a necessidade

urgente de modernização das estruturas educacionais com conteúdo e dispositivos digitais cada vez mais contextualizados que atendam às necessidades da sociedade e à evolução dos processos de ensino e aprendizagem. (MELLO, 2022).

Na esfera das ciências naturais, estabelece-se a relação com a educação financeira, o desenvolvimento de hábitos de consumo consciente através do uso responsável dos recursos naturais, a compreensão do ciclo alimentar até o agregado familiar, a diferença entre comprar no mercado e comprar no comércio feiras. Você pode entender a diferença. , variáveis financeiras que influenciam essa decisão de consumo e seu impacto ambiental e social. Compreender os processos históricos em que estamos envolvidos também é importante na formação dos nossos hábitos e na influência dos nossos antepassados sobre eles. O processo de colonização, as pessoas envolvidas, a formação da sociedade e a sua localização geográfica são insights importantes para a compreensão das relações estabelecidas como dinheiro e dos comportamentos associados a essas relações (ROSSETO et al., 2020).

Como destaca Abensur (2019), a educação financeira e a sustentabilidade estão intimamente relacionadas e contribuem para melhorar a qualidade de vida da sociedade de forma integrada. Visa reduzir significativamente o risco de incumprimento de pagamentos individuais e coletivos e contribuir para a estabilidade social. Além disso, destaca que uma sociedade sustentável significa utilizar os recursos não renováveis de forma equilibrada e reduzir o seu esgotamento. Isto pode ser alcançado através de hábitos ambientalmente conscientes, renovando e reutilizando os recursos naturais da terra. Os hábitos de consumo fazem parte da construção de práticas de sustentabilidade e são um dos pilares da educação financeira.

A escolha é um elemento chave na formação de hábitos de consumo saudáveis. Esse hábito deve ser incentivado desde a infância. A tomada de decisões é importante para que as crianças aprendam a gerir riscos e a avaliar as melhores opções em diferentes situações. Isso está diretamente relacionado à forma como você lida com o dinheiro. Na primeira infância, as decisões podem começar com situações simples, como que roupa vestir ou o que comer no lanche. Neste ponto, você também pode abordar o conceito de consumo consciente junto com a tomada de decisão. Com o tempo, as decisões podem se tornar mais complexas e exigir o uso dos próprios recursos. É muito importante considerar o consumo consciente, o planejamento e uma perspectiva sistêmica sobre o impacto da tomada de decisão para facilitar a tomada de decisão (ROSSETO et al., 2020).

Os pais, encarregados de educação e as escolas devem gradualmente permitir que as crianças e os jovens decidam o que é realmente importante para eles. Caso contrário, as

crianças e os jovens serão facilmente influenciados a tomar decisões que não correspondem necessariamente às suas verdadeiras prioridades e desejos. Isto é especialmente verdadeiro durante a adolescência, onde a necessidade de autoestima é elevada e os adolescentes são suscetíveis ao consumo excessivo de mídia. Esta etapa é essencial para alcançar o equilíbrio financeiro, pois as decisões são tomadas na hora de tomar decisões de consumo, poupança e investimento. Outro tópico importante é o pensamento de longo prazo. As decisões devem incluir situações que incentivem a criança a pensar a longo prazo. Por exemplo: Escolher entre um brinquedo ou uma viagem pode envolver um comportamento imediato que pode ser mudado gradativamente por meio do envolvimento frequente no processo de tomada de decisão (ROSSETO et al., 2020).

Como aponta Abensur (2019), educar os filhos para serem consumidores conscientes envolve uma aprendizagem progressiva que desenvolve habilidades de negociação, tolerância e controle do medo que são fundamentais para a capacidade de acumular riqueza ao longo da vida. Em situações complexas, os adultos responsáveis podem precisar de ajudar a resolver dilemas e fazer perguntas para resolver obstáculos à definição de prioridades. Portanto, é importante monitorar a resolução de problemas da criança, permitir que ela mesma resolva os problemas no futuro e afastá-la de atividades que possam comprometer seus objetivos e seu futuro. A intersecção entre educação financeira, consumo consciente e tomada de decisão é aprender a tomar melhores decisões financeiras e ao mesmo tempo causar menos impacto ao meio ambiente e à sociedade como um todo.

4.4 Quarta Consultoria

4.4.1 A casa da gente, assim como nosso país precisa de orçamento

Ao nível familiar, o planejamento pode ser visto como uma ferramenta para encontrar um equilíbrio entre rendimentos e despesas. Para isso, é importante monitorar todos os processos financeiros para verificar os resultados encontrados e corrigi-los quando forem detectados desvios. É importante ressaltar que na hora de organizar as finanças da família é preciso estar atento ao realismo das receitas e despesas, para que o orçamento seja confiável, contenha previsões reais e seja muito preciso. O orçamento é utilizado para criar metas e

planos de médio e longo prazo com medida educativa e preventiva que permite o monitoramento de custos e projeções futuras (LOPES, 2020).

O termo orçamento é, na maioria das vezes, mal compreendido por que muitos cidadãos simplesmente acreditam numa cotação. Na realidade, o orçamento tem um significado diferente na vida empresarial, bem como nas comunidades familiares. Carneiro e Matias (2021, p. 97) definem orçamento empresarial como “uma previsão de receitas e despesas elaborada por uma organização para um período específico”. Em relação ao orçamento familiar, os autores chamam-no de “uma previsão de receitas e despesas elaborada por uma família para um determinado momento”. De acordo com o exposto, vimos que tanto a empresa como a família têm fatos comuns e ambas necessitam de cuidar eficazmente dos seus recursos financeiros para atingir os seus objetivos econômicos e financeiros, com a finalidade de maximizar o patrimônio.

O Dicionário Oxford, indica que um dos conceitos de planejamento é estabelecer uma sequência de etapas e ações voltadas para a execução de um projeto específico. Portanto, verifica-se que fazer um orçamento familiar requer metas com formas e meios sensatos para que o planejamento não se limite ao registro de dados. Segundo Serviços de Assessoria S.A. (SERASA, 2022), o orçamento familiar é o seguinte: Ferramenta para gerenciamento de gastos de pessoas que moram juntas e compartilham despesas (básicas, necessárias, extras), bem como metas de curto, médio e longo prazo realizadas em grupo. Formas complementares de orçamento familiar.

Como também é citado de modo simples por Lopes (2020): A renda de uma família feita por meio de organização e controle constante bem como o registro eficiente das despesas e receitas mensais, determina os parâmetros a serem alcançados (LOPES, 2020, p. 08).

Ele pode ser criado de diversas formas (planilha eletrônica, armazenado no computador, em notebook etc.), mas é importante que contenha todas as informações sobre suas receitas e despesas para que você possa acompanhá-las ao longo do mês, até mesmo itens considerados “não importantes”. Analisando a literatura, encontramos outras definições de autores que ajudam a esclarecer os orçamentos domésticos, tais como:

Um livro de contas domésticas pode ser definido como uma planilha na qual são listadas todas as despesas e despesas de uma família, incluindo variáveis e aquelas consideradas insignificantes, e tem como objetivo fornecer uma visão geral da vida econômica e dos hábitos da família. é fazer (ARÊAS, 2020, p. 66).

O Instituto de Estudos Financeiros (IEF, 2019) ressalta a valia de um Orçamento formalizado, ao citar que:

Uma oferta escrita sugere um amplo interesse na sua utilização e fornece informações de maior qualidade. Se o orçamento não for registrado (somente na memória do indivíduo) e fornecer informações sem precisão, a sua utilidade efetiva é significativamente reduzida. (IEF, 2019).

A simples criação de um orçamento não garante necessariamente o sucesso. É importante lembrar que criar um orçamento não é garantia de que a vida financeira de uma pessoa será melhor. Porque um orçamento não se trata apenas de saber onde os recursos serão alocados, mas também de considerar como serão utilizados (INFOMONEY, 2020). Portanto, com base na explicação acima, listarei despesas mais práticas e de fácil compreensão, dividindo-as em categorias como habitação, alimentação, saúde, educação e energia. Depois de determinar seu saldo final e saber exatamente para onde irão seus pagamentos.

Imperativo frisar que em geral um saldo positivo indica que a renda não só é suficiente para cobrir as despesas, mas também que existem recursos excedentes que podem ser utilizados da melhor forma de acordo com a vontade do indivíduo e da família. No entanto, quando o saldo é negativo, o orçamento indica de forma mais eficaz onde estão as despesas desnecessárias, que despesas cortar, que prioridades definir, se são necessárias receitas adicionais etc. Isto se baseia nas palavras de Silva (2020):

Isso torna mais conveniente obter o saldo final. Você pode usar essas informações para estimar suas despesas como uma porcentagem de sua receita. Um saldo positivo indica que sua renda é suficiente para cobrir todas as despesas existentes. No entanto, se o seu saldo for negativo, você deve ter cuidado para determinar quais categorias de gastos são melhores para cortar para atingir um saldo positivo no final do mês. Essas informações são relevantes para a gestão pessoal, pois buscam alternativas para otimizar receitas e priorizar o pagamento de despesas dentro do orçamento pessoal (DA SILVA, 2020, p. 11).

Conhecer as variáveis que compõem um orçamento ajudará você a entender seus objetivos e fornecer parâmetros para criar seu orçamento quando chegar a hora. Um dos maiores desafios das famílias brasileiras, independentemente da classe social, é prover e administrar adequadamente suas finanças. O facto de a literacia financeira ainda não estar generalizada no país contribui para este cenário (DA SILVA, 2020).

Segundo estudo publicado em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) no âmbito da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF, 2019), 72% do total das despesas mensais das famílias no país vai para alimentação, habitação e transporte. Está acontecendo. Para as famílias que ganham até o dobro do salário-mínimo mensal, as despesas básicas representam 31,1% do orçamento. O percentual de pessoas que ganham um salário-mínimo entre 2 e 10 é de 20%, e o percentual que ganha um salário acima de 25 é de 11%.

Segundo estudo do Conselho Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), 78% das famílias brasileiras estão endividadas. Os cartões de crédito são os maiores culpados para a maioria das pessoas, sobrecarregando as finanças domésticas de 85,4% das famílias. Outras fontes de dívida incluem cheques especiais, empréstimos consignados, cheques pré-datados, empréstimos pessoais, comprovantes de depósito e empréstimos para automóveis e hipotecas (DA SILVA, 2020).

A expansão de alimentos básicos como arroz, feijão, carnes, aves, leite, óleo de soja, botijões de gás, energia elétrica doméstica e combustíveis (gasolina, etanol, óleo diesel, gasolina para automóveis) também está afetando o cotidiano. Isso é um problema. É hora de melhorar sua gestão orçamentária. Para reverter esse cenário, você precisará se esforçar muito para gerenciar seus custos e ajustar suas prioridades, eliminando ao máximo a redundância possível da sua rotina. É por isso que o monitoramento é importante para ajudar a priorizar gastos, evitar dívidas e implementar planos que dependam de investimentos financeiros. Um livro de contas da família dá-lhe uma visão abrangente da situação financeira do seu agregado familiar e ajuda-o a decidir que caminho seguir, seja para sair das dívidas ou simplesmente para organizar a forma como gasta o seu dinheiro todos os meses (MACEDO, 2020).

Um orçamento familiar deve consistir em três componentes principais: receitas, despesas e investimentos. A receita é todo o dinheiro que flui para o orçamento. Há receitas que chegam regularmente todos os meses, como salários, comissões, benefícios e aluguel de imóveis. Existem também alguns tipos de renda extra que você não recebe todos os meses, como: Exemplos: 13º rendimento, férias, venda de mercadorias, aplicações financeiras (ARÊAS, 2020).

Para os orçamentos familiares, a sua elaboração não difere dos métodos utilizados para os orçamentos empresariais. Sua aplicabilidade é demonstrada por meio do planejamento de gastos e poupanças, pois “o próximo passo após a realização de um teste de recursos é descobrir onde o dinheiro será gasto” (MACEDO, 2020). Os tipos de orçamento familiar podem ser divididos em custos fixos e custos variáveis, mas todos interagem entre si para alcançar o resultado. As categorias de despesas incluem custos fixos como aluguel, condomínio, luz, água, internet, planos telefônicos, seguro saúde e serviços de streaming.

As despesas variáveis normalmente incluem atividades de lazer, como viagens, presentes, momentos divertidos no trabalho e despesas relacionadas a situações inesperadas em casa. A categoria “renda fixa” corresponde ao salário ou pensão mensal de um membro do agregado familiar. A renda variável inclui pagamentos de trabalhos autônomos, bônus e comissões da empresa (ARÊAS, 2020).

Portanto, o primeiro passo do planejamento familiar baseado no orçamento é definir metas como viagens, compra de imóveis, ensino superior para os filhos, compra de carro, quitação de dívidas, aumento de renda na aposentadoria. Devem ser acessíveis e possíveis com a participação de todos os membros da família. Essas metas unem as famílias na busca de objetivos comuns e facilitam as decisões acertadas em momentos de euforia com gastos temporários ou não planejados (MACEDO, 2020).

Após as projeções de renda, as famílias devem decidir quanto gastar. Recomendamos classificar seus gastos de acordo com diversos critérios, como onde você gasta (supermercados, moradia, vestuário, transporte, saúde, educação, lazer, gastos bancários e outros gastos). Todas as despesas possuem subcategorias e podem ser categorizadas de acordo com as características familiares (MACEDO, 2020).

Os investimentos são entendidos como o dispêndio de recursos que uma família faz agora com vistas ao uso futuro. Isso significa comprar carro, imóveis, previdência privada, aplicações financeiras etc. Portanto, um orçamento pode ser uma ferramenta de controle para as famílias administrarem. Gerencie suas receitas, despesas, investimentos e monitore se o que você planejou realmente aconteceu. Neste caso, propõe-se analisar as variações de cada elemento e adaptar os elementos conforme necessário para atingir os objetivos definidos na unidade familiar (LOPES, 2020).

É importante ter uma forma de registrar suas receitas e despesas para que você possa ver os gastos médios por categoria durante um período de tempo. Seja em planilhas eletrônicas, cadernos de papel ou aplicativos financeiros, o planejamento deve levar em conta esse histórico de consumo. Dessa forma, ao focar nas metas planejadas, você poderá determinar quais despesas poderá cortar e quanto poderá economizar com um orçamento positivo (receitas maiores que despesas) (LOPES, 2020).

Carneiro e Matias (2021) afirmam que as famílias, assim como as empresas, precisam dividir o ano em meses no seu orçamento corporativo. Dessa forma, as famílias analisam o que vai acontecer mês a mês, levando em consideração a sazonalidade que ocorre ao longo do ano. Os autores também sugerem que uma planilha de orçamento familiar tenha cinco colunas. Primeiro, são colocados receitas, despesas e investimentos. O segundo é o valor do orçamento. O terceiro é o valor real implementado. Na quarta coluna, você precisa comparar a variação percentual do valor entre o orçamento e o valor realizado. Por fim, compara-se a participação de cada item na renda total da família para verificar quanto representa como um todo. Abaixo está um exemplo de livro de contas doméstico criado em formato de resumo.

Quadro 1 – Modelo de planilha de orçamento familiar.

Descrição das Receitas e Despesas Referência: Janeiro de 2011	Valores Orçados	Valores Realizados	Real /Orçado Variação %	% da Receita Realizada
RECEITAS TOTAIS	3.050,00	3.000,00	-1,64%	100,00%
Regulares	2.550,00	2.450,00	-3,92%	81,67%
Eventuais	500,00	550,00	10,00%	18,33%
DESPESAS TOTAIS	2.500,00	2.538,00	1,52%	84,60%
Supermercado	500,00	525,00	5,00%	17,50%
Moradia	420,00	433,00	3,10%	14,43%
Vestuário	160,00	160,00	0,00%	5,33%
Transporte	380,00	365,00	-3,95%	12,17%
Saúde	100,00	130,00	30,00%	4,33%
Educação	600,00	600,00	0,00%	20,00%
Lazer e entretenimento	250,00	230,00	-8,00%	7,67%
Despesas bancárias	20,00	20,00	0,00%	0,67%
Outras despesas	70,00	75,00	7,14%	2,50%
(=) RESULTADO PARCIAL	550,00	462,00	-16,00%	15,40%
INVESTIMENTOS	550,00	462,00	-16,00%	15,40%
(=) RESULTADO FINAL	0,00	0,00		0,00%

Fonte: Carneiro e Matias (2021).

Este exemplo mostra que a meta geral de vendas não foi superada, mas a comparação do orçamento e da realização mostra um percentual negativo. Em relação às despesas, o valor real ficou abaixo do esperado, e conseguimos um aumento de 1,52% em relação ao valor orçado. O investimento também ficou aquém do valor orçado, resultando em taxa negativa. As despesas com educação, despesas com supermercados e despesas com habitação consumiram a maior parte da receita, representando 20,00%, 17,50% e 14,43%, respectivamente. Este agregado familiar gastou 15,40% dos seus rendimentos auferidos em investimentos (CARNEIRO; MATIAS, 2021).

É evidente que elaborar um orçamento não é uma tarefa fácil e é importante apoiar as famílias anotando e mapeando efetivamente as suas despesas para que possam aplicar estratégias para superá-las e para que as suas despesas não sejam superiores aos seus rendimentos. claro que toda a família precisa estar envolvida. Entenda a situação desfavorável e estabeleça metas de investimento futuras. Nesse cenário, aplica-se a definição de Frezatti (2019, p. 84) quando o gestor afirma: Tomar decisões sobre ações para ajustar metas futuras [...].

Uma crítica aos orçamentos operacionais é que alguns gestores acreditam que eles são ineficazes porque só podem gastar o que está definido em cada conta e não podem alterar o orçamento caso surjam circunstâncias imprevistas. Você pode refutar esse argumento observando que, no caso de um orçamento empresarial ou familiar, o valor orçado não pode ser excedido porque o valor orçado pode ser reajustado removendo-o de um item de linha e

movendo-o para outro. Na verdade, essa tarefa não é fácil, mas lembre-se que após a conversão de todas as contas familiares, a família terá todos os seus bens monitorados profissionalmente.

É importante que o orçamento familiar seja uma ferramenta para construir uma base financeira fiável dentro do agregado familiar. Criar uma cultura baseada na gestão de receitas e despesas pessoais, na mudança de comportamentos e atitudes, na transformação de rotinas e na identificação de uma visão de futuro para um legado com possibilidade de transmitir essa cultura às gerações futuras (FREZATTI, 2019).

Assim, pode-se dizer que o orçamento é uma ferramenta de análise de tomada de decisão que permite analisar suas previsões de receitas e despesas e compará-las com outros períodos de tempo. Caso ocorra alguma distorção, você tem a oportunidade de revisar todas as contas para reverter essa situação e escolher a melhor opção para sua família. Considerando os fatos apresentados, parece que a elaboração de um orçamento familiar exige disciplina, habilidade e conhecimento, o que impacta positivamente na saúde financeira da família. Esperamos que este estudo familiar contribua para o conhecimento sobre a gestão de recursos dentro do agregado familiar.

4.4.2 Receitas

De acordo com Oliveira, Marques, Pasqua (2021, p. 25) “Receita é toda venda de bens ou prestação de serviços realizada por uma empresa.” Todos os rendimentos que entram na vida de uma pessoa – salários, comissões, empregos temporários, consultas, prêmios, salários etc.”

Ao criar um orçamento, é importante listar todas as suas receitas e cada fonte de renda. Porque, como mostra o livro *Orçamento Familiar e Controle Social – Instrumentos de Organização da Sociedade* (BUGARIM, et al., 2019, p. 37): “Ter múltiplas fontes de renda não só garante o recebimento de mais dinheiro, mas também garante proteção, pois evita crises financeiras”. A crise financeira tem um impacto menor sobre sua vida", explica ele, dando um exemplo.

Eles têm uma plantação de laranjas, da qual lucram bem, e tudo vai muito bem. De repente, uma doença atinge sua fazenda e você perde tudo. Como você reagiria? Considerando que você é um empreendedor, você está lançando um novo negócio, certo? E quanto tempo levará até que você possa obter lucros como antes? Pode demorar bastante. Por isso, diversas alternativas de negócios que geram receitas de

diferentes atividades, independentemente umas das outras, podem garantir conforto e segurança. Dessa forma, sempre há uma saída e a crise terá pouco impacto sobre você (BUGARIM, et al., 2019, p. 37).

Abaixo estão algumas das fontes de renda, incluindo salário, e a renda que você pode obter com isso. Observe que a renda acima varia de acordo com o vínculo empregatício, e seu subsídio pode ser maior ou menor.

Os investimentos são uma importante fonte de renda adicional. Segundo o portal do investidor apud Günther (2020, p. 41), "Investir significa utilizar os recursos economizados na aplicação para pagar juros e outras compensações e modificações". Portanto, a finalidade do investimento vai além da simples preservação do patrimônio. Porém, muitas vezes questionam-se surgem sobre os melhores investimentos, e nesse sentido Anbid apud Günther (2020, p. 42) deixa claro:

O investimento ideal é aquele que permitirá a pessoa dormir tranquilo, não colocará em risco a saúde financeira e vai custear todos os objetivos e planos. Porém para descobrir este investimento a pessoa necessitará primeiro fazer a lição de casa, ou seja, conhecer a si mesmo como investidor e objetivos. Por isso, antes de optar por qualquer aplicação se certifique quanto á tolerância ao risco, o objetivo e o prazo do investimento.

Na verdade, é importante saber que tipo de investimentos estão a ser feitos para não ter um impacto negativo na situação financeira dos indivíduos e das famílias, e neste sentido alerta Günther (2020, p. 42) sobre as seguintes questões:

Uma parcela significativa do investimento é monitorar a natureza do mercado e reavaliar continuamente seus investimentos. Determinar o melhor momento para tomar decisões de investimento é muito importante. Os índices financeiros e a determinação do momento certo são técnicas que fornecem algumas orientações na tomada de decisões e investimentos. Tal como acontece com qualquer investimento, é importante manter-se informado sobre as condições económicas passadas e atuais. Outro fator importante é a diversificação de investimentos. A diversificação é uma forma eficaz de minimizar o risco.

Segundo Arêas (2020), "vale ressaltar que quando há sobra, enfatiza-se a relevância da participação de todo o núcleo familiar na hora de decidir a forma de investimento, pois esta não é uma decisão fácil." As aplicações financeiras ou não financeiras apresentam diferentes níveis de risco, dependendo da cobertura desejada. O ouro também é considerado um investimento de retorno variável, como explica Hoji (2019):

O valor do ouro segue os preços internacionais e são negociados em bolsas de valores. Os compradores de ouro não precisam necessariamente possuir fisicamente este metal, pois os certificados de depósito emitidos por instituições reconhecidas têm o mesmo valor e são negociáveis (HOJI, 2019, p. 33).

E os chamados fundos de renda variável, muito comuns entre as instituições financeiras, estão sendo revisitados. No entanto, você precisa considerar o retorno do investimento. Vale a pena porque quanto mais tempo durar o investimento, maior será o risco de perda por recursos não utilizados e maior será o risco. Quanto maior o tamanho do investimento, maior deverá ser o retorno quando reembolsado.

4.4.3 Despesas

Depois de examinar todas as receitas e fontes financeiras correspondentes, esses recursos são deduzidos e as despesas incorridas para atender às necessidades do indivíduo ou família são categorizadas. As despesas devem incluir todas as despesas incorridas por um indivíduo ou família durante um período específico. Isso inclui coisas como aluguel, compras de supermercado, taxas escolares e combustível. (BUGARIM et al., 2019, p. 44).

É claro que os gastos variam de família para família e de período para período. É importante compreender os custos incorridos no período anterior e os custos que podem ser incorridos no período seguinte. O livro “Orçamento Familiar e Gestão Social” afirma que geralmente existem três tipos de despesas: custos fixos, custos variáveis e custos extraordinários. Custo fixo:

São execuções regulares ou regulares, que podem ocorrer uma ou algumas vezes por mês. B. Aluguel, supermercado, água, luz, etc. Ao saber o que acontece regularmente, você pode prever antecipadamente com um alto grau de precisão (BUGARIM, et al., 2019, p. 44 e 45).

Por exemplo, tenha em mente que custos como contas de supermercado, água e luz são listados como custos fixos, embora possam mudar de tempos em tempos. Mas há uma razão para tudo isso no próprio texto da obra, que é muito nobre e indica que estas devem ser classificadas na conta de despesas fixas, já que ocorrem todos os meses. Os custos variáveis mencionados no trabalho acima são aqueles que não ocorrem regularmente, como roupas, lazer e produtos de beleza.

Por fim, as despesas extraordinárias são “despesas que ocorrem com pouca frequência ao longo do ano e cujo valor geralmente não muda”. Previsível” (BUGARIM, et al., 2019, p. 45). Os exemplos mais comuns dessas despesas são consultas médicas, consertos de automóveis e reformas de imóveis. De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares

(POF) realizada pelo IBGE 2018/2019, verifica-se que todas as despesas acima podem ser incluídas no grupo de despesas de consumo da seguinte forma:

A despesa de consumo corresponde às despesas incorridas por uma unidade de consumo na aquisição de bens e serviços que servem para satisfazer as necessidades e desejos pessoais dos seus membros (...). Estas estão organizadas nos seguintes grupos: alimentação, habitação, vestuário, transporte, higiene e cuidados pessoais, assistência à saúde, educação, lazer e cultura, fumo, serviços pessoais e outras despesas variadas (IBGE, 2020, p. 27).

Pela citação acima, podemos perceber que o consumo é uma necessidade das pessoas e de suas famílias. Portanto, ao criar um orçamento familiar, normalmente assume-se que as necessidades básicas têm prioridade (de acordo com a hierarquia de necessidades) e as outras necessidades são alocadas por ordem. portanto:

À medida que o crédito se tornou mais fácil de obter, as pessoas começaram a gastar mais sem avaliar a sua capacidade de pagamento, considerando as suas necessidades de compra, taxas de juro e outras despesas que tinham de pagar todos os meses. A deterioração da situação financeira leva ao declínio da qualidade de vida e à perda do poder de compra, o que coloca graves problemas a muitas pessoas e famílias (...). Para saldar suas dívidas, os indivíduos recorrem a empréstimos com taxas de juros exorbitantes, mas muitas vezes a situação se torna irreversível (BUGARIN et al., 2020, p. 24).

Neste viés de ideais, o grande desafio dos indivíduos, e especialmente das famílias, é distinguir entre o que é necessário e o que é desnecessário. Porém, para alcançar resultados positivos na gestão financeira familiar, esta deve ser diferente para cada família, pois cada família é constituída por um conceito diferente de valores e necessidades.

Na concepção de Arêas (2020, p. 21

Quando os consumidores se deparam com a oportunidade de comprar um produto ou utilizar um serviço, devem decidir se querem comprar, satisfazer um desejo ou poupar dinheiro. Tal processo pode ser muito complexo, a depender do grau de envolvimento do consumidor e das influências a que está exposto (ARÊAS, 2020).

Importante destacar que para evitar problemas nas finanças pessoais é fundamental distinguir entre necessidades e meros desejos. Segundo o Banco Central, o índice de endividamento das famílias atingiu 43,99% em março de 2013. Ou seja, as famílias devem quase metade dos seus rendimentos às instituições financeiras. Para ser mais preciso, em 2005 o índice de endividamento das famílias brasileiras era de 18,39%. Assim, em oito anos, esse rácio ampliou para surpreendentes 25,6%.

Desse modo Arêas (2020, p. 27), explana que:

A melhor dica para fazer sobrar dinheiro nas contas familiares e para fazer o salário ser maior do que o mês é tratar de estruturar um Orçamento Doméstico bem feito de modo a não se gastar mais do que se ganha. Eis que nos dias de hoje, com uma inflação sobre controle, até o Governo já tem seu Orçamento Governamental e consegue fazer acontecer o tal do Superávit, que é o saldo positivo referente a uma Receita maior que a Despesa (ARÊAS, 2020).

Mas, mais uma vez, as famílias são a base da estrutura financeira nacional. Portanto, “o envolvimento da família na preparação é muito importante.” É importante envolver toda a família neste processo, e para que este processo seja eficaz é necessário o comprometimento de cada indivíduo.

A pesquisa permite compreender os princípios da educação financeira. São muitos os elementos que, aplicados ao dia a dia familiar, podem ajudar a gerir as finanças domésticas, fortalecer ainda mais os laços entre as partes, fortalecer os relacionamentos e fortalecer as regras que são sempre aplicadas e utilizadas. Atualmente, não há ninguém livre de dívidas. Por menor que seja, parte da sua renda está em risco e, se você não conseguir controlá-la, poderá perder tudo. Investir é necessário para ter sucesso na vida, mas é preciso ter cuidado para não se arrepender e acabar em dívidas eternas. Muitas famílias não se preocupam em guardar uma parte de sua renda para emergências, como problemas de saúde ou reformas inesperadas.

Incorporar esse hábito à sua rotina o ajudará a ver para onde vai seu dinheiro a cada mês. Só então poderá ser controlado. Lembre-se que pequenas despesas podem fazer uma grande diferença. Se você não tiver controle total, seu dinheiro não será investido adequadamente e acabará sendo um gasto desnecessário. O objetivo deste estudo é facilitar o dia a dia das famílias pesquisadas. Porque quem consegue administrar a vida doméstica certamente consegue administrar seus negócios e aplicar a educação financeira em qualquer ambiente, seja ele profissional ou pessoal.

Uma pesquisa realizada por áreas (2020) teve sucesso porque conhecer o cotidiano familiar permitiu compreender as dificuldades que as famílias enfrentam, desde a discórdia familiar, falta de união, falta de confiança por parte dos membros até grandes dificuldades. meu desenvolvimento pessoal e profissional. Custos desnecessários que privam o sono, causam dor e impossibilitam o acordo entre as partes. Segundo o autor, as famílias hoje podem ter acesso a informações que podem mostrar onde estão cometendo erros financeiros e, com a disciplina para manter a harmonia entre as organizações e as finanças, muitos conflitos familiares deixam de existir. Pessoas viciadas em dinheiro tendem a abandonar o hábito de

preencher e monitorar planilhas porque conhecer os malefícios desse vício não é suficiente para fazer uma mudança.

É preciso ter disciplina no dia a dia e observar quanto dinheiro se perde sem perceber. Adultos e jovens que nunca tiveram a oportunidade de conhecer os fundamentos de finanças terão a chance de mudar de vida ao entrarem em contato pela primeira vez com esse tema. Porque eles não querem cometer o mesmo erro novamente. A educação é muito importante para todos que desejam melhorar suas condições de vida. Porém, certas coisas que não são acessíveis na escola podem fazer uma grande diferença para alcançar o sucesso almejado (BUGARIM, et al., 2019).

A educação financeira deveria ser disciplina obrigatória em todas as escolas e universidades do país. Isso porque a maioria das pessoas, ao ingressar no mercado de trabalho e começar a ganhar a primeira mesada, começa a gastar seu dinheiro de forma inadequada e pode passar a vida inteira escravizada por dívidas. A maioria das escolas ainda não possui uma disciplina que ensine como administrar o dinheiro, o que faz com que as escolas formem pessoas analfabetas financeiramente. Isso explica por que muitas pessoas com alto nível de escolaridade vivem endividadas, enquanto aquelas que nunca tiveram oportunidade ou oportunidade de estudar são ricas. Eles aprenderam o valor do dinheiro desde cedo, embora não diretamente. Uma pessoa treinada para ter experiência na área financeira poderá facilmente usar o dinheiro com sabedoria em seu benefício. Como os princípios da boa organização residem na vida pessoal, foram considerados neste estudo aspectos relacionados com a vida econômica cotidiana (BUGARIM, et al., 2019).

Para Bugarim et al. (2019) quem é incapaz de administrar sua própria vida não pode liderar uma organização com sucesso. Quem sabe controlar despesas e receitas, controlar e acompanhar os fatos, tem reservas e, principalmente, disciplina financeira, sabe lidar com situações de ultrapassagem do orçamento. Sem dúvida, essa pessoa conseguirá administrar com eficiência qualquer organização, enfrentar imprevistos e minimizar contratemplos financeiros, que atualmente são os mais preocupantes para qualquer turma.

Ao fazer o planejamento do orçamento financeiro pessoal, os indivíduos percebem que precisam controlar suas receitas e despesas para gerar renda excedente. A renda excedente nada mais é do que poupança e proporciona as condições para uma vida financeira estável. Para tal, a educação financeira desempenha um papel importante ao ajudar as pessoas a compreenderem os conceitos e produtos financeiros disponíveis no mercado e a reconhecer os riscos e oportunidades a eles associados (BUGARIM, et al., 2019).

Desta forma, introduzindo no dia a dia técnicas simples aliadas à disciplina, como a criação de um livro de contas domésticas, utilizando planilhas, que podem ser utilizadas das mais diversas formas, ou mesmo da forma mais simples, por meio de anotações em caderno ou diário. Você consegue. Ao evitar o endividamento, é possível alcançar os mesmos resultados de promoção da saúde financeira de indivíduos e famílias. Uma relação saudável com o dinheiro é o ideal. Isso significa planejar, orçar, calcular, planejar e começar a economizar e investir adequadamente.

Isso com certeza trará mais paz e menos estresse ao seu dia a dia. Levando em conta que a procura da literacia financeira é um processo complexo e dinâmico motivado por fatores psicológicos, comportamentais, culturais e econômicos, a qualidade de vida global de uma população está diretamente ligada a uma boa saúde financeira, podendo concluir-se que estão relacionados. No entanto, mesmo que as pessoas pareçam ter uma elevada qualidade de vida, muitas vezes carecem de conhecimentos sobre gestão pessoal e finanças (GÜNTHER, 2020).

Do mesmo modo, não é difícil encontrar pessoas que administram suas finanças de maneiras inusitadas e acabam não tendo tempo para realmente aproveitar a vida. Para garantir segurança material e condições para uma vida pessoal e profissionalmente plena e feliz, agora e no futuro, é necessário implementar um plano financeiro que tenha como foco a qualidade de vida (GÜNTHER, 2020).

4.5 Quinta Consultoria

4.5.1 Educação financeira ao ir ao mercado

4.5.1.1 Relevância e dicas de educação financeira no supermercado

O brasileiro mal sabe o que significa ser alfabetizado financeiramente, como administrar suas finanças, o que é planejamento e como realizar seus sonhos para o futuro. Dado que o número crescente de pessoas endividadas ameaça o crescimento nacional, precisamos de abordar a educação financeira desde o início da escola. Abordar esse tema (educação financeira) nas escolas é essencial para o fortalecimento da cidadania. Os alunos ficam mais conscientes da importância de tomar boas decisões em relação às finanças e ao consumo. Todas as atividades educativas são realizadas por meio de grupos de apoio educacional administrados pelo MEC (BARRETO, 2022).

O supermercado é atualmente um dos itens mais caros do orçamento familiar brasileiro e onde fazer as compras neste local tornou-se um desafio para muitos. Negociar faz parte do dia a dia das pessoas, principalmente para quem gosta de pesquisar bem os preços antes de realizar uma compra. De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF, 2019) realizada em 2017-2018 e publicada pelo IBGE, as famílias brasileiras com menores rendimentos acabam gastando 22% do seu dinheiro apenas com alimentação, deixando outras necessidades como o lazer. Nesse cenário, ter cuidado com gastos excessivos também é importante para a qualidade de vida, pois abster-se constantemente de atividades prazerosas ou relaxantes pode acarretar altos custos para a saúde.

Quando se trata de economizar dinheiro no supermercado, os especialistas dizem que o ideal é gastar no máximo um terço de sua renda mensal em mantimentos. É claro que isso irá variar dependendo do número de membros da família, da renda e das necessidades específicas de cada indivíduo. Para facilitar o entendimento desse cálculo, imagine uma família com renda mensal de R\$ 2.500. Devido ao pesado conteúdo de sua bolsa, ela decidiu seguir a recomendação de reduzir em um terço os gastos com compras. Dessa forma você gastaria R\$ 833,33 ($2.500/3$) com alimentação. Segundo o IBGE (2020), a medida oficial de inflação do país, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), registrou queda de 0,68% em julho, após subir 0,67% no mês anterior, a taxa de aumento acumulada anual é de 4,77%. (BARRETO, 2022).

Sabe-se que o condicionamento não é uma tarefa fácil, mas uma dica que as famílias podem seguir é evitar produtos desnecessários ou substituí-los por outros mais baratos. Embora este tipo de orientação pareça óbvio, ainda é um grande desafio na prática, e algumas opções não são apenas econômicas, mas também mais saudáveis. Um exemplo disso são os sucos vendidos no mercado. Se você comprar produtos prontos, a remuneração definida pela empresa ajudará a cobrir custos de embalagem e impostos, entre outros. Geralmente é mais barato comprar a própria fruta, pois ela é produzida em maior quantidade, não precisa ser armazenada em caixas ou garrafas descartáveis, e os resíduos produzidos são orgânicos e contribuem com a natureza (BARRETO, 2022).

Portanto, o autocontrole e a disciplina são essenciais para se tornar um consumidor consciente e não um consumidor. Você precisa saber como usar seu cartão de crédito. A dívida ocorre quando você gasta mais do que sua renda. Com o cartão acima, alguém financia a compra e ela é descontada no contracheque do comprador. Na prática, verifica-se que as pessoas não conseguem decidir racionalmente se é mais vantajoso comprar à vista ou parcelado. A maioria dos brasileiros não sabe quanto imposto incide sobre os produtos que

adquire ou sobre os serviços prestados. As pessoas que não conseguem calcular o impacto das taxas de juro ou gerir as finanças domésticas são cidadãos inferiores aos que conseguem (MERCADINHO, 2020).

A educação financeira é fundamental para a estabilidade econômica. Logo, torna-se relevante ter educação financeira ao ir ao supermercado pois esta é uma forma de fazer escolhas conscientes sobre as questões econômicas e financeiras. Isso porque conhecer os instrumentos financeiros mais comuns permite planejar melhor seus objetivos futuros, administrando seu dinheiro com mais eficiência no presente. Para contornar a alta de preços é preciso buscar alternativas, fazer substituições, comprar em varejões e feiras e planejar as compras com sabedoria. Salienta-se que pequenas mudanças de atitude podem refletir em grandes economias no orçamento mensal, posto que o dinheiro que se economiza pode ajudar a aliviar seu orçamento familiar, e quem sabe, ser destinado a outros projetos (BRASIL, 2023).

Existem hoje diversas ferramentas e recursos, incluindo supermercados, para ajudar as pessoas a adquirirem conhecimentos financeiros e a melhorar a sua literacia financeira. Para atingir esse objetivo, é interessante considerar diversas abordagens, como a leitura de livros especializados em educação financeira, acompanhar documentários que podem ser assistidos gratuitamente nas redes sociais, assistir a exposições e cursos sobre o tema. Além disso, é importante lembrar que uma vez que a prática passa a fazer parte da sua rotina, o aprendizado se torna uma parte natural do processo, tornando-se quase automático e muitas vezes gratificante ao longo do tempo. Portanto, esse ciclo de aprendizagem contínua tende a melhorar o desempenho dos investidores ao longo do tempo (BRASIL, 2023).

Nesse tocante, vários especialistas oferecem algumas dicas de como abastecer sua despensa gastando menos. É preciso, antes de tudo, realizar diagnósticos e analisar estrategicamente as compras do mercado é fundamental para garantir a saúde financeira, além de outras dicas elencadas pela Associação Brasileira de Profissionais de Educação Financeira (ABEFIN, 2022):

1. Alimentar-se antes de ir ao mercado
2. Fazer uma lista de compras
3. Não levar crianças para fazer compras
4. Ficar atento em promoções e ofertas
5. Criar o próprio cardápio semanal
6. Experimentar novos produtos
7. Aproveitar programas de fidelização
8. Escolher bem os estabelecimentos

9. Fazer pesquisas
10. Ter um orçamento financeiro

Barreto (2022) salienta que cada família tem seus costumes, mas saber qual tipo de compra é melhor para você pode ajudar a evitar erros que podem ameaçar suas finanças. Para isso, a autora aponta os prós e contras das compras no supermercado de acordo com a Educação Financeira e mostra como economizar no mercado com duas opções.

Figura 6 - Compras mensais.

Fazer compras mensalmente	
Prós	Contras
Diminui as chances de comprar produtos por impulso;	O desperdício de alimentos pode ser maior;
Maiores oportunidades de economizar;	Não é possível acompanhar as ofertas de cada dia da semana, como o dia do hortifruti e o da carne, por exemplo;
Mais tempo para organização financeira.	Menos oportunidade de comparar preços, já que tudo é comprado de uma única vez.

Fonte: Barreto (2022).

Figura 7 - Compras semanais.

Fazer compras semanalmente	
Prós	Contras
Oportunidade maior de comparar preços e produtos;	Mais idas ao mercado pode significar gastar além do necessário;
Mais chances de aproveitar as ofertas da semana.	Como os produtos são adquiridos em pequenas quantidades, fica mais difícil conseguir um desconto por quantidade.

Fonte: Barreto (2022).

A organização financeira vai muito além de entender como poupar dinheiro no mercado. Você precisa gerenciar todas as suas contas para não ficar sobrecarregado com todos os tipos de despesas, como compras de mantimentos e despesas domésticas. Por esse motivo, as planilhas de despesas são uma ótima maneira de manter suas finanças em dia e planejar adequadamente suas finanças.

4.5.2 A importância da construção de um mercado na sala de aula para alunos das séries iniciais

Há séculos no Brasil o objetivo é melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, principalmente na primeira série, que forma a base de conhecimentos que precisam despertar cálculos e interpretações de situações-problema do cotidiano da criança. Investindo em educação. O ensino de educação financeira tem como objetivo preparar os alunos para lidar com situações cotidianas e fornecer conhecimentos básicos para outras séries (XAVIER; SOUZA, 2020).

As crianças, mesmo em tenra idade, são forçadas a despesas desnecessárias por falta de conhecimento ou por não serem ensinadas. A criança não entende que a necessidade de gastar dinheiro com odontologia tem precedência sobre a vontade de gastar dinheiro com doces. Na prática da educação financeira, um dos maiores impedimentos para aprender e superar vícios, transtornos e problemas psicológicos (como o consumismo) é que, além dos mercados e tendências mercadológicas crescentes, os maus modos e culturais (BACEDN, 2019).

Assim, ao construir mercados na sala de aula, as crianças aprendem literacia financeira e compreendem que os recursos que utilizam e os recursos da sociedade não são infinitos. Além disso, no conceito de economia existe um número infinito de produtos, mas os recursos utilizados para obter esses produtos e a relação com os recursos naturais como alimentos, água, energia e combustível são considerados finitos. Alguns desses recursos são naturais e provêm de processos caríssimos arrecadados na forma de impostos. Não há cobrança pela água em si, mas há cobrança pela entrega em sua casa. Dependendo do método escolhido, os combustíveis para motores são muitas vezes derivados do petróleo e produzidos a partir da extração deste recurso do solo, que tem impacto no solo e está livre de acidentes e poluição irreversível, o que pode levar à destruição de flora, fauna e biomas existentes, bem como a destruição de reservas ambientais inteiras. Os recursos naturais devem ser bem geridos para que os erros da última década possam ser revertidos ao longo do tempo (BACEDN, 2019).

4.5.3 Trabalhando com os alunos a educação financeira ao ir ao mercado

Para ajudar os alunos a se sentirem confiantes em relação às finanças e a compreenderem o assunto desde cedo, as escolas podem utilizar a educação financeira em sala de aula de uma forma simples, fácil e até divertida. Os professores podem usar horários

específicos, como aulas de matemática, e de forma interdisciplinar, para fornecer exemplos de como lidar com o dinheiro na vida cotidiana. Atividades como ir ao supermercado e fazer compras são ótimas oportunidades para os estudantes entenderem como realmente funcionam as finanças e a importância de economizar.

A escola é um berço, onde se aprende muito. A educação financeira refere-se não apenas ao dinheiro, mas a qualquer coisa relacionada com recursos que esteja de alguma forma relacionada com o fluxo de fundos. Quando você estuda na escola, o aluno precisa entender que alguém pagou pela mesa, pela cadeira e pelos materiais fornecidos pela unidade. O processo de obtenção de dinheiro vem de impostos, pessoas físicas e jurídicas, que o doam ao governo (MORAES; PEREIRA, 2019).

Através de projetos de recriação de Supermercado em sala de aula, os alunos das séries iniciais podem vivenciar uma experiência de fazer compras e aprender na prática como contribuir nos gastos. Desta forma, os estudantes podem participar de diversas atividades que as exponham ao mundo real e imaginário, respeitando a criatividade e a interdisciplinaridade.

Os projetos de educação financeira podem ser desenvolvidos em todas as etapas do ensino básico, cabendo às escolas e professores a aplicação deste tema de forma transversal, integrada a outras áreas do conhecimento e adaptada ao contexto. Segundo a BNCC, “Esta unidade temática fomenta pesquisas interdisciplinares além de aspectos econômicos, culturais, sociais, políticos e psicológicos sobre os temas consumo, trabalho e dinheiro” (BNCC, 2018, p. 269, grifo nosso). Os projetos de educação financeira devem estar alinhados às diretrizes da BNCC, conforme consta do documento base, que serve de guia para escolas e professores.

Nesse tocante, os professores devem aproveitar a oportunidade e abordar assuntos como o consumismo, que é valorizada em sala de aula porque é importante “conversar com os alunos sobre como o conteúdo ensinado deve estar relacionado com realidades concretas” (FREIRE, 1996, p.11). Deste ponto de vista, uma forma de explorar este tópico na matemática financeira é fazer com que os alunos investiguem e pensem sobre diferentes dados relacionados a tópicos financeiros. Em vez de apenas matemática por matemática, apresentando informações baseadas em dados reais sobre o país, a cidade e o cotidiano de cada aluno. Isso ocorre porque o conhecimento não existe independentemente de como e por que é usado e em benefício de quem (MORAES; PEREIRA, 2019).

Inicialmente, os professores precisam conversar com os alunos sobre a origem do dinheiro, o valor dos produtos e, o mais importante, a diferença entre “desejos” e “necessidades”, que devem ser avaliadas antes do consumo. Depois, os alunos foram às compras no supermercado com suas anotações de piadas. Eles têm a chance de entender o

conceito de totalização e podem até entendê-lo na hora de pagar no caixa. Além de abordar conceitos matemáticos com alunos mais jovens, este exercício foi concebido para fazê-los pensar sobre as implicações financeiras e de sustentabilidade antes de fazerem uma compra. Também precisamos enfatizar a qualidade de vida em nosso planeta e nas gerações futuras (XAVIER; SOUZA, 2020).

A implementação desta prática visa criar um ambiente em que os alunos sejam capazes de reconhecer desde cedo a validade dos planos para atingir os seus objetivos e compreender os riscos associados ao crédito fácil e ao apelo do consumo excessivo e irresponsável. Durante suas aulas, ela mergulha os alunos no mundo da alfabetização matemática, desenvolvendo habilidades de pensamento, comunicação e raciocínio, bem como habilidades de alfabetização financeira baseadas em conceitos fundamentais e relevantes de economia e finanças. Nosso objetivo é construir algo que servirá para você. o resto da sua vida (XAVIER; SOUZA, 2020).

Entende-se, que é possível melhorar a compreensão dos alunos em relação ao consumo apresentando a eles situações de forma mais realista possível, além de explicar argumentos coerentes e dando-lhes a oportunidade de falar sobre as suas próprias situações de vida e o que viram e ouviram em diálogo com os alunos. Também ajuda a aumentar a conscientização (MORAES; PEREIRA, 2019).

4.6 Caracterização da Pesquisa

4.6.2 Problema

Vale ressaltar, que vivemos em uma sociedade que não está acostumada a lidar com o dinheiro e suas finanças adequadamente, decorrente disso os transtornos na vida do cidadão e na sociedade, se faz necessário uma educação financeira para mudar este quadro. Diante do exposto procuramos responder à seguinte questão: Qual a importância da Educação Financeira nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

A educação financeira na escola é quase como um alívio para as próximas gerações. O ensino adequado nas primeiras fases da vida é muito importante, com esse conhecimento desde cedo as crianças viverão uma vida livre de dívidas e problemas financeiros. Desde a infância aprenderão a investir, poupar e programar seus sonhos de acordo com sua realidade financeira. Ter noções de Educação Financeira nas séries iniciais, ajudará muito no crescimento e na conscientização das crianças quanto ao uso responsável do seu dinheiro.

Esse aprendizado precoce é importante porque os pais podem aprender com ele. Quando as crianças transmitem o conhecimento que aprendem na escola, seus pais farão o mesmo. Assim, toda a família vai conhecer um pouco sobre Educação Financeira e isso pode encorajar as crianças e familiares na busca de mais conhecimento para obter uma melhor qualidade de vida.

A educação financeira só passou a ser disciplina intermediária obrigatória em 2020. Antes disso, já havia uma discussão sobre o verdadeiro significado dessa aula para alunos do ensino fundamental e médio.

Considerando o endividamento das famílias brasileiras, que ainda são altamente endividadas no Brasil, a importância de uma verdadeira educação financeira pode ser vista se essas famílias forem educadas financeiramente. E reproduzirem essas lições desde a infância, o índice de endividamento dessas famílias será muito menor do que hoje.

Diante do atual cenário, fica claro para todos quão importante é o ensino da Educação Financeira em todas as etapas de escolarização.

4.6.1 Hipótese

A hipótese desta pesquisa é de que o desenvolvimento de Educação Financeira nas séries iniciais do Ensino Fundamental é de grande importância para os alunos e para a sociedade como um todo, desenvolvendo habilidades nos alunos necessárias para a vida acadêmica e cotidiana no mundo globalizado.

Considerando os pontos acima, a educação financeira desde cedo para os alunos irá contribuir para uma relação equilibrada com o dinheiro, tornando-se um adulto consciente em relação as suas finanças.

4.6.2 Justificativa

No ano de 2019, tomei conhecimento do PPGEB – Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, através de um amigo que havia entrado no programa, infelizmente esse amigo faleceu alguns meses depois, neste mesmo ano no segundo semestre me tornei aluno de disciplina isolada.

Nessa caminhada, me deparei com algumas situações que quase me impediram de continuar os estudos como: não tinha com quem deixar minha filha que na época estudava na mesma escola em que eu trabalhava, todos os dias ela ia e voltava comigo. Como poderia ir

cursar a disciplina se não tinha com quem deixar minha filha? Foi quando conversando com a orientadora da escola onde trabalho, a mesma me disse que ajudaria levando a Sophia minha filha para casa dela após o término das aulas para que eu pudesse estudar no PPGEB, e assim foi até o início de 2020, me recordo que na época minha situação financeira estava muito ruim e que muitas vezes tive que pedir dinheiro emprestado para conseguir participar das aulas no programa.

Em 2020, continuei como aluno de disciplina isolada no programa do PPGEB e cursei mais duas disciplinas neste ano. Inicialmente estava com a ideia de pesquisar sobre Recursos pedagógicos nas aulas de matemáticas. Neste mesmo ano cursei a disciplina: Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Possibilidades Curriculares, e conheci a Prof.^a Dr.^a Cláudia Hernandez Barreiros Sonco, que em uma de suas aulas apresentou uns livros fornecidos pelo MEC que tratava a Educação Financeira nas séries iniciais do Ensino Fundamental e sugeriu esse tema como um bom tema para pesquisa e a partir desse dia houve em mim o interesse sobre Educação Financeiras nas séries iniciais.

Essa pesquisa se deu também pelo simples fato da obrigatoriedade da Educação Financeira nas escolas em todo o território nacional, e o fato de que na formação dos professores não houve a capacitação em Educação Financeira. E como esses profissionais abordariam esse tema em suas aulas sem a devida formação? Começando a pesquisar sobre o assunto não tenho encontrado nada específico para as séries iniciais do ensino fundamental sobre Educação Financeira, encontro muitas pesquisas para as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O cidadão é concebido como um sujeito social inter-relacionado, quase necessariamente, com as tendências da sociedade global de hoje. A partir daí, a boa gestão das finanças pessoais se impõe no imaginário social coletivo como um desafio comum e surge o desafio de conhecer como funciona o sistema financeiro e aprender a utilizar corretamente as múltiplas ferramentas dessa área. Em nível global, na mesma proporção em que os serviços e produtos financeiros se tornaram mais diversos e complexos, a educação financeira tornou-se mais importante para as pessoas navegarem com sucesso dentro de um leque de opções disponíveis que antes nem imaginavam.

Diante do exposto, é imprescindível que as pessoas tenham conhecimentos básicos e essenciais que lhes permitam atuar de forma adequada em situações em que são exigidas habilidades financeiras. A sua importância reside na relação direta entre o bem-estar humano e a inteligência financeira e, por isso, a educação financeira torna-se uma disciplina que deve ser considerada nas escolas para que se incluam processos formativos que levem os sujeitos a

desenvolverem e fortalecer as capacidades associadas à decisão -tomada sobre a administração de recursos econômicos.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira corresponde a um processo que tem como objetivo, por um lado, o desenvolvimento da compreensão de conceitos e fenômenos de natureza financeira, e por outro, a aquisição e reforço de competências para a avaliação de riscos e oportunidades financeiras que permitam aos sujeitos tomarem decisões adequadas neste domínio. A educação constitui um dispositivo de socialização e reprodução da cultura, ou seja, um mecanismo institucionalizado por meio do qual são transmitidos conhecimentos formais e não formais valorizados pela sociedade. Infere-se, então, que o conhecimento e as habilidades em matéria financeira fazem parte dessa ampla formação científica e técnica exigida na sociedade atual e, portanto, valorizada em termos de socialização.

As escolas nesta perspectiva são chamadas a incorporar as questões financeiras de forma transversal na formação dos alunos, obedecendo a critérios de complexidade e abstração em função da idade e nível de formação. No entanto, a realidade mostra que nas escolas a educação financeira não se projeta como uma questão prioritária que contribui para a estruturação do currículo e dos planos de estudos, e por isso é excluída como elemento enriquecedor da formação integral. Dessa forma, destaca-se a contribuição desta pesquisa no âmbito social, trazendo informações úteis sobre educação financeira com a criação de uma página no youtube. Sendo relevante do ponto de vista acadêmico, aprofundado o conhecimento sobre o assunto com uma análise da educação financeira no nível fundamental de uma escola pública brasileira.

4.7 Tipo de Pesquisa

Este estudo encontra-se ancorado na abordagem de pesquisa quali-quantitativa com características de estudo de caso. Conforme Demo (2000), a pesquisa qualitativa deseja fazer jus à complexidade da realidade. Esta abordagem requer que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concentrados para compreender os seus vários pontos de vista.

Gil (2008, p.42) afirma que, “a abordagem qualitativa é utilizada de forma a ajudar a clarificar perspectivas conflituosas acerca da educação e a estimulá-los a questionar suas hipóteses...”. Seguimos esta metodologia principalmente por acreditarmos que através dela

poderemos nos tornar mais conscientes, pois, somos motivados a criticar e analisar com consistência e assim explorar mais profundamente as circunstâncias a serem estudadas.

Pesquisadores qualitativos inevitavelmente contribuem para seus estudos com sua maneira particular de compreender como as coisas funcionam em nosso mundo e a maneira como o conhecimento é construído. A dimensão epistemológica e ontológica com que o pesquisador contribui irá influenciar fortemente as decisões metodológicas que ele toma na fase de projeto de sua pesquisa. Por isso, é de vital importância definir e reconhecer nossa forma de entender o mundo. A abordagem interpretativa que temos seguido está alinhada com a visão de mundo construtivista de que nós, como pesquisadores, contribuimos para o processo. Seguindo essa visão de mundo, defendemos a construção social do conhecimento como resultado da interação social (MARCONI, LAKATOS, 2011).

Da mesma forma, entendemos que o próprio contexto social em que se desenvolveu nosso estudo condicionou as interpretações que fizemos e que, portanto, nos posicionamos subjetivamente diante do fenômeno em estudo. Por isso, o peso da pesquisa desenvolvida, de cunho construtivista, recai sobre os significados que os participantes construíram sobre o fenômeno social estudado. Dessa forma, apenas interpretamos os significados que nossos participantes geraram.

Por outro lado, a abordagem quantitativa (que representa, um conjunto de processos) também utilizada nesta pesquisa, é sequencial e provável. Cada passo precede o próximo, a ordem é rigorosa, embora, desde então, possamos redefinir alguma fase. Parte de uma ideia, que é limitada e, uma vez delimitada, deriva objetivos e questões de pesquisa, se revisa a literatura e constrói uma estrutura ou uma perspectiva teórica. A partir das questões, foram estabelecidas hipóteses e determinaram-se as variáveis; um plano foi desenvolvido para testá-las; as variáveis foram medidas em um contexto específico; as medidas obtidas são analisadas (muitas vezes usando métodos estatísticos) e uma série de hipóteses foi estabelecida.

Na pesquisa quantitativa as abordagens a serem investigadas são específicas e delimitadas desde o início de um estudo. Além disso, as hipóteses são apresentadas anteriormente, isso é antes de coletar e analisar os dados. A coleta dos dados é baseada na medição e análise em procedimentos estatísticos. A pesquisa quantitativa deve ser objetiva e este estudo segue um padrão previsível e estruturado, usando lógica e raciocínio dedutivo (MARCONI, LAKATOS, 2011). Este é utilizado para realização de um estudo preliminar do principal objetivo da pesquisa a ser efetuada, ou seja, se familiarizar com o fenômeno que se pretende investigar, de maneira que a pesquisa em si tenha sua concepção de forma mais precisa e compreensível.

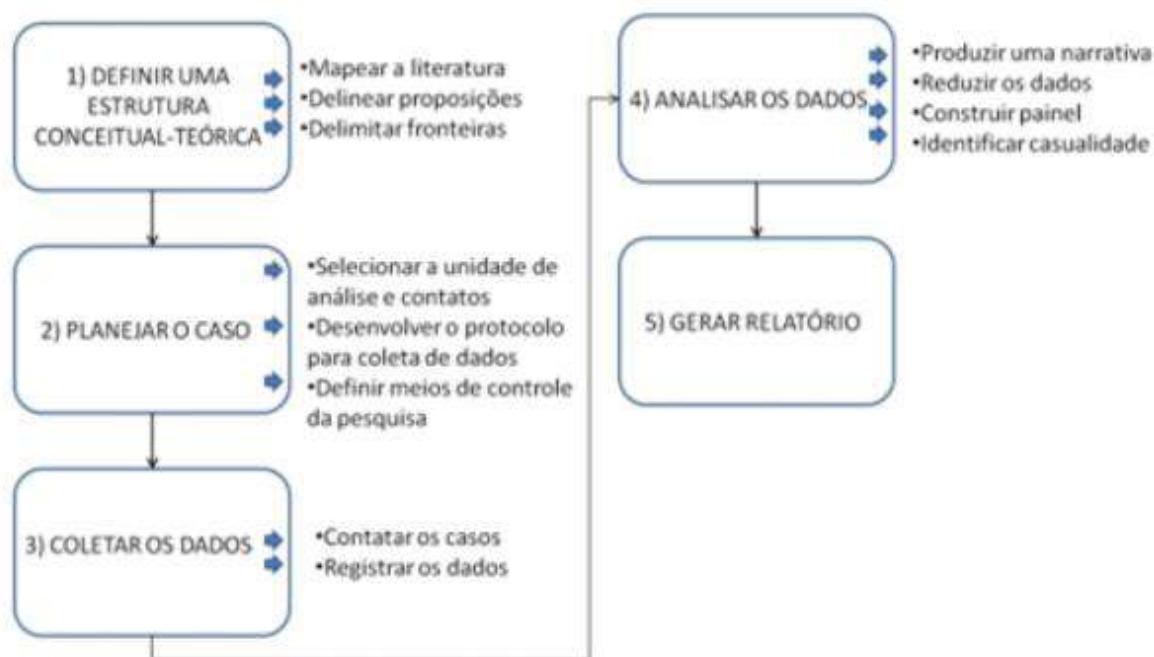
Conforme Gil (2008) o Estudo de Caso, procedimento a ser aplicado nesta pesquisa, auxilia a aprofundar, orientar e a efetivação da proposta, porque utilizando um mergulho mais aprofundado e exaustivo em um objeto delimitado, possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa.

O estudo de caso é uma técnica ou instrumento amplamente utilizado nas ciências humanas e tem dupla utilidade: para a tomada de decisões de aprendizagem e como modalidade de pesquisa. Do ponto de vista metodológico, o estudo de caso é um paradigma científico e de pesquisa que passa a ser uma forma muito importante de realizar projetos que, pela sua validade, podem ser incluídos nos chamados estudos quase experimentais. No campo da pesquisa pedagógica ela começa a entrar como uma força como paradigma de pesquisa (YIN, 2015).

Em correspondência com o exposto, o estudo de caso é geralmente definido como uma forma de descrição intensiva, que visa estabelecer uma análise de uma entidade singular, ou de um fenômeno típico de uma entidade social. Também se considera que os estudos de caso são particularíssimos, descritivos e que se baseiam em raciocínios indutivos no tratamento de múltiplas fontes de dados. A compreensão do estudo de caso e sua aplicação sistêmica no estudo de um problema de vida dependerá da filosofia da ciência do pesquisador, dos paradigmas científicos que ele reconhece e utiliza em sua atuação profissional (GIL, 2010).

Segundo Yin (2015, p.32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Além do estudo de caso, foi utilizada pesquisa bibliográfica sobre avaliação de aprendizagem, para embasamento e explanação dos conceitos e técnicas de avaliação escolar que foram pesquisadas no decorrer do estudo. A Figura 1 apresenta as etapas de um estudo de caso.

Figura 8: Etapas do Estudo de Caso



Fonte: Adaptado de Yin (2015).

O estudo de caso, faz parte da pesquisa exploratória, utilizada para aprofundar-se no conhecimento sobre o assunto trabalhado, buscando informações junto a um público potencial, que possa responder os questionamentos acerca do assunto e que deem suporte para fazer as análises e avaliações necessárias para conclusão dessa pesquisa e também para resgatar dados e informações em relação ao assunto trabalhado nesse estudo e por ser um tipo de pesquisa muito específica, ela assumirá a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Como pesquisa exploratória, o referente trabalho buscou proporcionar maior familiaridade sobre situações que visem melhorar a compreensão sobre a educação financeira no ensino fundamental de uma escola pública estadual.

Do exposto, infere-se que a aplicação do método do estudo de caso visa conhecer com exatidão e caracterizar o desenvolvimento e as peculiaridades de um caso em questão, o que permite descrever e aprofundar as características determinadas de sua individualidade, bem como situar as bases para fazer classificações, realizar ações organizacionais e sintetizar informações, questões essenciais na pesquisa científica.

Pelas considerações anteriores pode-se especificar que o estudo de caso, além de ser classificado como um método empírico da ciência, e mais do que isso, como um sistema de métodos, é também classificado como um tipo de pesquisa qualitativa, cujos resultados

podem ser muito valiosos em processos de análise, reflexão e debate entre pesquisadores. Em geral, o estudo de caso é aplicado com o intuito de estudar e avaliar um caso específico, de forma a explicar objetivamente a sua evolução, as suas particularidades e as causas que geram a situação que exige a realização de um processo investigativo desta natureza.

Para o autor deste trabalho, o estabelecimento de um procedimento metodológico claro na aplicação do método do estudo de caso é um fator chave para o seu sucesso no processo investigativo. O procedimento metodológico a seguir será regido essencialmente pelo tipo de investigação realizada e pelo seu objetivo, bem como pelo tipo de estudo de caso a ser aplicado. Porém, algumas etapas consideradas básicas são apontadas (YIN, 2015):

1. Projeto de estudo de caso.
2. Coleta de informações.
3. Aplicação dos métodos de obtenção das informações, dados e evidências relevantes neles contidos.
4. Análise das informações obtidas.
5. Desenvolvimento do produto educacional.
6. Escrita do relatório.

A projeção da estratégia investigativa e da abordagem a ser aplicada com antecedência é essencial. Entre os métodos que se aplicam com mais regularidade e que se integram no sistema de métodos típico de um estudo de caso, estão a observação em uma de suas diferentes modalidades: direta, indireta, aberta ou encoberta; a entrevista, em grupo ou individual, estruturada, semiestruturada ou em profundidade, e a prova, bem como a revisão de documentos que fornecem informações sobre o caso sob investigação.

Para a aplicação do estudo de caso na educação, os questionários com professores e alunos do Ensino Fundamental podem fornecer informações valiosas, desde que planejada e realizada de forma precisa e adequada, sem perder de vista a concepção do estudo de caso. Como um sistema de métodos que se complementam dialeticamente. Em muitos estudos de caso, principalmente aqueles realizados na área da educação, é muito importante ter as chamadas histórias de vida, onde são recolhidos aspectos de interesse para a aplicação consistente deste tipo de método.

Como toda pesquisa, a aplicação consistente de um estudo de caso responde aos requisitos epistemológicos válidos para a ciência, nesse sentido, requer referenciais teóricos claros e precisos. Devem ser estabelecidos os antecedentes e o estado da arte sobre o assunto e,

com base nisso, os conceitos básicos sobre os quais a pesquisa é construída devem ser definidos (YIN, 2015).

A prática da pesquisa tem mostrado que todo estudo de caso deve ser realizado de forma sistemática, recolhendo detalhadamente todas as informações que vão sendo obtidas gradativamente. Nesse sentido, é importante o uso rigoroso de cada método, procedimento ou técnica para obter informações, dados e evidências relevantes. Trabalhar pela objetividade é uma meta de todo pesquisador, algo que também é típico do estudo de caso.

4.8 Produto

O desdobramento da pesquisa culminou na criação de um canal no YouTube direcionado aos professores das séries iniciais do ensino fundamental, focalizando a temática da Educação Financeira. Este canal foi concebido como uma plataforma para apresentar ideias práticas e estratégias discretas, visando aprimorar a compreensão e aplicação de conceitos financeiros no contexto escolar, nosso canal inicialmente recebeu o nome de “Professores Financeiros” . Durante a defesa da dissertação, um momento de significativa contribuição para o aprimoramento da pesquisa foi a discussão sobre o nome do canal inicialmente denominado Professores Financeiros. Embora o título pretendesse refletir a proposta do projeto, a banca argumentou que ele não dialogava plenamente com os objetivos educacionais apresentados.

Dentre as sugestões feitas pelos professores avaliadores, destacou-se a ideia de adotar um nome que articulasse de forma mais clara o vínculo entre o contexto escolar e a educação financeira. Assim, o canal passou a se chamar Na Escola, também se aprende Educação Financeira, um título que não apenas reforça a centralidade do espaço escolar no processo de formação, mas também evidencia o caráter pedagógico da abordagem proposta.

Essa mudança não se restringiu a um aspecto formal; ela consolidou a identidade do canal, permitindo maior conexão com seu público-alvo e favorecendo uma compreensão mais ampla da relevância da educação financeira como componente integral da formação escolar. A abordagem cuidadosamente projetada visa oferecer suporte aos educadores, capacitando-os a integrar efetivamente a Educação Financeira em sua prática pedagógica, sem expor a identidade dos participantes da pesquisa.

O diferencial de uma pesquisa com o objetivo de criar um canal no YouTube abordando a Educação Financeira para professores das séries iniciais reside principalmente na inovação do meio de comunicação escolhido e na abordagem prática e acessível adotada.

Em primeiro lugar, o uso do YouTube como plataforma de comunicação oferece um alcance significativo e uma ampla acessibilidade aos professores, que podem acessar o conteúdo a qualquer momento e de qualquer lugar, permitindo uma maior flexibilidade de aprendizado. Além disso, o formato de vídeo proporciona uma experiência mais visual e dinâmica, que pode ser mais envolvente e eficaz na transmissão de conceitos complexos de Educação Financeira.

Em segundo lugar, o foco na prática e na aplicação direta dos conceitos financeiros no contexto escolar é outro diferencial importante. Em vez de simplesmente fornecer teoria, o canal no YouTube oferece ideias práticas e estratégias específicas que os professores podem implementar imediatamente em suas salas de aula. Isso torna a pesquisa altamente relevante e útil para os educadores, que muitas vezes buscam recursos concretos e aplicáveis para melhorar sua prática pedagógica.

Portanto, o diferencial dessa pesquisa está na combinação do meio de comunicação inovador com uma abordagem prática e direcionada, visando fornecer aos professores ferramentas eficazes e acessíveis para promover a Educação Financeira nas séries iniciais do ensino fundamental.

5 RESULTADOS

O desdobramento da pesquisa resultou na criação de um canal no YouTube voltado para os professores das séries iniciais do ensino fundamental, com enfoque na Educação Financeira. Este canal foi concebido como uma plataforma para apresentar ideias práticas e estratégias discretas, visando aprimorar a compreensão e aplicação de conceitos financeiros no contexto escolar. A abordagem cuidadosamente elaborada tem como propósito oferecer suporte aos educadores, capacitando-os a integrar de forma eficiente a Educação Financeira em sua prática pedagógica, ao mesmo tempo em que protege a identidade dos participantes da pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa sobre educação financeira para professores das séries iniciais, combinada com a criação de um canal no YouTube dedicado a esse tema, podem ser bastante positivos e impactantes. Aqui estão alguns resultados potenciais que podem ser alcançados:

1. **Melhoria na Educação Financeira dos Professores:** Os professores das séries iniciais, ao acessarem conteúdos educativos sobre finanças pessoais adaptados às suas necessidades e contextos, poderão melhorar seu próprio entendimento e práticas financeiras. Isso pode incluir conceitos básicos como orçamento, economia, investimento e planejamento financeiro.
2. **Impacto Indireto nos Alunos:** Professores bem-informados e preparados em educação financeira têm maior probabilidade de transmitir esses conhecimentos aos seus alunos. Isso pode levar a uma geração futura mais consciente financeiramente, capaz de tomar decisões mais informadas e responsáveis.
3. **Visibilidade e Reconhecimento:** O canal pode aumentar a visibilidade do tema da educação financeira para professores das séries iniciais, potencialmente atraindo a atenção de instituições educacionais, gestores escolares e até mesmo mídias locais. Isso poderia levar a parcerias, patrocínios ou convites para palestras e workshops sobre o tema.
4. **Desenvolvimento Profissional Contínuo:** Oferecer conteúdo regular e relevante através do canal pode ajudar os professores a se manterem atualizados em um assunto crucial, contribuindo para o seu desenvolvimento profissional contínuo. Isso pode ser especialmente útil em um campo como a educação financeira, que está em constante evolução.
5. **Empoderamento e Confiança:** Professores que se sentem capacitados em relação às suas próprias finanças pessoais tendem a sentir-se mais seguros e capazes de lidar com

desafios financeiros pessoais, o que pode resultar em maior satisfação no trabalho e menos estresse financeiro.

Em resumo, a combinação de pesquisa sobre as necessidades específicas dos professores das séries iniciais em relação à educação financeira, aliada à criação de um canal no YouTube focado nesse público, pode gerar um impacto significativo não apenas nos professores individualmente, mas também nas comunidades escolares e na educação financeira de gerações futuras.

Durante o curso da pesquisa, foi observado que alguns dos professores participantes já possuíam certo nível de familiaridade com o tema da educação financeira. Ao longo das sessões de consultoria realizadas, percebeu-se uma progressiva melhoria na participação e no engajamento desses professores. À medida que avançavam nos materiais fornecidos em cada sessão, desde o início até o encerramento do programa, os professores demonstraram um crescente interesse e conforto ao discutir e aplicar conceitos financeiros em seus contextos educacionais.

Os resultados sugerem que a pesquisa não apenas aumentou o conhecimento dos professores sobre educação financeira, mas também promoveu um senso de autonomia. Os participantes passaram a se sentir cada vez mais capacitados para abordar o tema em sala de aula e para orientar seus alunos de maneira eficaz. Além disso, houve uma clara evolução na forma como os professores se percebiam como agentes de mudança na promoção da educação financeira entre os jovens, refletindo uma maior confiança em suas próprias habilidades pedagógicas e no domínio dos conteúdos específicos.

A pesquisa indicou que a metodologia de consultoria utilizada não apenas fortaleceu os conhecimentos técnicos dos professores, mas também cultivou um ambiente de aprendizagem colaborativa e de troca de experiências. Os professores relataram benefícios significativos em termos de desenvolvimento profissional e pessoal, destacando a relevância e o impacto positivo de estratégias educacionais focadas em educação financeira. Esse enfoque não apenas enriqueceu o repertório educacional dos professores, mas também promoveu uma cultura de responsabilidade financeira entre os envolvidos.

6 DISCUSSÃO

6.1 Primeira consultoria colaborativa

A primeira sessão de consultoria colaborativa enfocou os aspectos essenciais da consultoria colaborativa e da educação financeira. Inicialmente, os participantes foram convidados a se apresentarem individualmente, proporcionando uma atmosfera de abertura e colaboração. Em seguida, a temática foi introduzida através de uma apresentação visual, utilizando slides para explorar os conceitos relacionados à consultoria colaborativa e à educação financeira. Após essa exposição inicial, os participantes foram incentivados a contribuir com suas perspectivas sobre o assunto, enriquecendo assim a discussão. Vale ressaltar que, "As falas dos participantes serão transcritas na íntegra, preservando exatamente o conteúdo e a forma como foram expressas durante as vídeos conferências, respeitando as particularidades de cada discurso."

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Então, boa noite pessoal. Eu vou começar aqui. Qualquer coisa, qualquer imprevisto que tiver, que vocês tiverem, pode estar falando para eu tentar ver aqui. Não sei se a internet vai funcionar direitinho, tá bom? Antes de eu começar, eu vou me apresentar aqui para vocês, que nem todo mundo aqui eu conheço. Eu me chamo Gabriel, sou professor na prefeitura do Rio de Janeiro. Tenho 37 anos. Atualmente estou diretor de um EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil, que fica na Vila Cruzeiro – Penha / RJ. E hoje eu estou aqui com vocês fazendo esses cinco encontros para a gente falar um pouquinho sobre educação financeira para professores das séries iniciais, né, que a minha professora orientadora estipulou que a gente desse o objetivo de consultoria, né, colaborativa, cujo objetivo dessa. Desses encontros, dessas consultorias, seria de trazer a ideia inicial do que seria educação financeira, de pensar em algumas possibilidades de estar trabalhando essa educação financeira nas séries iniciais. E hoje a gente vai começar com o tema consultoria colaborativa e educação financeira para os professores das séries iniciais. O objetivo não é a gente aprofundar nada de juros, de investimento, essas questões todas, até porque os nossos alunos são das séries iniciais e para a gente fica mais complicado abordar essas temáticas com eles. No nosso caso seria mais mesmo as questões de compra, de venda, de poupar, de guardar, de alcançar alguns objetivos, de fazer com que eles venham se tornar cidadãos, é

consciente, pessoas que venham saber pensar na hora de comprar, de adquirir um bem, se realmente tem aquela real. Necessidade de estar adquirindo aquilo dali.”

Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Sou Rosiana, tenho 51 anos, já estou na rede municipal do Rio de Janeiro já há bastante tempo. Uma matrícula já aposentada, há outro caminho de aposentadoria, atualmente como gestora escolar, na verdade desde 2008, 2011, fomos diretora titular, e ainda com aquela sensação de que aprender não perder mais, e como gestora penso que a questão da educação financeira que está entrando também, pelo menos desde o ano passado, enquanto material a ser tratado, não que não tivesse relevância antes. Eu estava até lendo aqui o texto, né? E vendo até a abordagem da educação financeira segundo a BNCC. Estava dando uma olhadinha aqui. E é isso. Então, assim, como gestora, né? Como é que a educação financeira está sendo abordada na escola. Então... E essa proposta, né? De consultoria colaborativa. Sim, uma proposta bem diferente, né? Sim, diferente no sentido, sim, se tratar sistematicamente, né? Então, assim, eu mesmo como gestora, como é que eu veria, perceberia, conceberia essa ideia, né? De consultoria colaborativa e mais a educação financeira, né? Dentro da escola. Eu acho que seria importante. Por isso que eu estou aqui.”

Depoimento de Thamyris, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024

Boa noite. Eu sou a Thamyris, sou professora da rede municipal do Rio também, desde 2016. Educação financeira é um assunto que eu gosto muito. Já fiz muitos cursos de finanças pessoais. E na pandemia, depois da pandemia, eu comecei um projetozinho com uma turma minha, na época era uma turma de terceiro ano, sobre educação financeira. Fui convidada também para fazer um trabalho com os pais voltado para esse projeto. Mas aí sabe como é que é a prefeitura, né? A verba não chegou e aí o projeto acabou sendo cancelado e acabou não sendo validado, não acontecendo. Mas eu pesquisei bastante sobre o assunto, tento implementar na minha vida e, na medida do possível, na vida das crianças também. De alguma forma, eu sempre tento trazer essa realidade para eles. E sinto muito, na minha época, eu não ter tido acesso a essa informação quando mais jovem. Eu fui ter um contato com isso já depois dos 30 anos. Então, perdi muito tempo de investimento, muito tempo de aplicação. Então, é isso.”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Boa noite, eu sou Valéria, professora do município há 24 anos, estou atualmente com 6 do ano e estou tendo esse contato agora com a educação financeira que você já tinha falado comigo ano passado da turma, né Gabriel? Isso. E agora também no município a gente vai ter um material específico para trabalhar com os alunos durante o ano. Estou interessada bem nessa nova perspectiva aí. O contato que eu tive foi uma feira de empreendedorismo que nós fizemos uma vez que deu assim uma noção de como eles poderiam fazer renda, né? E agora. Uma nova perspectiva para trabalho. Boa noite.”

Depoimento de Angélica, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Boa noite. Eu sou professora do município também. Há 21 anos. Trabalho hoje com educação especial, meus alunos são adultos e também leciono no segundo ano. E eu achei bem interessante que quando você aborda em seu texto também a educação especial, né? E como eles são adultos, é importante a gente tratar as esse assunto com eles, porque eles têm uma certa autonomia ao gerenciar quando se trata de valores, né? No caso meus alunos são deficientes intelectuais, então assim, para eles, essa. Quantidade, o que fazer, como comprar, o troco, né? Eu trabalho bastante com eles. Então, assim, eu tô dando uma perspectiva bem legal aí, nessa sua abordagem, tá bom? E eu vou aprender. Eu tô aqui por causa disso.”

Depoimento de Telma, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Boa noite a todos, eu sou a Telma. Também sou da Prefeitura do Rio, já alguns anos. Anos, aliás, há muitos anos, e sou gestora da Escola Municipal Joracy Camargo, na Vila Cruzeiro, vizinha aí do Gabriel. O tema me interessa muito, principalmente pela relação com a matemática. Alguns anos atrás, a gente conseguiu uma parceria com o Sebrai lá na escola, com oficina de empreendedorismo para a educação básica, e aí foi bem legal esse movimento, né? As turmas apresentavam, produziam alguma coisa numa feira de empreendedorismo, e a gente conseguiu também incentivar os pais a participarem, algumas mães, como fazer chinelo e participou também da feira, expondo seu produto. É, eu acho que hoje, principalmente hoje,

a gente precisa saber muito sobre educação financeira, né? Pra gente poder, além de administrar nossas vidas, a gente poder colocar os conflitos, né? Realizar os sonhos. E é um assunto que me interessa muito, principalmente pra levar pras crianças da escola. Como a Valéria falou, esse ano, o sexto ano, vai estar separado de um projeto da financeira. A gente tá bem animada.”

Após a apresentação dos professores envolvidos na pesquisa, realizamos uma exposição por meio de slides, discutindo o conceito de consultoria colaborativa e educação financeira. Durante a apresentação, delineamos nossa abordagem para esses temas, demonstrando como seriam incorporados nos encontros. Posteriormente, solicitamos que cada um expressasse sua opinião sobre o conteúdo, abordando a relevância do tema e oferecendo suas perspectivas. As contribuições foram as seguintes:

Depoimento de Thamyris, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Oi, Gabriel. Então, gostei bastante do seu texto, tá? E o que é que me chamou a atenção, né, que tem uma parte do texto, deixa eu até pegar aqui de novo, que você escreve, né, a importância da gente conhecer as variáveis que formam a importância. Porque a gente sempre fala assim, uma coisa é educação financeira, outra coisa é organização financeira, né. A gente anotar o que a gente gasta não leva a gente a lugar algum, né, então a gente vê muitas dicas na internet, ah, você precisa anotar o que você gasta, você precisa controlar o que entra, como que sai, só que a educação financeira não é só isso, né, e você é muito claro nisso aqui, como você fala a relação entre receitas, despesas e o que sobra, né. Se sobra já tá bom, né, o problema é quando não sobra, né, mas assim, o que você faz. Com isso. Você direciona para quê? E se você não direciona, o que está acontecendo com esse saldo positivo? E quais são as melhores formas de você usar esse valor que sobra? Eu achei muito muito legal quando você aborda isso aqui no texto.”

“Levar essa educação para as classes que às vezes não são tão favorecidas, isso é muito importante. Porque quando você vê lá aquele método 70 a 30, por exemplo, que você fala para um pai de família que ele precisa organizar o salário dele em 70% do que ele ganha, gente, é impossível você organizar aluguel, alimentação, dentro de 70% de um salário mínimo. Então, então, é pensar nessas despesas de uma forma consciente, né, criar, estipular tetos de gastos, né, isso é muito importante. Porém, eu tenho também uma críticazinha a fazer

em relação a isso, porque como que você vai trabalhar isso às vezes com crianças que têm uma fragilidade muito grande de conhecimentos matemáticos, né? Como é que eu posso falar para essa criança que dentro do orçamento familiar dela ela precisa destinar um exemplo? 10% do que a família ganha para investir em educação. Só se a criança não consegue calcular porcentagem. Então, eu acho que isso é muito importante a gente falar sobre educação financeira, mas eu acho que a gente precisa trabalhar muito as habilidades matemáticas, consolidar muito essa base, para que aí sim a gente consiga dar recursos para que essas crianças consigam desenvolver. Lá no terceiro ano, como eu falei para você, eu tinha um projetinho com eles que era um mercadinho. E como que funcionava. Cada aula, cada dia valia um valor. Hoje a aula vale 10 reais. Quando eu fiz isso no primeiro ano, eu fazia com moedinhas, mas no terceiro eu já fazia com aquele dinheirinho. E a cada regra que eles cumpriam, a cada objetivo que a turma alcançava, eles ganhavam o valor do dinheiro. Em alguns casos era coletivo, 10 reais pra todo mundo. Em alguns casos eu fazia análise individual. Se o amigo vai ganhar 10, você não cumpriu tal regra, vai ganhar 8. Vai pagar uma multa de 2. A gente fazia assim. E no final da semana, ou no mês, a gente trocava, depende do acordo que eu fazia com eles, a gente trocava ou por brindes, ou por atividades. Porque assim, não necessariamente precisava pesar no meu orçamento. Então a gente também podia fazer com atividades. Se a turma conseguir juntar tantos reais, a gente vai ganhar um cine pipoca. E aí fazia cine pipoca dentro da própria escola. Se a turma conseguir chegar no valor de X, vocês pagam o valor de X, a gente faz metade da aula só de brincadeiras na quadra. E assim a gente via fazendo esses combinados. Mas, embora a gente trabalhasse essas questões financeiras, da educação financeira, eu sempre esbarrava na questão da matemática. Eu precisava desenvolver muito com eles essas habilidades para que o mercadinho pudesse funcionar. Porque a questão de dar um troco para uma criança de 8 anos às vezes era um problema. E eu fazia de propósito justamente para forçar eles a ter esse tipo de raciocínio. Eu dava uma nota de 20 para eles pagarem 13. Então essa é só a minha crítica.”

Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Gostei muito dessa proposta da Thamyris, assim como a Thelma colocou e Valéria, lá na escola nós temos o sexto ano, e o sexto ano também tá vindo aí com o material, com a educação financeira. E eu como gestora eu preciso me apropriar do que tem ali, como você

falou. E é uma crítica que eu também faço, se ela não trouxer para responder, não é resolver como você colocou, mas para responder questões sobre a própria vida, não tem razão de ser, senão a gente só soma, subtrai, enfim. Então assim, ela precisa ser, vamos dizer assim, como um choque de ordem, vamos dizer assim, senão fica mais um pacote de material a ser desenvolvido e acabado. E isso não poderia, não deve ser assim. Então, quando a Thamyris falou que ela fez esse projeto e sinalizou a questão da dificuldade do cálculo, mais tranquilo, Thamyris, porque eles estão vivenciando a ideia. E junto à ideia, aí vem as questões do conceito da matemática, aí a crítica que eu faço, se não for implantado em todos os anos escolares, ele não vai se aplicar porque ele vem como uma proposta também de conhecimento e de, vamos dizer assim, projeto de vida, vamos colocar assim, dessa forma. Então, a gente, por exemplo, está lá para o sexto ano, ok, mas e os outros anos, como é que vai abordar isso? Será que a questão da conscientização da educação financeira. No caso como Prefeitura, tá? No ano passado eu estava com turma, eu estava com sexto ano, e a proposta também, né, tava aí. Então, assim, como isso vai ser abordado, a gente não pode esperar, né, como a própria BNCC diz, que ele compõe ali na matemática, mas e os outros saberes, quem tem que se organizar?”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu queria colocar essa questão porque eu achei interessante na questão de falar do planejamento, de eles entrarem com as metas, e nesse material que a gente recebeu do município agora para o sexto ano, eu estava falando justamente com eles sobre isso, porque eles precisam começar a pensar e se planejar para o futuro, nesse material eles começam com a ideia de um sonho, aí eles colocam e falam, ah, que sonho, o que eu vou colocar, eles não sabiam o que colocar, eu falei, vocês podem começar de uma coisa pequena para chegar a uma coisa grande, e ir construindo, como é que você vai realizar isso? Eu achei interessante essa questão que você colocou do planejamento pra eles, né, pra eles começarem a pensarem nas pequenas metas da família, no orçamento e também essa questão da sustentabilidade, que eu sou muito ligada pra esse lado de ciências e de levar essa educação financeira pra eles se tornarem cidadãos conscientes, né, pro futuro, de como isso vai inserir também nesse mundo, nesse nosso meio ambiente. É, foi esses dois destaques.”

Depoimento de Angélica, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu já estou curiosa com esse projeto da prefeitura. Quando chegar na escola quarta-feira eu quero ler esse material do sexto ano. Com relação ao texto, como eu falei, é por causa da educação espacial, que é importante falar muito com eles sobre isso. Porque, apesar deles não terem essa autonomia sobre o seu próprio dinheiro, eles precisam compreender como é que funciona no mundo utilizando o dinheiro. Eu estou falando com relação a isso, porque eles recebem um benefício. E não tem autonomia, mas eles precisam também saber que aquele dinheiro ali é deles, né? E que, apesar de ter uma outra pessoa fazendo essa gestão para eles, né? Eles precisam saber para onde vai o dinheiro, como é que é feito, o que que fica para eles também, né? Eu tenho alunos, vários alunos, que recebem benefício e eles sabem como é que vai, né? Como é que eles utilizam? Como é utilizado? Olha, tem o valor X, que é para fazer compras, o valor tal, que é para utilizar no celular que eu quero comprar, não sei o quê, para o meu celular. Então, eles utilizam muito isso, né? Eles falam muito sobre isso. E essa interdisciplinaridade que você fala no seu texto, porque eu acho assim, como eu estou com o segundo ano, os alunos estão chegando, estão vindo agora de primeira, e essa questão interdisciplinar, como você falou, a lista de compras e os valores e isso entrando nas outras disciplinas, eu achei até interessante.”

Durante a primeira sessão de consultoria colaborativa com os professores, é importante destacar que cinco professores se inscreveram para participar. Todos estiveram presentes nesse encontro inicial. No entanto, ao final, dois professores enfrentaram problemas de conectividade com a internet, o que os levou a sair da sessão e não conseguiram retornar. Apesar desse contratempo, considero que a participação de todos foi positiva, pois eles contribuíram ativamente, compartilhando suas opiniões e ideias, o que enriqueceu significativamente a pesquisa.

A primeira sessão de consultoria colaborativa iniciou com uma abordagem acolhedora, onde os participantes foram incentivados a se apresentar individualmente, criando um ambiente propício à colaboração e troca de experiências. A introdução ao tema da educação financeira foi feita de forma visual e estruturada, utilizando slides para explorar conceitos essenciais. Essa metodologia permitiu que os professores não apenas absorvessem informações teóricas, mas também refletissem sobre como aplicar esses conhecimentos no

contexto escolar das séries iniciais. A interação foi destacada como fundamental, pois os participantes foram encorajados a compartilhar suas perspectivas e experiências pessoais, o que enriqueceu o debate inicial sobre o tema.

As transcrições das falas dos professores evidenciam um interesse genuíno e uma conscientização crescente sobre a importância da educação financeira nas escolas. Por exemplo, Rosiana, gestora escolar, expressou sua expectativa em integrar a consultoria colaborativa como uma ferramenta para implementar efetivamente a educação financeira na rotina escolar, sublinhando a necessidade de que essa abordagem não se restrinja a um mero cumprimento curricular, mas se transforme em um projeto de vida para os alunos.

Contudo, algumas críticas foram levantadas durante a discussão. Thamyris mencionou a importância de desenvolver habilidades matemáticas robustas para que os conceitos de educação financeira sejam compreendidos efetivamente pelos alunos, especialmente em contextos socioeconômicos desafiadores. Ela enfatizou a necessidade de não apenas ensinar sobre finanças, mas também de capacitar os alunos com as habilidades necessárias para aplicar esses conhecimentos na prática. Essa crítica aponta para a complexidade de implementar efetivamente a educação financeira em um ambiente educacional diversificado, onde as habilidades prévias dos alunos podem variar amplamente.

Contudo, a primeira sessão de consultoria colaborativa foi um passo inicial significativo para envolver os professores das séries iniciais na reflexão sobre a educação financeira. A abordagem estruturada e participativa permitiu não apenas a transmissão de conhecimentos teóricos, mas também o compartilhamento de experiências práticas e a identificação de desafios potenciais. Esta análise crítica das falas dos professores sugere a importância de um enfoque holístico e adaptativo na implementação da educação financeira nas escolas, visando não apenas o cumprimento de metas curriculares, mas também o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida dos alunos.

6.2 Segunda consultoria colaborativa

Durante a segunda sessão de consultoria colaborativa, exploramos o tema da educação financeira e interdisciplinaridade. Aguardamos a entrada dos professores para iniciar a apresentação, porém, três professores encontraram alguma dificuldade para participar. Apenas dois professores aderiram à sessão e participaram ativamente. Após a entrada desses professores, começamos a apresentar o tema, utilizando slides e explicando detalhadamente

sobre a educação financeira e interdisciplinaridade. Durante a apresentação, incentivamos as professoras a expressarem suas opiniões e contribuições sobre o tema, permitindo que compartilhassem suas impressões e insights sobre o encontro.

Depoimento de Angélica, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Então, Gabriel, gostei bastante, assim, conforme a gente vai ouvindo a sua explicação a gente está percebendo que no dia a dia a gente acaba fazendo um pouquinho disso, né? Quando você falou assim, na hora de fazer, de planejar para fazer uma compra, faz a lista, aí eu estava lembrando que a gente pode fazer, como a gente acaba começando uma aula, assim, a partir do texto e a gente, para a gente continuar, né? A partir dessa lista de compras, de repente, utilizar também um encarte, né? Que é bem legal, que é bem visual. Textual, facilita, eles já vão fazer aí outro tipo de atividade, né? Na hora de usar o encarte. Vão recortar, então eles vão desenvolver essa parte da pesquisa com motricidade, eles vão desenvolver a discriminação, porque eles vão ter que procurar no encarte aquilo que eles querem, o que eles mais gostam, ou dependendo da lista, né? Ou do gênero visual, não sei, porque a gente pode partir de uma receita, e aí qual é que a gente vai gastar, ou quais são os materiais que procurar, qual é o valor de cada material saindo em cartas, né? A gente acaba fazendo o que ele fez, ele falou de visitar determinados lugares, eu lembrei que ano passado a gente foi na feira, e aí eles puderam também participar, essa experiência concreta, né? E aí a gente já foi visualizando outras coisas também, e aí tem a parte das ciências, né? As frutas, os legumes, a geleia, né? E aí a gente acaba entrando nessa parte dos sentidos também, né? Que eram mais cheirosos, puderam experimentar também. E aí ver os valores diferentes de cada um. Foram mais caros porque levaram as diferentes, né? Então, assim, é legal a gente ver que, de repente, a gente está seguindo um caminho. Mas aí abre, mas aí o leque, né? Isso que você falou é até interessante mesmo. Porque eu estava pensando aqui agora, conforme você foi falando, às vezes fica complicado ir com a turma no mercado para fazer uma pesquisa de preço. Já com um encarte de diversos... Vamos supor, um encarte do Guanabara, um encarte do Supermarket, um encarte do Inter, já dá para fazer essa pesquisa de preço com eles dentro da sala de aula. Não necessariamente. Precisaria de estar indo no mercado pra fazer isso com eles. É, e aí você falou outras áreas da matemática, que aí eu fixei na educação financeira, que se sistema monetário, mas na verdade a gente vai ouvindo em parte o número escrito, né? E aí a leitura, o reconhecimento daquele número ali, quanto aquele

vale, o número é 6, é 9, os pequenos têm muito isso, o 6, o 9, eles fazem essa troca, porque eles fazem a inversão e tudo mais, então eles chamam outra área também, eles estão vendo o número escrito, eles vão falar, não, esse são dois, esse é o fim, eles fazem muito assim, o 19, eles botam o 9 na construção, vira 91, e aí a gente está explicando, né? Aquele determinado número.”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Pensando também, com relação ao texto, que você falou a partir do conhecimento dos alunos. E agora na explicação você falou, às vezes os alunos não têm essa noção de dinheiro. Por isso que eu achei importante mesmo você fazer essa pesquisa antes. Por exemplo, da realidade do 6º ano, que eu vou começar agora com a educação financeira, eles já lidam muito com isso. Então a gente tem que procurar também ouvir muito deles para poder saber como a gente vai trabalhar, que estratégia a gente vai seguir. Com relação ao que trabalhar na interdisciplinaridade, eu acho que, principalmente no 6º ano, como essa educação financeira, a gente trabalha também muito vocabulário. Porque hoje em dia, as turmas estão muito pobres de vocabulário. E a educação financeira, ela dá margem para outras palavras surgirem no dia a dia deles, né? Na matemática também as tabelas que você vai construir de comparação. Eu achei muito interessante isso.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Sim, é bastante interessante, porque te dá um leque de coisas diferenciadas que você pode trabalhar dentro da sala de aula, né? De todos os assuntos, de todas as disciplinas. Se a gente for pesquisar, a gente vai conseguir pensar em atividades que vão estar ali junto com a educação financeira, fazendo esse link e consolidando essas questões de educação financeira para os alunos. É muito importante e vale muito a pena. E realmente, quando eu disse que muitos alunos às vezes não tinham noção do dinheiro. Isso é mais para os alunos do primeiro ano, do segundo, do terceiro ano, que muitas das vezes os pais com receio de deixar a criança sozinha na rua, de comprar alguma coisa na padaria ou no mercado ou no hortifrúti próximo da sua casa, com receio de acontecer alguma coisa, acabam meio que superprotegendo essa criança e eles acabam meio que ficando atrasados em relação ao uso do dinheiro. Mas os alunos, eu acredito que do quarto, do quinto, do sexto ano, eles já estão

mais espertos, que aí já são maiores, aí a mãe já manda comprar o pão na padaria, já manda ir ao mercado comprar alguma coisa que ficou faltando, aí fica mais prático. E aí é isso mesmo que você falou, Valéria, da gente fazer um levantamento da turma, de procurar conhecer qual o nível de conhecimento que ele tem em relação ao dinheiro e começar a pensar nessas propostas para estar trabalhando da melhor forma possível que venha conseguir atender a todos os alunos essas questões da educação financeira, entendeu?”

Na segunda consultoria, foi possível notar, por meio dos relatos das professoras presentes, que a abordagem da educação financeira com enfoque interdisciplinar contribuiu significativamente para a consolidação dos conhecimentos prévios das participantes sobre o tema. A troca de experiências e perspectivas durante o encontro proporcionou um ambiente enriquecedor, onde as docentes puderam compartilhar suas visões e compreensões, resultando em benefícios mútuos tanto para elas quanto para mim.

Essa interação colaborativa fortaleceu não apenas o entendimento do tema em questão, mas também a relação de aprendizado entre as partes envolvidas. Ao integrar suas experiências pessoais e profissionais à discussão, as professoras não apenas enriqueceram o debate, mas também ampliaram a compreensão coletiva sobre a importância da educação financeira interdisciplinar. O resultado foi uma dinâmica positiva e construtiva, beneficiando o desenvolvimento acadêmico e prático de todos os envolvidos.

6.3 Terceira consultoria colaborativa

Durante a terceira sessão de consultoria colaborativa, o foco recaiu sobre a intersecção entre educação financeira e sustentabilidade. A participação foi limitada, com apenas quatro professores presentes devido a um imprevisto que afetou uma professora. Após as boas-vindas, uma apresentação detalhada foi conduzida, abordando os conceitos essenciais dessas áreas, em conjunto com os professores presentes. Em seguida, foi facilitado um diálogo aberto para compartilhar experiências e insights, estimulando cada participante a contribuir com suas reflexões e observações sobre o tema.

Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu ainda me trouxe muito nítida a fala da Thamyris, da prática que ela tem, porque eu e Thamyris trabalhamos na mesma escola. E essa vivência dela, agora eu tô direcionando a Thamyris num outro trabalho. Então seria interessante até, assim, porque a escola tá virando GET e ela vai ficar como PA, professora articuladora lá no laboratório, mas seria interessante trazer essa prática dela, porque coincide também com a prática de uma outra escola a próxima a minha, que a forma como se fazia economia, se fazia ônus, vamos dizer assim, dentro da escola, tanto é que essa experiência é de uma escola chamada... Neste momento a professora teve problemas com o sinal da internet e não conseguimos ouvir sua fala. Depois de resolver o problema a mesma voltou a falar.”

Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Tem uma diretora que também trabalhou isso na escola dela, né? Então havia uma bonificação e um dinheirinho, uma moeda que eles intitularam de reverendo. Reverendo é o nome da escola. Então todo bom comportamento, não só comportamento, como uma postura de economia, de organização da escola, da sala de aula, se transformava nessa moeda. E quando tinha prêmios, esse prêmio era revertido com a turma, então calculava qual era a turma que tinha. Que tinha arrecadado na maior bonificação ao ter tido um bom comportamento, seja no refeitório, sala de aula, limpeza, organização. Isso já é uma questão de sustentabilidade. Então, não havia em princípio... Havia até a ideia do troco, mas tipo assim, as crianças poderiam trocar uma moeda como ela mesmo fez. É um cinema com pipoca, essas coisas todas. Então, quando há um benefício material, porque educação financeira é isso, isso estimulava. No caso, a outra diretora lá fez com a escola toda. Então, tem uma conexão, porque o município está inserindo esse pacote de atividade desde o ano passado. E um projeto aprendendo valores, né, com várias atividades direcionadas no ano passado para o sexto ano. Esse ano é a mesma coisa o sexto ano, mas como implantar isso, né, de uma forma contínua nos anos iniciais? Tem uma coleção do MEC, que você conhece também, né, Gabriel? A gente descobriu aí, há um tempo atrás, e que ele trata, acho que, eu não sei se é desde a pré-escola, não, desde o primeiro ano, até o nono ano, projetos de educação financeira, e no primeiro ano ela é tratada de uma forma, não de cálculos, mas de uma forma postural, de reorganização do espaço da escola, da sala de aula, de eliminação dos excessos, projetos da escola, tipo assim, vamos fazer um bolo, exemplo, vamos fazer algo que era para reverter para a turma, fazer a lista de receita para não haver desperdício, então

assim, para cada ano. Tem um passo a passo de atividades, aí tem o catálogo do aluno, que é o livro do aluno e o livro do professor. Então, claro, teria que imprimir, ou então teria que se, pelo menos, envolver os professores. É o que eu falei antes ontem, né? Eu acho que também precisa ter uma disponibilidade, porque parece que é uma coisa boba, mas não é. Porque, assim, ah, é fácil de se fazer. Não, não é, porque isso envolve questões até da própria postura do professor, porque não é aquela coisa que eu faço que eu dito, mas não faço o que eu faço, né? Então, haverá momentos de muita ressignificação aí, porque não é só trabalhar com a turma, né? Então, enfim, eu acho que se toda a escola se propusesse ao trabalho de forma gradual, chegaria lá no sexto, sétimo ano, como mostrou o próprio material do MEC, as crianças estariam praticando essa questão do cálculo, como vocês colocaram no caso de ontem, porque ontem, infelizmente, eu não assisti. Mas o que eu anotei de ontem, de interdisciplinaridade, até trazendo um pouquinho, embora não seja essa etapa de hoje, essa questão de realmente a questão da educação financeira, ela conversar com todas as disciplinas, história, geografia, matemática, não só matemática, então com história, geografia, ciências, no caso, ecologia, sustentabilidade, língua portuguesa, entendeu? Então, assim, precisa conversar com todas as disciplinas pra Educação financeira fazer sentido. Porque se ele só ficar no âmbito local, aí sim, a gente vai ter que esperar, aí o primeiro ano, o segundo ano vai deixar de vivenciar, né? Então, enfim. É isso.”

Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Agora, uma coisa engraçada, mas que não é, o desafio é trazer uma realidade dependendo da comunidade em que a gente atua, é tratar questão de pagamento de conta de luz, de água. Porque os fatos também fogem dar realidade. Aí vem uma questão de conscientização. De conscientização para o futuro, né? Quando você tiver a sua casa, né? É, a gente toma cuidado com determinadas abordagens, em que sentido? Porque dependendo do agrupamento que você estiver trabalhando, não faz ainda muito sentido, porque ele não tem essa noção. Então, assim, mas tem N possibilidades. Penso que tem N possibilidades, né? E até fazer uma crítica em relação aos gatos, contanto que não. Não queiram pegar a gente na hora da saída, né? Dependendo, assim, comunidade, a gente também tem que fazer um planejamento muito... amarradinho, né? Não fugir do propósito.”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu gostei dessa questão que a Rosiana falou sobre envolver a escola toda nesse projeto, porque cabe justamente essa questão da mudança de hábitos que você fala no texto, na mudança de comportamento agregando a educação financeira com a sustentabilidade. Eu acho que quando você envolve eles realmente vão ficar mais conscientes, como a Rosiana falou, para formar realmente cidadãos preocupados com a sustentabilidade.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu acho que nesse momento também nosso papel seria de mais de conscientização também, porque como é algo novo, ainda os alunos não são todos, mas a grande maioria ainda não tem esse conhecimento, até mesmo os profissionais também. Então, acho que nesse momento seria mais de conscientização, de aprendizado, de saber o que é, né? Pra depois ir aos poucos e ir te aprofundando cada vez mais.”

"Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024."

“Esse início de educação financeira, estou falando pelo início do sexto ano, mas a partir desse projeto, ele já começa mesmo com a visão do cálculo. Eu acho que a gente também tem que pensar nessa conscientização da sustentabilidade também, integrando as disciplinas. Eu ainda não olhei todo o material, a gente está começando agora, mas eu acho que a gente vai conseguir fazer um trabalho bem interessante com esse material que eles mandaram.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Sim, e seria até bom você fazer também com eles essa questão mesmo de conhecer, de falar sobre o dinheiro, para que serve o dinheiro e tudo mais. Para não ficar só nos cálculos e eles acabarem, meio que, por conta da dificuldade de muitos alunos de fazer os cálculos, se decepcionar, acabar achando o conteúdo chato e tudo mais, que, na grande

maioria das vezes, as pessoas têm um pouco de dificuldade com a matemática e acabam meio que tendo a versão, a disciplina.”

Depoimento de Telma, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Aproveitando essa experiência que a Rosiana falou, eu não sei se a Valéria e a Angélica lembram, a gente teve uma experiência parecida com o dinheirinho lá na escola, não sei se elas lembram, mas era de uma forma individual, tinha lá as regras, se comportou, e aí eles ganhavam um ponto e eles trocavam por uma notinha que tinha o rosto do Joracy, e aí eles trocavam por lápis, trocavam por borracha, mas eu achei essa ideia de pensar no grupo, na turma, como a Rosiana colocou as experiências de uma escola, eu achei que é mais fácil a gente colocar em prática, que no individual, aluno por aluno, ficou faltando o pessoal para poder ajudar a fazer essa troca do valor que o menino tinha conseguido, porque cumpriu. Lá. Combinados com fazendo a troca pelo brinde, né? Eu gostei dessa ideia aí do grupo. E outra coisa. Oi?(Valeria falando) Eu lembro disso. (Telma falando) Lembra? Só pra vocês rirem, teve até um boletim de ocorrência por desvio de notinhas kkkkkkkk. Esse material que chegou agora esse ano pra escola, aprendendo a lidar com dinheiro, eu achei também muito interessante que ele começa falando dos sonhos, né? E eu acho também importante eles pensarem nisso, né? O que que o dinheiro pode eh trazer pra que eu pra que eu tenha o que eu possa sonhar, possa realizar os meus sonhos. Eu achei bem interessante esse início. E como a Valeria. Colocou também, Rosiana, que envolva mesmo que não fique assim no sexto ano, que a gente pode trazer toda a escola em cima desse projeto, aproveitar essa ponte agora que o sexto ano está começando com esse projeto mais direcionado, com os livros, mas que a gente consiga adaptar esse tema de educação financeira desde lá do primeiro ano.”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“É bem legal, Telma, eles gostaram muito desse início dos sonhos, eles se envolveram total, estão encantados mesmo, eu determinei um dia porque se deixar eles querem ficar pegando toda hora o material.”

Depoimento de Angélica, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Gostei bastante também de hoje, né? Lembrando que a gente já estava conversando ontem. Amei as ideias, já tô cheia de ideias aqui já, mesmo no segundo ano. E vamos tentar colocar em prática.”

Refletindo nas falas durante a terceira consultoria colaborativa revela várias perspectivas positivas e aspectos a serem considerados:

1. **Integração entre Educação Financeira e Sustentabilidade:** As professoras destacaram a importância de integrar a educação financeira com a sustentabilidade, mostrando como práticas como o uso de uma moeda interna na escola (o "reverendo") não apenas incentivam comportamentos positivos, mas também ensinam princípios de economia e responsabilidade ambiental. Isso demonstra uma abordagem prática e inovadora para envolver os alunos em questões que vão além do conhecimento matemático, abrangendo valores e sustentabilidade.
2. **Desafios e Contextualização Local:** Foi mencionado o desafio de adaptar os conceitos de educação financeira e sustentabilidade à realidade específica de cada comunidade escolar. A discussão sobre pagamento de contas de luz e água mostra a necessidade de conscientização e adaptação dos conteúdos para que sejam relevantes e compreensíveis para todos os alunos, independentemente do contexto socioeconômico.
3. **Conscientização e Aprendizado Gradual:** Houve um consenso sobre a importância inicial da conscientização e do aprendizado gradual dos alunos e até dos próprios professores sobre educação financeira e sustentabilidade. Isso sugere uma abordagem progressiva, começando com conceitos básicos e expandindo para discussões mais complexas à medida que os alunos amadurecem e desenvolvem suas habilidades.
4. **Interdisciplinaridade e Engajamento dos Alunos:** As professoras enfatizaram a necessidade de integrar a educação financeira com outras disciplinas, como história, geografia, ciências e língua portuguesa. Essa abordagem multidisciplinar não só enriquece o aprendizado dos alunos, mas também os engaja de maneira mais significativa, mostrando como os conceitos financeiros e de sustentabilidade estão interligados em várias esferas da vida.
5. **Práticas Pedagógicas Inovadoras:** A discussão sobre a implementação de projetos desde os anos iniciais até o ensino fundamental destaca a importância de práticas pedagógicas inovadoras e consistentes ao longo dos anos escolares. Isso inclui desde

projetos simples de economia dentro da escola até iniciativas mais complexas de sustentabilidade que promovem a reflexão crítica e a ação prática entre os alunos.

6. Impacto Positivo e Aprendizado Contínuo: As falas refletem um ambiente colaborativo e de aprendizado contínuo entre os professores e o consultor, mostrando como a consultoria colaborativa não só fortalece o entendimento do tema, mas também inspira a implementação de novas práticas que beneficiam o desenvolvimento integral dos alunos.

Vale ressaltar que, as falas durante a terceira consultoria demonstram uma abordagem rica e diversificada para integrar educação financeira e sustentabilidade na prática educacional, enfrentando desafios locais e adaptando conteúdo para maximizar o impacto educacional e formativo dos alunos. Essa interseção entre conceitos acadêmicos e práticos promove não apenas o aprendizado dos alunos, mas também sua preparação para serem cidadãos conscientes e responsáveis.

6.4 Quarta consultoria colaborativa

Na nossa quarta sessão de consultoria colaborativa com professores das séries iniciais, exploramos a fundamental correlação entre o orçamento familiar e o orçamento nacional. Utilizando uma apresentação de slides, discutimos minuciosamente a importância do planejamento financeiro para alcançar um equilíbrio nas finanças domésticas, abordando questões como controle de gastos, definição de prioridades e investimentos para o futuro. Além disso, destacamos a relevância de as crianças compreenderem a alocação de recursos em diferentes esferas governamentais, desde o nível municipal até o nacional, ressaltando como isso impacta diretamente suas vidas e comunidades. Após a exposição, convidamos os professores a compartilharem suas perspectivas sobre o tema, avaliando sua pertinência e oferecendo análises sobre os pontos abordados, incluindo sugestões práticas para integrar esses conceitos ao currículo escolar.

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“É um desafio pra gente, né, porque tem muita família ali que não tem uma renda fixa, né, tem muito emprego informal, né, ou que a mãe, ou a mãe trabalha, né, essa parte de trabalhar com eles, essa receita da família, eu acho que vai ser desafiador, né?”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“É verdade, porque se a gente for olhar por essa questão, tem realmente famílias ali que só vivem do bolsa família, né, que se não fosse o bolsa família, a situação estaria muito mais complicada, né. Mas eu acho que essa questão do orçamento familiar e até do orçamento do nosso país ou do nosso município, acho que é interessante até pra eles conhecerem, pra eles saberem que. Não existe só o orçamento da casa, mas que para tudo na nossa sociedade existe algum tipo de organização, alguma forma de planejamento para que as coisas venham a estar acontecendo, a fim de melhorar. Seja o orçamento da nossa casa, seja do nosso município, do nosso país, do Estado. A nível mesmo para que eles venham estar conhecendo que existem outros tipos de orçamento. Eles devem ouvir falar muito nessa questão de investimento, da educação, da saúde. E aproveitar até esses links, essas reportagens para frisar essa importância. De mostrar para eles até mesmo essa questão do mal uso, dessas verbas, desses orçamentos que a gente vê aí, para que eles venham estar atentos também, que eles possam também se voltar para isso. Ainda que não seja hoje, porque dependendo de como a gente irá é das séries iniciais. Mas que eles já vêm a crescer com isso, quando eles chegam nas séries finais, no ensino médio, de repente com a mediação dos outros professores, eles vão ter esse papel mais... essa visão mais apurada em relação a isso.”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Esse conhecimento é necessário, até para que eles busquem, depois cobrar, e participar desse orçamento a nível do governo, que saiba cobrar, e o que cobrar.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Porque muitas vezes a gente reclama, mas acontecem essas coisas todas porque a gente não fiscaliza, a gente não fica ali em cima vendo como está sendo usado esse dinheiro, essa receita. Então acaba acontecendo essas bagunças todas, mas hoje em dia também que

essa questão da internet também tem avançado muito. Com essas questões de fiscalização, com essa questão do site lá da transparência também. As pessoas têm se voltado mais para essas questões também de estar ali fiscalizando, de estar vendo. Vendo, por isso que muitas vezes a gente acaba sabendo que está sendo feito mal-uso da verba por contas dessas denúncias devido a lei da transparência.”

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu acho que o importante também é eles saberem que tem que ter um planejamento. Seja na casa deles, seja a nível de governo. As coisas, para caminhar melhor precisam ser organizadas. Eu acho que essa é a principal meta nossa.”

Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu penso essa abordagem é muito complexa, sabe? Demanda do próprio professor, embora que seja um dever nosso ter consciência dessas questões, principalmente governamentais, e eu sei também que são possibilidades de debate, de conscientização. Mas eu penso que para anos iniciais são temas muito profundos, e que muitas dessas, claro, esse espaço aqui é de colaboração, uma consultoria colaborativa. Então, para que isso se efetive, o quanto o procedimento didático do professor, o conhecimento, do tema se fundamentar, eu acho que esses dados precisam ser constantemente trabalhados também junto ao professor, porque por mais que nós tenhamos que ser professor pesquisador, a gama de informação que envolve essa temática é muito grande e muito densa. E trazer isso para o público infantil, ele precisa ser muito peneirado, porque entra nessas instâncias até da questão do bolso à família, que sustenta uma família e não deveria sustentar. Teria que manter a criança na escola e não dar conta de uma família. Então, a gente acaba invadindo um âmbito que a gente pode não dar conta. Então, essa abordagem eu penso, enquanto procedimento didático, eu penso que ele é muito complexo. Tem que ser um grupo muito amadurecido para você entrar nesse tipo de debate. Um grupo de alunos muito amadurecidos.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“É verdade, eu também concordo com você em relação a isso, mas eu acredito que tipo assim, quando a professora pediu para eu estar tratando esse tipo de tema com vocês,

era mais, acho que ela pensou, mais assim, eu acho que das crianças saberem que existe um orçamento municipal, um orçamento estadual e um orçamento nacional, onde é investido parte desse orçamento, na educação, na saúde, acredito que não seja para a gente estar entrando a fundo nessas questões todas que a gente se for parar mesmo para analisar que acaba surgindo, mas eu gostei muito da colocação de vocês, da Valéria e da Rosiana e concordo plenamente com tudo que vocês falaram.”

Depoimento de Thamyris, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Boa noite a todos. Eu entendo também que seja importante as crianças terem conhecimento da distribuição dos valores do orçamento, exatamente como você falou. A gente precisa destinar um valor que seja voltado para a alimentação, um valor que seja voltado para questões de moradia, custos básicos, custos que não são tão essenciais, custos que são necessários também. E por mais que a gente possa pensar num primeiro momento, que isso é muito difícil para eles compreenderem, essa parte de renda extra que você falou bastante, está muito presente na vida deles de um modo geral. É a tia que faz um bolo para viver, é a mãe que faz um artesanato. Eles vivenciam isso o tempo inteiro. Muitas vezes eles fazem até dessas atividades. Eu não vou falar aqui dessas atividades que recebemos, né? Mas essas atividades extras as vezes se tornam uma atividade principal. Agente sabe que existem várias formas, né? de se ganhar dinheiro hoje. Eu acho que tem como a gente fazer uma ligação e fazer com que isso crie um sentido para eles.”

“Sim, entendi. E muitos deles esse bobear, tem algumas pessoas que catam materiais na rua de reciclagem para conseguir um valor a mais. Outros vendem o crochê que a mãe, que a avó, que alguém na família faz. Por exemplo, na Joracy Camargo mesmo, quando eu trabalhava lá, tinha uma família que a mãe vendia sacolé na porta da escola, e aquilo ali acabava complementando o orçamento familiar daquela família ali, na creche onde eu trabalho, no EDI lá, tem um pai, que ele recebe bolsa-família e agora ele montou uma banquinha de doce próximo à clínica da família, ele bota a banquinha dele lá, ele leva a menina para a escola de manhã, 7h30, vai para casa, pega os produtos dele, monta lá e fica lá até um pouquinho antes do horário da saída, pra ele ir na escola buscar a menina e aquilo ali, aquela barraquinha, aquela banquinha que ele montou, tá servindo pra estar ajudando no sustento dele e da menina. Eu não sei qual é a situação da mãe, da criança, não sei se já faleceu, ou se a mãe abandonou a criança com ele. Eu sei que ele resolve tudo, ele que leva no médico, ele que tá de frente da situação na criação da filha, e ele acaba fazendo essa

banquinha como uma forma de complementar a renda da família dele ali. Isso é muito presente realmente, como você falou, na vida dos alunos, né?”

Depoimento de Thamyris, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Sim, e a gente pode trazer também pra eles conhecimentos de três áreas, né? Como você falou hoje, a questão dos influenciadores, que é uma coisa que eles vivenciam muito, eles podem trabalhar com mercados de afiliação, no dia a dia deles. Indicando para os amigos, a gente fala para os vizinhos. Existem muitas opções, né? Opções que eles não conhecem, né? E que a gente pode também oferecer, né?”

"Depoimento de Rosiana, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024."

“Ele precisa conhecer, principalmente, como você disse, essa questão familiar que é muito complexa, totalizando por várias organizações de família, mas também essa conscientização governamental, por parte que precisa ter o próprio professor. Então, tratar da educação financeira é meio que um choque de ordem, pelo menos, de conscientização. Então, assim, quando você trouxe essas questões até da própria transparência, a questão dos recursos públicos, desperdício não desses valores, enfim, ele é até muito importante. O professor está realmente com essas questões na palma da mão, consciente e ciente de todo esse conhecimento, o suficiente, claro, desse conhecimento aí, e que tiro por mim, não domino, não domino, embora que políticas públicas, é uma temática que me interessa, mas não domino. Então, assim, já quer realmente muita cautela pra abordar a temática, mas já requer também muito estudo pra fundamentar. Tem que estar muito seguro daquilo que tá falando, porque senão a gente entra numa questão de murmuração e não de análise de dados, entendeu?”

Primeiramente, há uma clara percepção da diversidade de situações familiares, com destaque para a dependência de programas de assistência social, como o Bolsa Família, e a busca por renda extra através de trabalhos informais ou empreendedorismo. Isso indica uma sensibilidade para as diferentes realidades socioeconômicas enfrentadas pelas famílias, o que é fundamental ao desenvolver programas educacionais que considerem essas nuances.

Além disso, as falas refletem a consciência da importância da educação financeira desde cedo, abordando não apenas a compreensão dos diversos níveis de orçamento, mas também a necessidade de planejamento financeiro em todas as esferas da vida. Essa visão

ampla da gestão financeira sugere um desejo de equipar os alunos com habilidades práticas para lidar com questões financeiras ao longo de suas vidas.

A discussão sobre fiscalização e transparência no uso dos recursos públicos ressalta a necessidade de participação cidadã e vigilância do governo. A disponibilidade de informações através de plataformas de transparência é reconhecida como uma ferramenta crucial para promover o uso responsável dos recursos públicos.

Entretanto, há também uma consciência dos desafios associados ao ensino sobre orçamento, especialmente para alunos mais jovens. A complexidade dessas questões é reconhecida, assim como a importância de os professores estarem bem-preparados e seguros ao abordá-las em sala de aula. Isso sugere uma preocupação com a eficácia e relevância do ensino sobre orçamento, indicando uma busca por abordagens pedagógicas que sejam acessíveis e significativas para os alunos.

Contudo, as falas analisadas destacam a importância de uma abordagem holística e sensível ao desenvolver programas educacionais sobre orçamento familiar e público. Elas evidenciam um reconhecimento das diversas realidades enfrentadas pelas famílias, bem como uma busca por capacitar os alunos com habilidades práticas e críticas para lidar com questões financeiras em suas vidas pessoais e cívicas.

6.5 Quinta consultoria colaborativa

Depoimento de Valéria, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024"

“Eu tô bastante animada com o trabalho da educação financeira. Acho que esses dias que a gente discutiu vai me ajudar bastante na sala de aula, né? Porque a gente, de primeira, fica assustada, né? Que é mais um encargo do município pra gente dar conta. Mas, assim, fiquei bastante motivada com essa nossa troca nesses dias. Só tenho a agradecer. Obrigada.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024”

“Eu acho que isso é natural mesmo, é normal, porque é uma coisa nova, né? E a gente ainda não domina esse conteúdo. Às vezes a gente não tem aquele conhecimento à profundidade. A gente acha que não vai conseguir dar conta por conta disso. Eu acho que as propostas devem ser pensadas nesse início, né? Mas a nível de conhecimento mesmo, né?”

Para os alunos, até pra gente, né? Professores que estão ali dentro da sala de aula, né, de introduzir, de começar a introduzir esses conhecimentos pra ele de maneira mesmo gradativa, né, não jogar tudo de uma vez que ele tem que saber tudo, não, aos pouquinhos, né, aos pouquinhos, quando for ver, quando ele estiver lá no ano, ele já viu um pouco nas séries iniciais, um pouco nas séries finais e ele vai conseguir ter um conhecimento necessário pra que ele venha se tornar esse adulto consciente financeiramente falando.”

Depoimento de Angélica, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu gostei bastante dessa semana, foi bem legal, trouxe bastantes ideias, eu lembrei que eu já fiz com a classe, eu já fiz com eles esse tipo de trabalho, de pegar o valor do salário mínimo, de amor que eles recebem, e aí foi destrinchando, quanto que faz para o Jovem e tal, eles vão que eles refletissem, foi uma experiência bem legal, e a partir dessa semana eu já tive também outras ideias, eu até comecei com a Telma, já peguei esse material todo, estava falando, peguei com a Telma, para dar uma olhada. E também tenho bastante ideias pros pequenos também, né? Eu fui falar dessa semana do incentivo que pode usar o dinheiro e tal. Então já pensei de fazer um cofrinho com eles de descartável. E aí conforme eles fossem é... A gente for demitando, né? O que eles vão fazer de legal, falar parte do incentivo. No final da semana ou no caso todo dia. O que eles levam lá dentro daquele cofrinho. O que eles podem ganhar de prêmio pra turma, né? Então aqui, agradeço muito. Eu tenho bastante ideias.”

Depoimento de Thelma, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu acho que é só esse momento de troca também, de ouvir a sua apresentação e das trocas. Eu vi que a Angélica também botou aí no grupo uma experiência legal de uma escola, né? Acho que é muito válido o tema, é muito urgente pra ser trabalhada e a gente fazendo uma autoavaliação também de como a gente usa o nosso dinheiro. Outro dia eu estava pensando nisso, nossa, se eu tivesse tido estudado, eu tinha evitado tantas burrices financeiras que a gente acabou fazendo durante a vida. Mas eu estou muito animada com esse projeto. Lá na escola, você escolhe, como eu falei no outro encontro, e discutir com um grupo mesmo da gente, como a Angélica já vai aplicar na turma dela, da gente sempre ampliar isso para as outras turmas também, eu estou muito animada com isso. Obrigada, Gabriel.”

Depoimento de Gabriel Oliveira, registrado em videoconferência via Google Meet, abril a maio. 2024.

“Eu também se tivesse tido esses conhecimentos antes, também teria evitado muitos empréstimos e muitas coisas que fiz e muitas dívidas desnecessárias, mas o que eu quis pensar com essa minha pesquisa não era aprofundar os estudos sobre educação financeira, era levar mesmo esse conhecimento inicial para que esse professor começasse a conhecer sobre educação financeira e depois, conforme fosse passando o tempo, a pessoa fosse correndo atrás de outras formações para aperfeiçoar esse conhecimento e ela cada vez mais melhorando a prática dela. A intenção mesmo era levar esse conhecimento inicial, porque muitas das vezes as pessoas não têm conhecimento nenhum, né, porque a grande maioria não tem essa formação. Eu não tive aula de educação financeira e olha que eu fiz matemática, entendeu? Eu até tive uma disciplina lá sobre questões financeiras, mas era mais voltada para cálculo de juros, de financiamento, de carro, de casa. Não era nada voltado especificamente para uma educação financeira, entendeu? Era só essas questões mesmo de juros, de imposto e tudo mais, mas nada voltado para a pessoa ter uma consciência financeira e começar a mudar os seus hábitos financeiros. Então, quando eu pensei, eu pensei nessa situação mesmo, de levar esse conhecimento inicial. Então, assim, eu agradeço vocês nessa semana. Assim como vocês aprenderam comigo, eu também aprendi com vocês, entendeu? Várias questões que vocês falaram aqui que eu achei muito bacana, muito legal, entendeu? Até atividade mesmo que vocês já fizeram aí com alguns alunos. Eu só tenho a agradecer vocês, porque se não fosse vocês eu não estaria conseguindo concluir esse trabalho, tá? Muito obrigado mesmo, que Deus abençoe cada um. E vou finalizar então o nosso encontro por aqui, tá? Desculpa qualquer coisa se eu falei alguma coisa que vocês não gostaram, né? Pelos atrasos aí por conta dessas questões aqui na internet, tá? Muito obrigado, hein?”

Na última consultoria realizada, discutimos a temática de educação financeira com foco em diferentes aspectos, como a ida ao mercado e o orçamento familiar. Em todos os encontros, abordamos a educação financeira junto a outros temas relevantes. Nesta ocasião específica, enfatizamos a importância de um orçamento familiar para que as pessoas possam planejar seus gastos no mercado, despesas com transporte, contas de luz e a criação de uma reserva financeira. Exploramos as questões de organização financeira, buscando proporcionar uma compreensão real sobre o assunto.

Avançamos para discussões mais detalhadas sobre economia doméstica, abordando estratégias de comparação de preços e a viabilidade de fazer compras mensais em diferentes mercados para maximizar a economia. Ressaltamos a importância de realizar pesquisas de preços, seja pessoalmente ou através de encartes, para que as pessoas possam economizar e criar uma reserva financeira mensal. Essa reserva é essencial para lidar com imprevistos sem gerar novas dívidas.

Durante os encontros, enfrentei dificuldades técnicas e não consegui gravar as sessões de forma convencional. No entanto, registrei as falas dos participantes e dos professores através de áudios no WhatsApp. Utilizei o computador e o Meet para gravar as falas dos professores durante a apresentação do tema com slides, seguido de suas contribuições voluntárias.

Os professores que participaram das consultorias são do município do Rio de Janeiro, abrangendo desde o primeiro ano do ensino fundamental até o sexto ano experimental. Durante os encontros, surgiu a discussão sobre um projeto de educação financeira desenvolvido pela prefeitura do Rio de Janeiro, gerando grande interesse entre os professores.

Na última sessão, realizada em uma sexta-feira à noite, houve menor participação dos professores em comparação com encontros anteriores. Eles se concentraram em expressar gratidão pelo aprendizado adquirido ao longo das consultorias e mencionaram um material didático sobre educação financeira, específico para o sexto ano, que estavam ansiosos para conhecer e implementar com seus alunos.

Proponho que essas atividades sejam incorporadas na sala de aula, com possibilidade de realizar pesquisas de campo no comércio local, facilitando o acesso à educação financeira para a comunidade escolar. A troca de experiências durante essas consultorias foi altamente valorizada pelos professores, contribuindo significativamente para a prática docente de cada um.

7 CONCLUSÃO

Este estudo sobre a importância da educação financeira para professores das séries iniciais do ensino fundamental trouxe à tona conhecimentos valiosos, destacando tanto a necessidade quanto a complexidade de integrar esses conceitos na rotina escolar. Os participantes ressaltaram a relevância de práticas de educação financeira que transcendem o currículo formal, transformando-se em ferramentas essenciais para a vida dos alunos. Um dos principais desafios identificados foi a necessidade de desenvolver habilidades matemáticas para que os conceitos financeiros sejam compreendidos e aplicados de maneira prática, especialmente em contextos socioeconômicos desfavoráveis. A complexidade de implementar a educação financeira em um ambiente educacional diversificado evidencia a importância de uma abordagem holística e adaptativa.

Limites do Estudo

Este estudo, embora significativo, teve suas limitações. A amostra de professores participantes foi restrita a um grupo específico, o que pode não refletir a totalidade das percepções de educadores de diferentes regiões ou contextos escolares. Além disso, a implementação prática das ideias discutidas não foi acompanhada ao longo do tempo, limitando a avaliação do impacto real dessas práticas na vida dos alunos.

Implicações Práticas e Teóricas

Praticamente, os resultados deste estudo sugerem a necessidade de capacitação contínua dos professores para lidar com os desafios de ensinar educação financeira. Isso inclui a criação de materiais didáticos adaptados e a promoção de uma abordagem interdisciplinar que envolva várias disciplinas, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. Teoricamente, o estudo contribui para a literatura existente ao evidenciar a importância de uma educação financeira contextualizada e adaptada às realidades dos alunos, reforçando a necessidade de estudos futuros que investiguem a eficácia dessas práticas em diferentes contextos.

Recomendações para Pesquisas Futuras

Pesquisas futuras devem considerar a expansão do escopo deste estudo para incluir uma amostra mais diversificada de professores e escolas, possibilitando uma compreensão mais abrangente das práticas e desafios da educação financeira. Além disso, é recomendável a realização de estudos longitudinais que acompanhem a implementação das práticas de educação financeira e avaliem seu impacto a longo prazo na vida dos alunos. Investigações que explorem a integração de tecnologias educacionais para facilitar o ensino de conceitos financeiros também seriam valiosas.

Considerações Finais

A consultoria colaborativa proporcionou um ambiente de aprendizado dinâmico e engajador, promovendo a consolidação de conhecimentos e o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas. As discussões evidenciaram a importância de adaptar o ensino às realidades dos alunos, considerando suas experiências prévias e contextos socioeconômicos. A ênfase na interdisciplinaridade mostrou-se essencial para enriquecer o processo educacional, tornando o aprendizado mais holístico e relevante. Em última análise, este estudo reafirma a necessidade de uma educação financeira que não apenas informe, mas também forme cidadãos conscientes e capazes de influenciar positivamente a gestão dos recursos em suas comunidades, preparando-os para os desafios e responsabilidades da vida adulta.

REFERÊNCIAS

- ABEFIN. Associação Brasileira de Profissionais de Educação Financeira. **10 dicas de como economizar no supermercado**. Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/10-dicas-economizar-supermercado/> Acesso em: 30. nov. 2023.
- ABENSUR, Eder. Educação Financeira e Sustentabilidade. **Blog UFABC Divulga Ciência**, v.2, N. 11, nov. 2019. Disponível em: <https://ufabcdivulgaciencia.proec.ufabc.edu.br/2019/11/05/educacao-financeira-e-sustentabilidade-v-2-n-11-p-2-2019/> Acesso em: 30. nov. 2023.
- ALPINO, A. M. S. **Consultoria colaborativa do fisioterapeuta: acessibilidade e participação do aluno com Paralisia Cerebral em questão**. 2008. 192f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- ARÊAS, Fabio Leopoldo Camurugi. **Orçamento familiar como forma de planejamento para consumo de participantes de classes sociais distintas: uma pesquisa realizada na associação atlética BANE (AABANE)**. 2020. 66 p. Monografia (Graduação), UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2020.
- ARGÜELLES, M. E.; HUGHES, M. T.; SCHUMM, J. S. Co-Teaching: a different approach to inclusion. **Principal, Reston**, v. 79, n. 4, p. 50-51, 2000.
- BACEDN. **Banco Cental do Brasil**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/Documents/RIF/RIF2019.pdf>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.
- BALADELI, Ana Paula Domingos; BARROS, Marta Silene Ferreira; ALTOÉ, Anair. Desafios para o professor na sociedade da informação. **Educar em Revista**, v. 28, n. 45, p. 155-165, 2012.
- BARRETO, Ana Vilma de Queiroz. **Matemática na ida ao supermercado: a importância da matemática na economia doméstica**. 2022. 43p. Relatório (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal da Paraíba, Taperoá, 2022.
- BASSEDAS, E. A colaboração entre profissionais e o trabalho em rede. IN: SANCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. **Manual de assessoramento psicopedagógico**. Porto Alegre; Artmed, 2022.
- BAUWENS, J.; HOURCADE, J. J.; FRIEND, M. Cooperative teaching: a model for general and special Education. **Remedial and Special Education**, v. 10, n.2, p.17-22.1989.
- BOSIO, Q. F. F.; CORONA, H. M. P.; PONTAROLO, E. Educação Financeira: abordagem interdisciplinar dirigida pela transdisciplinaridade. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 18, n. 45, p. 557–577, 2023. DOI: 10.48075/educare.v18i45.30593. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/30593>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BRASIL. 1996. **Lei n.º 9394, de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: dezembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: **Educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018c: <Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília. MEC/SEF, novembro. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em dezembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. **Supermercados**. Disponível em: <https://www.ufpb.br/educacaofinanceira/contents/menu/educacao-inanceira/supermercado> Acesso em: 30 nov. 2023.

BUGARIM, M.C.C. et al., **Orçamento familiar e controle social: instrumentos de organização da sociedade**. 5.ed. Brasília, DF, 2019.

CAMPOS, André Bernardo. **Investigando como a educação financeira crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos consumidores (JIC'S)**. Mestrado Profissional em Educação Matemática. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1157/1/andrebernardocampos.pdf>. Acesso em 20 de jun. de 2022.

CANDAU, V. M. (Org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAPELLINI, V. L. M. F. **A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns: avaliação do rendimento acadêmico**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.

CARNEIRO, M.; MATIAS, A.B. **Orçamento empresarial: Teoria e Prática e novas técnicas**. São Paulo: Atlas, 2021.

CENCI, Jaci José; PEREIRA, Iselda; BARICHELLO, Rodrigo. Educação financeira, planejamento familiar e orçamento doméstico: um estudo de caso. **Revista Tecnológica**, v. 3, n. 2, p. 89-104, 2015. Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/fernandakruger.pdf>. Acesso em 12 de jun. de 2022.

CERICATO, Itale; CERICATO, Lauri. A formação de professores e as novas competências gerais propostas pela BNCC. **Revista Veras**, v. 8, n. 2, p. 137-149, 2018.

COSTA, Cristiano Machado; MIRANDA, Cléber José. Educação Financeira e taxa de poupança no Brasil. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 3, p. 57-74, 2013.

Disponível em: <http://atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/RGFC/article/view/2160/1899>. Acesso em 20 de jun. de 2022.

COSTA, Manoel dos Santos et al. Reflexões acerca do currículo de matemática dos anos finais do ensino fundamental à luz da interdisciplinaridade de acordo com a BNCC. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 103248-103256, 2020.

DA SILVA, M.L. **Contabilidade pessoal**: uma proposta para a contabilização do patrimônio das pessoas físicas. UFSC, 2020. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Contabeis292629>>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA TODA A VIDA: **Sobre o projeto Educação Financeira para toda a vida**. Disponível em: <http://ufpb.br/educacaofinanceira/contents/menu/educacao-financeira/Sobre>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. 10. ed. Campinas: Papirus, 2002.

FERNANDES, André Henrique de Souza; CANDIDO, João Gremmelmaier. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/36123244/4868-17395-1-PB.pdf>. Acesso em 23 de jun. de 2022.

FIGUEIREDO, Gabriele Barrilli; BEGOSSO, Luiz Carlos. Educação financeira: um jeito mais prático de aprender. **Revista Intelecto**, Assis, v. 3, p. 1-10, 2020. Disponível em: https://www.fema.edu.br/images/Intelecto2020/EDUCA%C3%87%C3%83O_FINANCEIRA__UM_JEITO_MAIIS_PR%C3%81TICO_DE_APRENDER.pdf Acesso em: 29 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Fabrício Monte; SILVA, João Alberto da; LEITE, Maria Cecília Lorea. Diretrizes invisíveis e regras distributivas nas políticas curriculares da nova BNCC. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 857-870, 2018.

FREZATTI, Fábio. **Orçamento empresarial**: planejamento e controle gerencial. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GERSTEN, R.; CARNINE D.; ZOREF, L.; CRONIN D. Um estudo multifacetado de mudança em sete escolas do centro da cidade. **Diário da Escola Primária**, v. 56, n. 3, p. 257-276, 1986.

GRAVINA, Raquel Carvalho; SILVA, Amarildo Melchiades da. **Educação financeira escolar**: orçamento familiar. Dissertação de Mestrado profissional em Educação Matemática. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/831/1/raquelcarvalhogravina.pdf>. Acesso em 12 de jun. de 2022.

HOJI, M. **Administração financeira na prática**: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal. Ed. Atlas, São Paulo-SP, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE – Orçamento familiar**: pesquisa de orçamentos familiares. <https://ces.ibge.gov.br/apresentacao/portarias/200-comite-de-estatisticas-sociais/base-de-dados/1145-pesquisa-de-orcamentos-familiares.html> Acesso em: 30 novembro 2023.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 30 novembro 2023.

IDOL, L.; NEVIN, A.; PAOLUCCI-WHITCOMB, P. **Collaborative consultation**. Pro-ed, 2000.

IEF - Instituto de Estudos Financeiros. **Planejamento financeiro familiar**. Disponível em: < <http://www.ief.com.br/bolso.htm> > Acesso em: 29 de novembro de 2023.

INFOMONEY. **Dicas de como fazer o orçamento funcionar**. Disponível em: < http://web.infomoney.com.br/suas_financeas/orcamento/familia/>. Acesso em 28 de setembro de 2023.

JOHNSON, L.J.; PUGACH, M.C. Colaboração entre pares: acomodando alunos com problemas leves de aprendizagem e comportamento. **Crianças Excepcionais**, v. 57, n. 5, p. 454-461, 1991.

KAWPWIRTH, T. J. **Collaborative consultation in the schools**: effective practices for students with learning and behavior problems. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2019.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

KRÜGER, Fernanda. **Avaliação da educação financeira no orçamento familiar**. Trabalho de conclusão de curso (TCC). Fundação Adolpho Bósio de Educação no Transporte (FABET). Faculdade de Tecnologia Pedro Rogério Garcia (FATTEP) Santa Catarina, 2014. Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/fernandakruger.pdf>. Acesso em 15 de jun. de 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. Profissão professor ou adeus professor, adeus professora? exigências educacionais contemporâneas e novas atitudes docentes. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente**. SP, Cortez: 1998.

LOPES, J.J.M. **A importância do orçamento familiar**. FEAD, Belo Horizonte, 2020.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LUCKESI, C. C.; **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, Jurandir Sell Jr. **A árvore do dinheiro**: guia para cultivar sua independência financeira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020.

MACHADO, A. C.; BELLO, S. F.; ALMEIDA, M. A.; TOYODA, C. Y. Consultoria colaborativa na visão de professoras do ensino público regular. **Anais do III Congresso Brasileiro de Educação Especial**. São Carlos. 2 a 5 de dezembro, 2018.

MARCHELLI, Paulo Sergio. Base nacional comum curricular e formação de professores: o foco na organização interdisciplinar do ensino e aprendizagem. **Revista de estudos de cultura**, n. 7, p. 53-70, 2017.

MELCHIORI, L. E.; SOUZA, D. G. ; ROSE, J. C. Reading, equivalence and recombination of units: a replication with students with different learning histories. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 33, n. 1, p. 97-100, 2000.

MELLO, E. **Educação financeira e sustentabilidade andam de mãos dadas**. 2022. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/colunas/evandro-mello/educacao-financeira-sustentabilidade-investimento/> Acesso em: 29 nov. 2023.

MENDES, Enicéia; ALMEIDA, Maria; TOYODA, Cristina. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, p. 80-93, 2021.

MENDES, R. H. **O que é Desenho Universal para aprendizagem?** diversa: educação inclusiva na prática. Instituto Rodrigo Mendes. 2021. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem/#:~:text=Tornar%20a%20vida%20das%20pessoas,um%20conceito%20chamado%20Desenho%20universal.&text=Surgia%2C%20ent%C3%A3o%2C%20o%20Desenho%20universal,Harvard%2C%20liderado%20por%20David%20Rose>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MERCADINHO. **Projeto desenvolvido no Centro Educacional Queen**, localizado em Curicica, Rio de Janeiro nas turmas do Ensino Fundamental 1. (Jornada para o desenvolvimento infantil), 2019.

MORAES, Aline Reissuy de; PEREIRA, Luiz Henrique Ferraz. **Guia para as aulas de educação financeira no Ensino Médio**. Passo fundo: ed. Universidade de passo fundo, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/559604/2/Guia%20para%20as%20aulas%20-%20Ed.%20Financeira.pdf> Acesso em: 29 nov. 2023.

MORAES, M. C.; **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Centro OCDE/CVM de Educação e Alfabetização Financeira para América Latina e o Caribe. 2005**. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso em 15 de jun. de 2022.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **OECD's Financial Education Project. 2005**. Disponível em: <http://www.oecd.org/>. Acesso em 15 de jun. de 2022.

OLGIN, C.; SILVA, L. Interdisciplinaridade: explorando o tema Educação Financeira na EJA. **Communitas**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 36–55, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5347>. Acesso em: 4 dez. 2023.

OLIVEIRA, C.B.; MARQUES, E.F.; PASQUA, T.D. **Análise da viabilidade financeira para ampliação da tornearia blank**. Cascavel-PR, 2021. Disponível em: Acesso em: 4 dez. 2023.

PASSOS, Carmensita Matos Braga. **Novos projetos pedagógicos para formação de professores: registros de um percurso**. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2007.

PECK, C.A.; KILLEN, C.C.; BAUMGART, D. Aumento da implementação do ensino de educação especial em pré-escolas regulares: efeitos diretos e generalizados da consulta não diretiva. **Jornal de Análise Aplicada do Comportamento**, v. 22, n. 2, p. 197–210, 1989. <https://doi.org/10.1901/jaba.1989.22-197>

PERTUZATTI, Ieda; DICKMANN, Ivo. Alfabetização e letramento nas políticas públicas: convergências e divergências com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 27, n. 105, p. 777-795, 2019.

PICCINI, Ruberlan Alex Bilha; PINZETTA, Gilberto. Planejamento financeiro pessoal e familiar. **Unoesc & Ciência-ACSA**, v. 5, n. 1, p. 95-102, 2014. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/52042242/4555-16292-1-PB.pdf>. Acesso em 15 de jun. de 2022.

PICCOLI, Marcio Roberto; DA SILVA, Tarcisio Pedro. Análise do nível de educação em gestão financeira dos funcionários de uma instituição de ensino superior. **Revista Economia & Gestão**, v. 15, n. 41, p. 112-134, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/download/7249/8990>. Acesso em 17 de jun. de 2022.

PINTO, Á. V.; **Sete lições sobre educação de adultos**. 15. Ed São Paulo: Cortez, 2007.

POF. Pesquisa de Orçamentos Familiares. **Pesquisa de orçamentos familiares – IBGE**. Disponível em: <https://necat.ufsc.br/pesquisa-de-orcamentos-familiares-ibge/#:~:text=Segundo%20a%20descri%C3%A7%C3%A3o%20do%20IBGE,an%C3%A1lise%20de%20seus%20or%C3%A7amentos%20dom%C3%A9sticos>. Acesso em: 01 dez. 2023.

SALEH, Abdala Mohamed; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. O elemento financeiro e a Educação para o Consumo Responsável. **Educação em Revista**, v. 29, n. 4, p. 189-214, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982013000400009&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 15 de jun. de 2022.

SANTOS, Adla Carla; SILVA, Maciel. Importância Do Planejamento Financeiro No Processo De Controle Do Endividamento Familiar: Um Estudo De Caso Nas Regiões Metropolitanas Da Bahia E Sergipe. **Revista Formadores**, v. 7, n. 1, p. 05-17, 2014. Disponível em: <http://seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/viewFile/396/413>. Acesso em 18 de jun. de 2022.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 8 eds. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SERASA. Serviços de Assessoria S.A. **O que é orçamento pessoal e familiar e como organizá-lo**. 2022. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/score/blog/o-que-e-orcamento-pessoal-e-familiar-e-como-organiza-lo/> Acesso em: 01 dez. 2023.

SOUZA, Amanda dos Santos Reda de et al. Projetos de trabalho para a aprendizagem interdisciplinar de Língua Portuguesa, Matemática e Tecnologias digitais: uma experiência com alunos do 6º ano. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, v. 6, n. 2, p. 183-196, 2019.

SOUZA, Demson Oliveira et al. Contribuições da educação financeira para alunos do ensino técnico integrado de nível médio. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 6., 2019. **Anais eletrônicos...** [S. l .]: Realize, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/59678> Acesso em: 29 nov. 2023.

STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Celadec, 2005.

TEIXEIRA, Cristina Simone de Sena; SILVA, Cristiano Cezar Gomes da; LIMA, Conceição Maria Dias. Projeto educação é mais cultura: a interdisciplinaridade em favor da (re) construção da identidade cultural traipuense. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 1, p. 591-602, 2020.

TOMAZ, V. S.; DAVID, M. M. M. S. **Interdisciplinaridade e aprendizagem da matemática em sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

WEISS, M. P.; LLOYD, J. Conditions for co-teaching: lessons from a case study. **Teacher Education and Special Education**, v. 26, n.1, p. 27-41, 2020.

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, v. 6, n. 11, p. 155-170, 2011. Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/download/32/17>. Acesso em 14 de jun. de 2022.

XAVIER, Emília Damásia de Sousa. SOUZA, Juliana Behrends de. Educação financeira nas séries iniciais do Ensino Fundamental: uma experiência com alunos da Escola Dona Antonieta Melges De Camargo. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.**, v. 6, p. 131-146, jan. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/matematica/educacao-financeira> Acesso em: 29 nov. 2023.